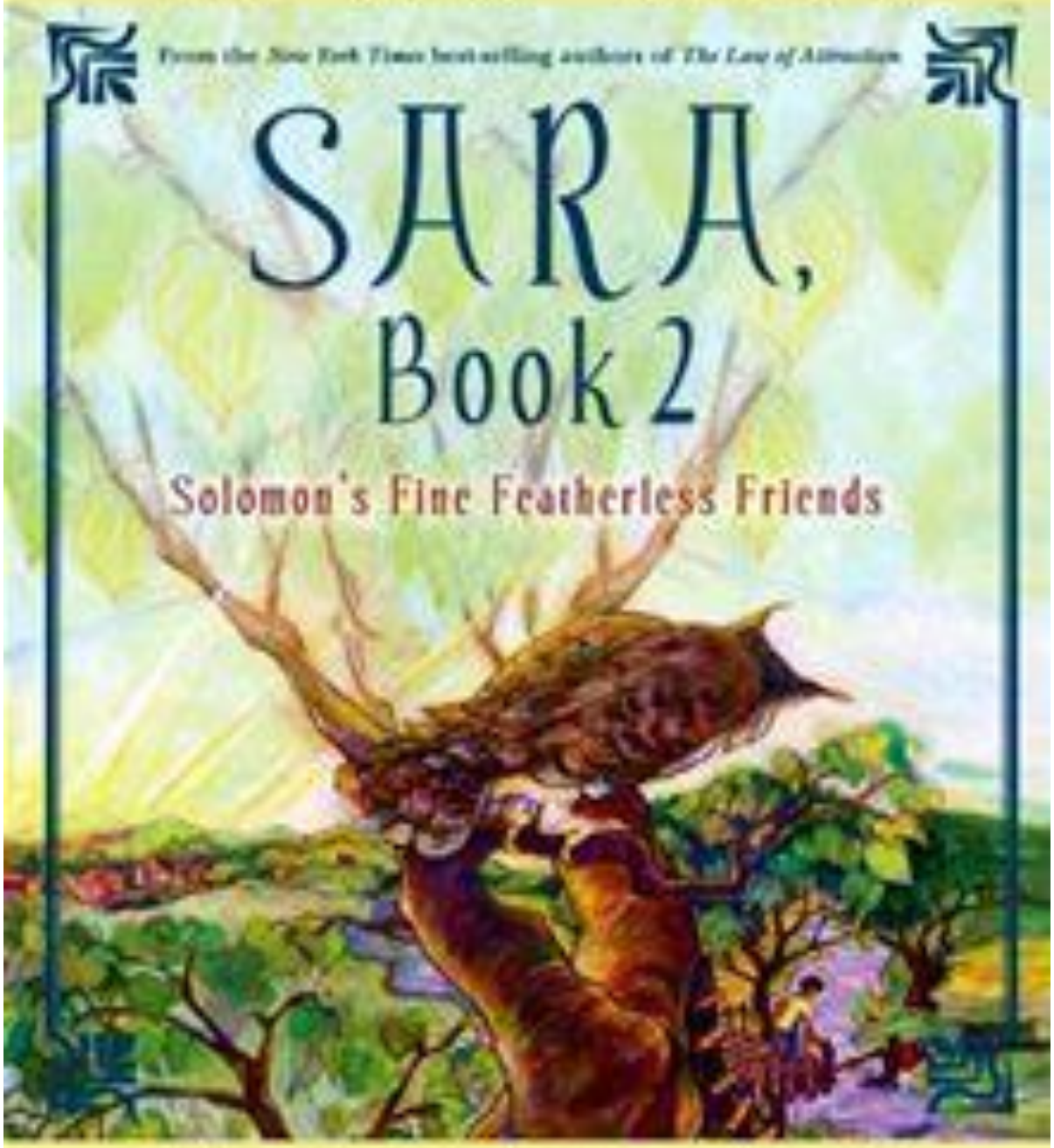
THE SARA SERIES

From the *New York Times* best-selling authors of *The Law of Attraction*

SARA, Book 2

Solomon's Fine Featherless Friends



A fresh, fast-paced, fun filled adventure in wisdom . . . a giant step in your journey of becoming

ESTHER AND JERRY HICKS
(The Teachings of Abraham®)

O LIVRO DE SARA II

Introdução

Raramente tem alguma coisa que eu leio que me faz dar gargalhadas. Mas eu estive revisando esta nova estória de Sara, e Esther frequentemente me chama de seu escritório "Do que você está rindo?" à medida que sou pego de novo e de novo pelo humor inteligente do meu velho amigo Salomão e do novo brilhante amigo de Sara, Seth.

"Os bons amigos sem penas de Salomão" é o livro que promete levar você numa jornada emocional às alturas da compreensão e do bem-estar que vão repetidamente e para sempre prosperar e deliciar você.

A diversão que você terá com Sara e Seth enquanto você descobre a pura e prática fórmula para preencher seu propósito de vida será uma experiência que você poderá compartilhar com todos que você ama. Não importa quão bem você se sente agora, você se sentirá ainda melhor uma vez que você experiencie este novo livro de Sara. Nós garantimos que você vai se deliciar nesse novo passo gigante na sua jornada de tornar-se mais alegre.

Jerry Hicks.

Capítulo 1
Alcançando a felicidade

- Seth, sua casa está em chamas!
- Sim, claro – Seth zombou, estressando-se contra outra investida de zombarias às suas custas. A corrida de oito quilômetros para casa no ônibus da escola parecia ser de cem quilômetros. O estresse sempre começava logo que embarcava no ônibus e durava sem descanso até o desembarque.

Começou em março passado, no seu primeiro dia na nova escola, quando sua família mudou-se para o lugar do velho Jonhson no alto da colina. A casa estivera vazia por algum tempo até se mudarem para lá. E mesmo já morando na casa por alguns meses, não parecia muito diferente agora de quando ninguém estava morando lá. As mesmas cortinas puídas estavam na janela da cozinha, a única janela que ainda tinha cortinas. O piso de madeira estava áspero e gasto e as paredes eram cobertas de marcas e rachaduras e furos de pregos e todos os tipos de evidências dos muitos inquilinos que viveram brevemente por lá.

Ninguém na família parecia importar-se com a aparência da casa, afinal. Não se importaram com a anterior também, nem com a outra antes daquela. Era com a terra que seus pais estavam mais interessados. Terra para jardins e vacas leiteiras e cabras. Terra requisitando incessante e constante trabalho. Terra que produzia pouco mais que o necessário para a família sobreviver.
Seth não se sentou. Continuou deitado de costas, aninhado apertadamente no pequeno ônibus com seu suéter sobre o rosto, fingindo que estava dormindo.

Ele não recuou mais da cobra de borracha do Patrick. Você pode morrer de medo tantas vezes com o mesmo truque bobo. Nem desde o primeiro ou segundo dia no ônibus Seth sentou sobre algo afiado ou molhado. Com experiência suficiente, você aprende a olhar onde você senta ou pisa. (Só uma vez ele jogou-se despreocupadamente no seu assento esperando que ele o segurasse como todo ônibus em que estivera antes desse, só para descobrir – enquanto seu assento escorregava para trás esmagando os joelhos das meninas sentadas atrás dele, que gritaram com raiva – que seus maliciosos colegas de ônibus trabalharam por todo o trajeto do ônibus naquela manhã para desparafusar o assento planejando deixa-lo livre e disponível para Seth na volta para casa no fim do dia).

De aranhas falsas a verdadeiras, de poças de água a poças de mel em seu assento, Seth agora acreditava que ele viveu para descobrir o arsenal de truques limitado e sem imaginação desses valentões. E essas corridas de ônibus, enquanto certamente longe de prazerosas, não mais produziam reais emoções nele.

- Seth, sua casa está em chamas! Sério Seth, olhe!

Seth continuou deitado em seu assento, olhos fechados, sorrindo, aproveitando que por uma vez, parecia, ele tinha algum domínio sobre as coisas. Ele podia ouvir alguma coisa nova nas vozes deles. Eles realmente queriam alguma coisa dele que ele agora podia recusar. Talvez as coisas estivessem mudando. Talvez seu pai estivesse certo e o tempo fez as coisas melhorarem.

- Seth! – a voz do motorista do ônibus explodiu – Levante! Sua casa está em chamas!
O coração de Seth parou. Ele não hesitou mais. Sentou-se e olhou para a encosta da colina e viu sua casa assim como estava, completamente envolvida em chamas.

O motorista desviou para o lado da estrada e abriu a porta do ônibus. Seth ficou congelado olhando pela janela para a fumaça ondulando para cima. A fumaça era tão densa que não dava para ver o dano causado, e ele não via ninguém por perto.

Não havia um carro de bombeiros vindo ao resgate, nem vizinhos clamando por ajuda. Tudo ao redor parecia como sempre esteve. As vacas continuavam a pastar, a velha cabra estava amarrada à árvore, e as galinhas ciscavam no jardim enquanto a casa queimava.

Trixie, a mais velha e amigável dos três cães da família desceu a colina e passou por baixo do portão para receber Seth. Ela lambeu seus dedos e então farejou seus bolsos procurando algum agrado. Mas Seth não a notou. Ele ficou entorpecido assistindo a casa queimar.

O motorista do ônibus partiu, dizendo a Seth que ele iria pedir socorro na próxima parada, e Seth acenou hesitante. Não havia realmente sentido em chamar socorro. Ele pode ver, conforme o vento mudou e a fumaça saiu da frente, que a casa tinha queimado completamente até o chão. A única coisa ainda em pé era a coluna de tijolos que foi uma lareira e sua chaminé. Seth pode ouvir alguns cliques suaves de alguma madeira ainda queimando e algum pop, pop ocasional, como se alguma lata de alguma coisa explodisse no cascalho.

Seth sentiu-se estranho enquanto ficou observando os pedaços de madeira que sobraram em brasa. O que ele sentia não era tristeza – nem mesmo um grande senso de perda que se poderia esperar numa situação dessas – apenas um estranho sentimento de vazio. Não havia nenhuma razão para algum real senso de perda porque, na verdade, muito pouco foi realmente perdido. Ele não estava temeroso que algum membro da família tivesse ficado preso lá dentro, pois seus pais estavam na feira todas as terças e quartas, e seu irmão menor Samuel esteve com ele no ônibus até descer na residência da Sra. Whitaker para trabalhar em seu jardim. E não havia sensação de perda de posses valiosas, pois não tinham nenhuma. Tinha um livro da biblioteca que foi retirado e não devolvido, e Seth sentiu uma ponta de culpa, pois agora não poderia mais devolvê-lo.

Embora ele não pudesse identificar claramente para si mesmo neste traumático momento, o que Seth estava sentindo era mais um senso de perda por não ter nada para perder. Essa experiência extrema de má sorte não era, de modo algum, um incidente isolado na família Morris. Parecia que as coisas sempre ficavam ruins, cedo ou tarde.

Seth sentou no toco da árvore de costas para o sol da tarde, com sua sombra alongando-se pelo jardim até onde sua casa esteve. Ele ficou imaginando por que demorava tanto para alguém responder ao aviso do motorista do ônibus de que a casa estava em chamas. Ele queria que seus pais chegassem.

Sentado ali sentindo-se vazio e solitário, ele começou a relembrar a longa corrente de má-sorte que sua família tem vivido. Em sua curta vida, sua família já morou em mais de duas dúzias de casas, a maioria pequenas fazendas e a maioria sem os confortos da vida moderna; muitas sem encanamento e várias sem nem mesmo eletricidade. Sua família mudava-se de fazenda para fazenda, cultivando o que podiam, comendo qualquer coisa que pudessem cultivar ou matar, e vendendo qualquer coisa que as pessoas nas cidades vizinhas comprassem para poder comprar as coisas que não pudessem cultivar. Seus pais, embora jovens, pareciam velhos e ele não podia se lembrar da última vez que qualquer um deles pareceu feliz por qualquer coisa.

Parecia para Seth que ele e seu irmão Samuel estavam sempre metidos em problemas. Seth sempre imaginou se sua fonte primária dos seus problemas seria por eles desejarem ser felizes num mundo que seus pais decidiram que não era feliz. Era como se seus pais estivessem determinados a prepara-los apropriadamente para os infelizes apuros do seu futuro, e quanto antes eles pudessem ter uma mórbida insatisfação com a vida, mais fácil seria para eles. Nenhum sonho era encorajado, diversão era minimamente tolerada, e nada frívolo era permitido.
Mas a toda hora as circunstâncias simplesmente pediam isso, e os meninos – que eram meninos afinal – agiam enquanto seus pais olhavam com desaprovação.

Enquanto as cinzas fumegavam, Seth fitava inexpressivamente a fumaça relembrando a última fazenda. Era talvez o pior lugar onde já viveram. A casa não era afinal uma casa de modo algum, mas um velho celeiro sem janelas e uma grande porta. O chão era de madeira elevada alguns centímetros acima da sujeira, e as rachaduras eram tão grandes que grandes roedores não tinham problema de ir e vir por elas, e o faziam frequentemente. Em tempo, nenhum esforço era feito para contê-los; a família cresceu acostumada a vê-los e era parte da vida.

Uma vez que a casa, ou celeiro, ou qualquer que seja o nome, era a única estrutura na propriedade, tudo que era visto com algum valor era colocado ali dentro; mesmo sacas de ração dos animais eram empilhadas ao longo de uma parede perto da porta grande. Um dia quando ninguém estava em casa a mula da família literalmente derrubou a porta da frente e alegremente devorou a farinha, melado e aveia. Ela conseguiu causar tanto dano à porta e ao batente que a frente da estrutura estava perigosamente inclinada. Então a família mudou-se para uma barraca até os reparos no celeiro serem feitos.

Seth lembrou de estar feliz porque estavam fora do celeiro fedido e desejando que a coisa toda desabasse. Durante a noite, enquanto estavam dormindo na barraca ele teve seu desejo: a construção pegou fogo, ninguém sabe como, e queimou até o chão.

Poxa, o que há conosco e com essas casas velhas se incendiando? Seth pensou enquanto estava empoleirado no toco olhando a fumaça subindo. O vento mudou e a fumaça do cascalho em brasa envolveu Seth, fazendo seus olhos lacrimejarem. Ele saiu da fumaça e sentou-se numa tora sob uma grande árvore ao lado da casa e continuou a relembrar seu passado sombrio.

A barraca, mostrou-se prover um refúgio muito menos que satisfatório para a família, pois Judy, a mula, achou muito mais fácil de derrubar o celeiro para buscar aveia. Em apenas duas

semanas ela rasgou a barraca cinco vezes e os pais de Seth estavam procurando uma nova solução. E Judy, importante para a fazenda porque puxava o arado e a carroça, não foi morta apesar da mãe de Seth ameaça-la várias vezes.

Assim foi que Seth e sua família acabaram morando numa caverna. Seth e seu irmão sabiam da caverna há meses. Eles sempre iam lá para escapar das intermináveis tarefas que seus pais inventavam. Nunca havia um tempo para a família apenas sentar improdutivamente, e apenas ser. Isso era visto como tão inútil quanto desperdiçar farinha, sabão ou dinheiro. Mesmo a água era usada cuidadosamente, uma vez que era guardada num barril na carroça atrás de Judy. Nenhum desperdício era permitido. E nenhum tempo era desperdiçado.

Mas os meninos descobriram a caverna numa tarde enquanto procuravam Judy, que tinha sumido de novo. Ficava na parte de trás da propriedade, perto do campo usado para plantar aveia, mas não à vista do campo. Você tinha que saber que a caverna estava lá para acha-la, pois ervas e arbustos altos cobriam completamente a entrada. Seth e Samuel mantiveram a caverna em segredo, prometendo a si mesmos que não importasse o motivo, permaneceria sendo seu refúgio especial. Eles sempre falavam sobre a sorte de terem descoberto um lugar tão bom para se esconder. E mesmo que raramente fossem à caverna, e dificilmente iam juntos, ambos sabiam que estava lá e ambos amavam saber que estava lá.

- Vocês garotos viram alguma caverna nessa terra? – rosnou o pai de Seth.

Os olhos de Seth imediatamente olharam para baixo, e ele segurou a respiração esperando que Samuel não entregasse seu precioso segredo. Ele curvou-se e pegou um prego do chão e brincou com ele entre os dedos como se fosse tão importante que ele não pudesse focar nas palavras do pai e fazer essa coisa importante ao mesmo tempo.
Samuel estava quieto. Seus olhos dardejavam Seth, e Seth tentou ficar frio.

- Ed Smith disse que há uma velha caverna lá atrás nas moitas na base do penhasco – seu pai continuou – Ele diz que tem um bom tamanho e seria um bom abrigo. Vocês viram?

Seth pensou em negar que soubessem alguma coisa sobre a caverna, pois certamente estariam em apuros por manter esse segredo, pois certamente era evidência de que estiveram desperdiçando tempo. (Pro outro lado, quando seu pai descobrisse a caverna, e certamente descobriria, se eles negassem saber dela e seu pai encontrasse suas pilhas de pedras e a manta de sela velha de Judy que misteriosamente desaparecera algumas semanas atrás e proporcionou um confortável canto de repouso para os garotos, junto com uma variedade de revistas e bugigangas que eles recolheram e deixaram por lá, isso seria uma grande encrenca. O tipo de encrenca que Seth nunca contou a ninguém. O tipo de encrenca que ele nem gostaria de pensar).

- Sim, nós vimos. – disse Seth fingindo desinteresse. – É bastante assustadora.

O corpo de Samuel balançou surpreendido por seu irmão mais velho ter entregado tão facilmente. Ele olhou para Seth com descrédito e então olhou para o chão para que ninguém

notasse que seus olhos se enchiam de lágrimas. Agora o segredo estava revelado, e o refúgio se fora.

- Posso mostra-la se quiser, mas não gostará dela. É escura e fedida. E quem sabe que animais vivem lá dentro.
- Não me importo quanto assustadora seja – seu pai resmungou – Vai demorar semanas para reconstruir a casa, e a maldita mula fica derrubando a barraca. A caverna é uma boa ideia. Será mais quente, não tomaremos chuva e já está construída. Onde é?
- Você quer ir agora? – questionou Seth tremendo interiormente de medo. Ele precisava de algum tempo para ir lá e esconder as evidências de quanto estavam realmente envolvidos com essa caverna.
- Não há tempo melhor do que agora – disse seu pai, bebendo um longo gole de água do barril com a caneca e limpando o rosto com a manga. – Vamos.

Seth e Samuel olharam-se e seguiram o pai. Eu vou morrer, pensou Seth enquanto seguia. Sentiu os joelhos fraquejarem, e sentiu enjoar o estômago. Sua mente estava disparada. O que estou fazendo?

Um caminhão veio derrapando até parar no portão e um fazendeiro furioso pisou pesadamente no estribo e gritou para o pai de Seth:
- Seu maldito touro rasgou minha cerca novamente! Eu já lhe disse que vou atirar naquela coisa maldita assim que o vir! Melhor tirá-lo da minha pastagem agora! E quero a cerca consertada também!

Os olhos de Seth dançaram e seu coração começou a cantar. Aquele "touro maldito", como o vizinho chamou, tinha simplesmente salvado a sua vida!
O pai de Seth parou onde estava, resmungou qualquer coisa, e foi para o barracão de ferramentas buscar arame farpado e ferramentas.

- vou com você – cantarolou Seth.
- Com o que você está tão contente? – grunhiu o pai.
- Nada – disse Seth – Nada.

Capítulo 2
Mudando-se novamente

Seth ouviu a batida das portas do caminhão e isso o jogou de volta ao presente. Ele olhou para o que fora uma casa, agora apenas uma pilha de entulho. Impressionante o pouco tempo que levou para uma casa inteira queimar até o chão.

Seth ouviu sua mãe engasgar, e então ele ouviu alguma coisa que ele não lembrava de ter ouvido antes. Sua mãe estava chorando.

Seu pai subiu pela colina e sentou-se no tronco ao lado de Seth, e sua mãe sentou-se arrasada no estribo do caminhão, soluçando silenciosamente, seu pequeno corpo sacudindo tanto que o caminhão balançava em sua molas.
Uma tristeza muito profunda pesou sobre Seth. Ele realmente não se importava com a casa velha horrorosa, mas era claro que sua mãe experimentou uma grande perda. Ela parecia tão cansada, tão derrotada.
Seth nunca viu sua mãe assim. Ele sabia que não deveria tentar confortá-la.

- Melhor que apenas deixe estar – disse seu pai.

Por mais que Seth odiasse a teimosia e a força geniosa de sua mãe, certamente ele preferia isso a vê-la assim. Sua mãe era sempre forte, independente de tudo.
Ele lembrou de quando voltava a pé da escola com um vizinho alguns anos atrás. Roland, seu companheiro de caminhada era um ou dois anos mais velho e cheio de sabedoria, que Seth era ansioso por absorver.

Um dia Roland puxou uma caixa de fósforos do seu bolso. Ele mostrou para Seth como atirar um fósforo da forma certa, assim como uma lança, e se você conseguisse acertar em algo duro como uma pedra do jeito certo o fósforo acenderia. Era difícil de fazer, mas era realmente divertido.

Roland e Seth praticaram de atirar fósforos em pedras todo dia. Estavam ficando bons nisso. Então um dia um fósforo aceso rolou para a grama seca, que pegou fogo. Aconteceu tão rápido. Seth e Roland pisotearam as chamas, mas estava ventando e as chamas espalharam-se rápido, e havia muitas chamas para os garotos pisotearem. O fogo alastrou-se de fazenda em fazenda, queimando acre após acre. Seth podia lembrar dos seus pais chegando em casa depois de horas lutando com o fogo, com sua pele e roupas cobertos de fuligem. Estavam tão exaustos que mal podiam impelir seus corpos pra frente. Arrastados pelo chão atrás deles estavam sacos queimados, sujos e molhados que eles usaram para apagar as chamas.
Seth jamais esqueceria o olhar em seus rostos. Desapontamento, raiva, desgosto, tudo silenciado pela agonizante exaustão física. Seth nunca compreendeu porque permitiriam que ele continuasse a viver depois de fazer algo tão, tão ruim, quando tantas outras infrações relativamente menores lhe trouxeram tantas surras e punições. Mas entretanto ele era esperto o bastante para não tentar descobrir. Ele decidiu que estava bem deixar isso como um dos grandes mistérios do Universo.

Enquanto Seth lembrava daqueles dias mais negros, ele na verdade desejava que sua mãe estivesse com raiva ou exausta agora, em vez de como estava. Ele aprendeu a lidar com a raiva dela, mesmo quando era dirigida a ele, mas ele nunca a vira tão quebrada.

- Onde está Samuel? – Seth ouviu a voz de sua mãe.
Seth ficou tão feliz que sua mãe perguntou, que teve que parar pra pensar onde seu irmão menor estava.

- Ele desceu do ônibus na residência da Sra. Whitaker. Hoje é o dia que ele corta o seu gramado. Ela disse que o traria em casa quando terminasse o serviço se estivesse chovendo. Quer que eu vá busca-lo?
- Não, ele estará bem. Pegue aquela escova grande e veja se pode limpar o refeitório no celeiro. Vamos por um cobertor em cima da porta. E veja se algum daqueles lampiões velhos ainda funcionam. Vou pegar um balde e ordenhar a cabra. Terei que ser cuidadosa com o leite. – Seth ouviu sua mãe murmurar – Será tudo o que teremos para o jantar.

Seth sempre se impressionava como sua mãe lidava com as crises. Ela era como um velho sargento, ditando ordens e pondo ordem nas coisas. E por enquanto Seth não se importava. As circunstâncias de alguma foram pareciam criar um novo sentimento de clareza e Seth colocou-se em ação, sentindo-se vivo e estimulado. Ele viu sua mãe começando a ordenhar a cabra. "Minha mãe tem algo a mais" pensou Seth.

Reconstruir a casa não era uma possibilidade. Precisaria de muito mais recursos do que a família Morris tinha, e além do mais a terra não era deles afinal. O dono da propriedade não tinha um seguro da velha cabana e absolutamente não desejava reconstruí-la, então os pais de Seth decidiram, uma vez mais, que iriam se mudar.

Capítulo 3
Quem é Salomão?

Era uma tarde quente e ensolarada na cidade montanhosa de Sara. De fato, Sara decidira mais cedo que este seria o dia mais lindo daquele ano. E para celebrar esse dia extra lindo ela decidiu ir para o seu local favorito em toda a cidade, seu poleiro inclinado. Ela chamou de seu poleiro inclinado porque ninguém mais na cidade jamais pareceu ter notado sua existência. Sara não podia vir a esse ponto sem lembrar de como passou a existir. Como os trilhos de metal no topo da ponte da Rua Principal tinham sido dobrados sobre o rio quando um fazendeiro local perdeu o controle do seu caminhão ao tentar evitar atropelar Harvey, um cão amigável e sempre errante que todo dia trançava seu caminho dentro e fora do trânsito, sempre esperando que alguém parasse ou desviasse para abri passagem para ele. E até então sempre funcionou assim.
Sara sentia-se aliviada que ninguém ficou ferido naquele dia, nem mesmo Harvey, que muitos achavam que merecia ser atropelado. "Já ouvi falar em gatos terem nove vidas" pensou Sara, "mas não cães".

Ela inclinou-se ali, preguiçosamente olhando o rio fluir abaixo dela. Ela respirou profundamente e apreciou o maravilhoso odor desse rio delicioso. Ela não podia se lembrar de ter se sentido tão bem. "Eu amo minha vida!" disse Sara bem alto, sentindo uma exuberância fresca e ansiando por mais.

"Bem, melhor ir andando", disse Sara para si mesma subindo de volta do seu poleiro e pegando sua mochila e sua jaqueta que ela havia deixado na ponte. Ela ainda estava na ponte quando o caminhão sobrecarregado, inclinado e sacolejante da família Morris passou por ela. Não foi o barulho do motor desajustado, nem os engradados de galinhas amarrados ao teto, nem a cabra

balançando na traseira do caminhão que chamou a atenção de Sara, mas o olhar interessado e intenso do garoto montado ali atrás. Seus olhos travaram nos de Sara e por um instante sentiram como se tivesses encontrado um velho amigo. Então o caminhão foi barulhentamente pela estrada. Sara então jogou a mochila sobre os ombros e correu pela estrada até a encruzilhada, procurando ver onde o caminhão ia. "Parece que vai para o velho sítio Thacker", ela pensou. Hummm...

Sara apertou o passo enquanto tomava o caminho para a casa dos Thacker. Ela estava intensamente curiosa sobre o que ela encontraria.
Sara ouviu que a velha avó Thacker morrera, mas não deu muita importância ao que aconteceria com sua velha casa. Seu marido morrera antes mesmo de Sara nascer, e lhe parecia que a Sra. Thacker acenara "Olá" para Sara a vida toda. Sara nunca conheceu seus filhos, pois todos já eram crescidos e tinham partido antes de Sara ter idade para caminhar pela cidade por conta própria. Ao longo dos anos, Sara aprendeu os padrões da vida dessa senhora independente e agora que ela partiu, sentia um vazio.

Sara ouviu alguém conversando na farmácia sobre a avó Thacker. (Todos na cidade chamavam-na assim). "Seus malditos filhos nem se importaram em vir para o funeral", ela ouviu o farmacêutico reclamar. "Aposto que virão rapidinho para pegar algum dinheiro que ela tenha deixado. Espera pra ver".

Enquanto andava, Sara ia sentindo-se mal e pior. E ela sabia bem porque.
- Salomão, eu não queria ninguém se mudando para a casa da avó Thacker – ela reclamou. – Salomão, pode me ouvir?

- Quem é Salomão? Com quem você está falando? – Sara ouviu a voz de um garoto atrás dela.

Ela virou-se, surpresa por ter sido ouvida. Tinha certeza que seu rosto estava ficando vermelho. "De onde será que ele surgiu?" ela pensou, com a mente atrapalhada. Sara não podia crer que isso aconteceu. Pela primeira vez ela foi pega falando com Salomão.

Sara não estava disposta a responder. Ela nunca tinha contado sobre Salomão para ninguém, e certamente não estava a fim de contar para alguém totalmente estranho este segredo tão importante.

Era uma história incrível. Ela nem sabia como faria alguém acreditar que ela encontrou uma coruja, no ano passado na trilha Thacker; a coruja podia falar, e se chamava Salomão. E que mesmo depois que seu irmão menor Jason e seu amigo Billy atiraram e mataram Salomão ela ainda era capaz de conversar com ele. Sara sabia que ninguém acreditaria que ela podia ouvir a voz de Salomão dentro da sua cabeça.

Houve tempos em que Sara desejou ter alguém para compartilhar essa experiência extraordinária, mas achou muito arriscado. Se não compreendessem, poderiam arruinar as coisas. E Sara gostava das coisas do jeito que eram com Salomão. Ela gostava de ter um amigo especial só para ela – um amigo sábio e maravilhoso que tinha resposta para tudo que ela podia

perguntar – um professor que sempre pareceu surgir na hora certa para ajudar a esclarecer alguma coisa que Sara estava tentando compreender.

- Não fique envergonhada. Eu falo sozinho o tempo todo também – disse Seth. – Dizem que não há motivo para se preocupar a menos que você comece a responder para si também.
- É, acho que sim – Sara gaguejou, ainda enrubescida e envergonhada e parecendo triste. Ela respirou fundo e levantou os olhos. E lá estavam aqueles olhos novamente, olhos familiares como os de um velho amigo.
- Eu sou Seth. Eu acho que nós vamos morar aqui, ou melhor, logo ali – ele disse apontando na direção da velha casa da avó Thacker.
- Eu sou Sara. Moro depois do rio, um tanto abaixo da estrada – a voz de Sara tremia enquanto falava. Isso realmente a deixou desequilibrada.
- Meu pai mandou eu ver se a água do afluente é limpa e a que distância está. Acho melhor eu voltar.

Sara estava aliviada. Tudo o que ela queria era fugir, tão longe quanto possível, desse estranho garoto novo que não estava na cidade nem por uma hora e já tinha conseguido se intrometer no segredo mais importante de toda sua vida.

Capítulo 4
Tudo está bem

- Sara! – Seth chamou.
Sara continuou, virando-se e andando de costas para ver quem era.
- Ei, como vai? – perguntou.

Ela parou e esperou que Seth a alcançasse, mudando a mochila de um ombro para o outro. Ela sentiu uma estranha mistura de emoções. Parte dela estava sinceramente atraída por Seth, embora ela não soubesse porque; ela mal o conhecera e realmente não sabia nada sobre ele. Outra parte dela só queria que ele fosse embora – pra fora da casa da avó Thacker, fora da trilha Thacker, e fora de saber qualquer coisa sobre Salomão.

Seth correu para alcança-la, e quando chegou até ela ele tirou sua jaqueta e jogou-a sobre o ombro. Sara sentiu-se tensa, fortalecendo-se para a próxima pergunta inevitável "Quem é Salomão"?

- Carrego isso pra você se quiser – disse Seth educadamente.
Sara gaguejou por um instante. Ela estava tão certa que ele perguntaria sobre Salomão que ela não tinha certeza do que tinha ouvido.

- O quê?
- Eu me ofereci para carregar a sua mochila.
- Ah não, obrigada. Eu levo – Sara respirou fundo e relaxou um pouco.
- Mora aqui há muito tempo?

- Sim, a vida toda.
- A vida toda? Mesmo? Isso é incrível!
Sara não estava certa se era incrível no bom ou mau sentido.
- Por que você está tão surpreso? – perguntou Sara. – Muitas das pessoas que moram aqui sempre moravam aqui.

Seth estava quieto. Ele estava pensando sobre em quantos lugares diferentes sua família morou em sua curta vida. Ele mal podia imaginar o que seria morar num mesmo lugar pela vida toda. Ele gostaria dessa estabilidade. Ele sequer viveu um mesmo lugar por um ano escolar inteiro. Ele não podia se imaginar estando em uma sala de aula com os mesmo colegas ano após ano.

- Deve ser legal ter tantos amigos – disse Seth
- Bem, não são realmente agimos – suspirou Sara. – Só porque conheço seus nomes isso não faz deles meus amigos. De onde você é?
Seth riu zombeteiramente.
- De onde? De lugar nenhum!
- Ora, vamos! – provocou Sara. – Você tem que ter vindo de algum lugar! Onde você morava antes de vir para cá?
- Arkansas. Mas não moramos lá por muito tempo. Nunca moramos num lugar por muito tempo.
- Deve ser divertido – disse Sara, pensando em quanto completamente já tinha explorado sua pequena cidade montanhosa. – Eu adoraria morar em diversos lugares. Este lugar é tão pequeno, e há tanta coisa no munda para ver.

Seth gostou que Sara estivesse interessada em sua vida instável. Sara acalmou-se também porque Seth não estava perguntando sobre Salomão.
Eles pararam no meio do cruzamento. Essa era a esquina onde Seth dobrava para ir para sua casa e Sara seguia reto outro quarteirão até a sua.

- Eu gostaria de ouvir sobre alguns dos lugares onde você morou.
- É... – disse Seth hesitante. Ele realmente não gostaria de contar para Sara sobre nenhum deles. Ele não gostava muito disso. – Talvez você possa mostrar-me os arredores daqui. Tenho certeza que há coisas legais para ver.
- Certamente – Sara respondeu apesar de estar certa de que tinha muito pouca coisa nesta pequena cidade para mostrar para Seth. Ele morou em tantos lugares diferentes. "É, vamos caminhar por uma hora e lhe mostrarei todos os lugares que conheço" – pensou Sara sarcasticamente.
- Até mais! – disse Seth enquanto dobrava a esquina.
- Até! – disse Sara.

- Olá, Sara! – Sara ouviu a voz de Salomão em sua cabeça. Ela olhou rapidamente pra Seth. Ela estava tão acostumada a ouvir a voz de Salomão que por um breve instante pensou que Seth tinha ouvido também.
Naquele momento Seth estava olhando para Sara, e Sara fez um tímido meio aceno; e Seth também.

- Ah não... De novo, não... – sussurrou Sara. Como Seth continuava entrando no meio das suas conversas com Salomão?
Sara não acreditava realmente que Seth tivesse ouvido a voz de Salomão, pois ninguém mais podia escutar essa voz, mas o conjunto das circunstâncias e o momento da chamada de Salomão deixaram-na confusa.
Sara queria estar certa que Seth já tinha ido embora, então esperou até que ele dobrasse outra esquina e ficasse fora de vista.

- Oi Salomão.
- Vejo que você conheceu Seth.
- Você conhece Seth? – falou Sara, e então sorriu lembrando que Salomão sabia de tudo.
- Ah sim, Sara, conheço há um bom tempo. Fiquei satisfeito com o encontro de vocês mesmo antes desse encontro realmente acontecer.
- Você sabia que nos encontraríamos?
- As experiências de vida de Seth provocaram muitos questionamentos intensamente focalizados. Pude senti-lo encaminhando-se à minha experiência e então, claro, é lógico que também se encaminharia para a sua experiência, Sara. Somos todos aves da mesma plumagem, você sabe.
- É verdade Salomão? Seth é como eu e como você?
- Sem dúvida é, Sara. Um buscador intenso, um alavancador nato, e um verdadeiro mestre.

Sara sentiu uma ponta de desconforto. Ela adorava sua relação com Salomão. Ela não estava certa de que queria compartilhar isso com esse novo garoto estranho.

- Tudo está bem, Sara. Tudo está muito bem. Todos nós teremos tempos maravilhosos juntos.
- Bem, se você diz, Salomão.

Sara pode ver seu irmão menor Jason correndo para alcança-la, mas ela já tinha tido o bastante de pessoas ouvindo suas conversas com Salomão.
- Obrigada, Salomão. Nos falamos depois.
Salomão sorriu. Sara estava crescendo tão rápido.

Capítulo 5
Seth encontrou a trilha de Thacker

- Ei Sara, o que está fazendo?

Sara levantou os olhos do seu livro e sorriu enquanto Seth deslizava para a cadeira ao lado dela na pouco usada biblioteca do andar de cima da escola. A bibliotecária lançou um olhar sério desejando calar esses dois que conversavam abertamente na biblioteca.

- Ah, nada de mais – sussurrou Sara.

Não querendo que Seth se envolvesse com sua revista, Sara fechou o livro rapidamente. Uma das coisas que Sara mais amava na escola era montar uma revista sobre algum tema especial para uma das suas aulas. Apesar de não ser realmente uma boa artista, ela adorava selecionar artigos, imagens e qualquer outra coisa associada ao assunto e arrumá-los caprichosamente nas páginas para a sua aula. Suas revistas eram frequentemente classificadas como excelentes pelos seus professores, e eram quase sempre igualmente desprezadas por seus colegas. Ela sabia que normalmente era deixada de lado, mas a aprovação dos professores de alguma forma compensava a desaprovação dos colegas, então alegremente Sara continuava com as revistas.

Essa revista era sobre folhas. Sara recolheu centenas de folhas de árvores e arbustos e de flores de jardim, e agora estava fazendo o melhor que podia para identifica-las. Ela tinha livros sobre folhas espalhadas por toda a mesa, mas tinha identificado apenas uma fração delas. Ela estava surpresa com quão pouco ela realmente sabia sobre as coisas que estavam ao seu redor, e estavam lá por toda a sua vida. Há tanto para aprender!

- Você gosta de folhas? – perguntou Seth vendo os livros abertos à frente de Sara.
- Sim, eu acho – respondeu Sara fingindo tédio. – Na verdade eu estava apenas tentando descobrir que tipos de folhas eu recolhi. É para uma aula. Não sou muito boa nisso.
- Eu sei sobre folhas – ofereceu-se Seth. – Ao menos eu seu sobre as folhas de onde eu morava. Elas são diferentes aqui, mas algumas são iguais. Posso acompanha-la e mostrar as folhas que eu conheço. Se você quiser, claro.

Na verdade Sara não gostou da ideia de alguém se envolvendo em um dos seus projetos. Isso não tinha funcionado direito pra ela no passado. Sara sempre se descrevia como "tudo ou nada", significando que ela se virava muito bem sozinha quando estava envolvida em um projeto, ou se o projeto não lhe interessava, ela nem o tocaria. E raramente alguém compartilhava com ela o entusiasmo exagerado – ou a absoluta falta de entusiasmo – por algum assunto. E quase sempre sentimentos eram feridos.

- Ah, não sei... – Sara hesitou. – Provavelmente eu me vire melhor sozinha.
- Ok, entendo – disse Seth. – Mas se mudar de ideia é só dizer. Certamente é muito mais fácil de achar em um livro algo que você tem ideia de como se chama, e eu sei o nome de muitas árvores e arbustos e coisas assim. Meu avô conhece tudo sobre isso. Ele faz remédios com isso e também come. Ele costuma dizer que tudo o que você pode precisar cresce aí fora onde qualquer um pode encontrar, mas ninguém nem sabe que existe.

Seth deu um bom argumento. Sara usou a maior parte do seu horário de almoço olhando livro após livro até encontrar uma foto de uma grande folha vermelha que ela tinha colocado em sua revista. Seth poderia economizar lhe muito tempo, e ele lhe pareceu simpático o bastante, nem muito intrometido nem nada assim.

- Bem, está bem então. Pode ser hoje depois da escola?
- Ok, - disse Seth – Eu encontro você no mastro da bandeira. Encontrei um lugar legal no fim de semana passado, não muito longe daqui, depois da nascente, não muito longe da travessia das árvores. É uma trilha legal, cheia de grandes árvores antigas e arbustos. Iremos lá.

A Sra. Horton estava carrancuda. Já era bastante que Seth e Sara estivessem conversando alto, mas agora Seth estava falando alto pela sala toda.
A porta bateu e o corpo de Sara pulou ao perceber que Seth estava falando sobre a trilha Thacker. Seth encontrou a trilha Thacker!

Capítulo 6
Voltando à vida?

Sara esperou perto do mastro da bandeira.
- Não posso acreditar que concordei em fazer isso. – Sara resmungou. – Quer dizer, a trilha Thacker é o meu lugar secreto... Acho que eu sabia que ele iria encontra-la cedo ou tarde. Só que achei que seria mais tarde.

Ela olhou para seu relógio e disse para si: "Onde está ele?" Então ela notou um pedaço de papel dobrado colado na base do mastro com "Sara" escrito em letras miúdas. Ela abriu e leu o bilhete: "Sara, encontre-me na nossa esquina. Tenho algo legal para mostrar-lhe. É uma trilha na selva coberta de folhas. Até mais".

Sara sentiu uma mistura de emoções estranhas. Ela realmente já tinha começado a gostar de Seth. E ela gostou da ideia de alguém que já tinha morado em tantos lugares acharia algo que lhe interessasse nessa pequena cidade montanhosa que Sara conhecia por toda a vida. Mas a ideia de ele descobrir seu lugar secreto especial tão cedo não pareceu boa para Sara.

Quando Sara chegou na esquina em que Seth sempre virava para ir para a casa dele, ela viu uma pedra bem no meio do cruzamento com outro pedaço de papel balançando ao vento. "Mas que coisa"! Sara riu. "Esse garoto é muito estranho".

O bilhete dizia: "Vire à direita, atravesse a ponte, passe pela minha casa e então imediatamente à esquerda. Há uma trilha difícil de ver, mas está lá. Siga-a. Eu a encontrarei lá".

Bem, não havia dúvida agora. Seth encontrou a trilha Thcker.

- Bem, claro que encontrou. Como não poderia? Ele praticamente mora nela! – Sara resmungou, sentindo-se ressentida que o inevitável acontecera.

Sara embolou o bilhete e pôs no bolso: "Como se seu precisasse de orientação para encontrar a minha trilha"! disse alto. Ela cruzou a ponte e passou pela casa de Seth e desceu para a sua amada e oh tão familiar trilha Thacker.

Enquanto andava, as lembranças dessa trilha começaram a passar pela sua mente de forma tão clara como se ela estivesse assistindo um filme. Ela lembrou de sua relutante jornada até lá pela insistência do seu irmão menor Jason, que pareceu impelido de uma forma que Sara nunca tinha visto, e como ele insistiu que ali havia uma coruja gigante chamada Salomão escondida em algum lugar da floresta. Ela lembrou que procuraram em vão, e de como ficou desapontada

por não encontrar nenhuma coruja, mas ela nunca admitiria seu desapontamento para seu desagradável irmãozinho.

Enquanto Sara seguia pelo longo caminho escuro, ela começou a relaxar com a quietude e paz da trilha. Então ela abriu um grande sorriso quando ela fez uma curva e viu o poste da cerca onde Salomão estava pousado naquele dia. Seus olhos encheram de lágrimas enquanto ela lembrava dessa grande, doce, amável, e tão sábia coruja pousada ali aguardando por ela.

- Estranho – pensou Sara. – Salomão ainda é uma parte da minha vida. Quer dizer, ainda nos comunicamos todos os dias. Mas ainda sinto falta de ver seu lindo corpo e de olhar em seus maravilhosos olhos.

Sara sentiu-se um pouco envergonhada que ainda sentisse falta da forma física de Salomão. Ela compreendeu o que Salomão quis dizer quando explicou que "não existe morte", e ela certamente sabia que seu relacionamento continuaria. E na maioria dos dias Sara nunca sequer pensou no velho Salomão e ela absolutamente apreciava seu Salomão de agora. Mas estar ali, onde se encontraram pela primeira vez, apenas a alguns passos de onde Billy e Jason atiraram nele estava pondo Sara fora do seu equilíbrio, e ela estava com saudade do seu velho amigo emplumado físico.

Com o canto dos olhos, Sara notou algo movendo-se nas folhas e seu coração pulou para a garganta quando percebeu que o movimento estava bem onde Salomão havia morrido, Por um instante Sara pensou "Talvez ele tenha decidido voltar à vida".

- Mas o que é isso? – Sara esticou os olhos tentando descobrir o que estava se movendo entre as folhas nas sombras do matagal.

Quando Sara chegou mais perto, ela engasgou e deu um salto para trás. Ali, deitado nas folhas no mesmo local onde Salomão morreu estava Seth. Meio encoberto de folhas, com os olhos fechados e a língua pendendo do lado da boca.

Sara não podia falar. Ela apenas ficou ali paralisada.

- Ss... sss... Seth – ela gaguejou. – Você está bem?

Ela sabia que ele não podia estar bem. Ele parecia terrível. Sara fitava-o parada; e mordeu seu lábio tão forte que sangrou e lágrimas rolaram em seu rosto.

- Caramba Sara, não leve tão a sério. Eu só estava brincando – disse Seth com sarcasmo enquanto levantava e sacudia as folhas dos cabelos.
- Eu te odeio! – Sara explodiu virando-se e correndo pra longe de Seth e do matagal. – Como pode fazer isso comigo? – Ela chorou enquanto corria o mais rápido que podia.

Seth estava aturdido. Ele não tinha ideia que Sara reagiria daquele jeito. Ele não tinha ideia porque se sentiu compelido a deitar no chão, meio cobrindo seu corpo com folhas, fingindo

estar morto ou seriamente ferido. A ideia simplesmente surgiu do nada. Uma péssima ideia, percebeu.

- Sara, espere, qual é o problema? – Seth chamou. – Ei, não pode aceitar uma brincadeira? Ei, não quer procurar folhas?
Sara não respondeu.

Capítulo 7
Um alavancador nato

O dia pareceu muito longo na escola.
Sara sabia que Seth estava correndo para alcança-la, mas ela decidiu não parar para esperar por ele. Ela ainda estava furiosa com ele pela traquinagem de ontem, e ela não iria ceder tão facilmente. Na verdade, estava decidida a nunca mais falar com ele.

Seth não compreendia porque o que lhe parecia ser uma traquinagem inocente e até divertida tinha afetado Sara tão negativamente. Ele não tinha como saber que o lugar que ele escolheu era exatamente onde o amado Salomão de Sara tinha morrido.

Seth alcançou Sara.
- Ei... – disse Seth suavemente.

Sara não respondeu.
Eles caminharam sem dizer nada. Seth pensou em muitas coisas que poderia dizer, mas ao ensaiá-las em sua mente todas pareceram erradas.

Jason, o irmão menor de Sara, e seu amigo Billy corriam em suas bicicletas.
- Sara tem namorado! Sara tem namorado! – eles gozaram em uníssono quando passaram.
- Calem-se! – Sara gritou.

Um gato disparou da calçada bem em frente de Sara e Seth. O gato assustou Seth e ele deu um pequeno salto engraçado no ar. Sara conseguiu conter sua risada, mas não pode conter seu largo sorriso. Isso quebrou a tensão gelada.

- Aquele gato lembrou um que eu tive – disse Seth.

Sara olhou o gato desaparecer nos arbustos. Ela tinha tentado pegar aquele gato muitas vezes, mas nunca conseguiu. Ele era selvagem, tinhoso e rápido.

- Ah, é? – Sara disse, esforçando-se para permanecer brava com Seth.
- Nós o chamávamos Cavalete – disse Seth, esperando conseguir algum tipo de resposta de Sara.
Funcionou.
- Cavalete? – Sara perguntou e riu ao mesmo tempo. – Que nome estranho.

- Bem, - Seth disse olhando para baixo com expressão triste – Ele tinha só três pernas.

Sara desandou a gargalhar. Não era legal rir de um pobre gato aleijado, mas a combinação de um gato com três pés com o nome de três pés era demais para Sara se conter.
Seth estava satisfeito que Sara estivesse conversando com ele novamente.

- O que houve com a perna do Cavalete? – perguntou Sara.
- Nunca descobrimos. Provavelmente foi preso numa armadilha ou coisa assim. Talvez uma cobra.

Sara estremeceu.

- É, e nós tivemos um gato com duas pernas uma vez também – disse Seth com grande seriedade. – Nós o chamávamos Roo, você sabe, apelido de canguru.
Sara riu, imaginando um gato saltando por aí em suas pernas traseiras, mas ela começou a suspeitar que Seth estava inventando isso. Que coisa estranha essa de ter gato com três pernas e outro com duas?
- Caramba, sua família é azarada com gatos!
- É, - disse Seth, muito seriamente. – Uma vez tivemos um gato com uma só perna também.
- Ah, tá – Sara zombou. Agora ela tinha certeza que Seth estava inventando aquilo. – E como chamavam o gato? Pula-pula?
- Não, chamávamos Ciclope. Ele só tinha um olho também.

Sara desandou a rir. Era muito melhor divertir-se com Seth do que ficar brava com ele.

Eles chegaram à esquina onde Seth virava para sua casa. Seth sorriu sentindo-se feliz por ter conseguido fazer Sara rir e brincar com ela de novo. E Sara prosseguiu pela estrada até sua casa. Ela riu e riu e riu. Ela não tinha certeza se Seth tinha uma estranha habilidade para transformar tragédia em comédia ou se ele era apenas a pessoa mais divertida que ela já encontrara. Em qualquer caso, Sara não se lembrava de ter rido tanto. "Provavelmente ele nunca nem teve gato". Sara sorriu.

- Ei Sara, aquele era seu irmão mais novo, na bicicleta? – Seth gritou para ela.
- Sim, era ele – Sara gritou de volta. – Eu sabia que você o encontraria cedo ou tarde. Só queria que fosse tarde, muito mais tarde.
- Ei Seth – Sara chamou bem alto, incerta se Seth estava muito longe para ouví-la.
Seth voltou, sorrindo, e parou.
- Pensei que gatos tinham nove vidas.
- Ah, nó não os matamos, só mutilamos eles – Seth retornou. – E eu acho que são umas 14 vidas, mas eu perdi a conta com alguns deles.

Sara riu de novo.
- Acho que vale para as pessoas também – Seth gritou.

Sara prosseguiu pela estrada. Ela não sabia o que fazer com Seth. Sua vida parecia misteriosa e de alguma forma trágica, mas ele era muito interessante. E ele era divertido. Ele inventava para ser divertido, ou ele fazia ser divertido para deixar de ser trágico? E o que era aquilo sobre 14 vidas? Estava brincando sobre aquilo também?

"Somos todos aves da mesma plumagem, você sabe". Sara lembrou as palavras de Salomão: "Seth é um buscador intenso, um alavancador nato e um verdadeiro mestre".
Sara sorriu. "Isso vai ser interessante" ela disse alto.

Capítulo 8
Salomão espreita

Sara sentou na varanda da frente curtindo estar sozinha em casa. Seus pais estavam trabalhando, e seu irmão mais novo quase sempre achava alguma coisa para fazer depois da escola. Ela encostou-se na coluna e pensou em Salomão.

- Ei, Salomão, sentiu minha falta?
- Não Sara, de modo algum – Sara ouviu a voz de Salomão responder-lhe.

Sara riu. Ela e Salomão tinham trocado essas palavras muitas vezes. A primeira vez que Salomão respondeu dessa forma, Sara sentiu-se surpresa e mesmo ferida. "O que você quer dizer com não sentiu minha falta de modo algum"? ela perguntara.

Salomão explicou então que ele sempre estava ciente de Sara, mesmo se ela não estivesse pensando nele ou conversando com ele, ele estava sempre completamente ciente de Sara. Portanto não havia razão para sentir sua falta pois ela nunca estava ausente de sua consciência. Sara gostou daquilo.

A princípio parecia estranho alguém ter consciência dela o tempo todo. Ela não gostou muito da ideia de, não importasse onde ela estava ou o que estivesse fazendo, Salomão estaria espreitando. Mas com o tempo, uma vez que Sara conheceu Salomão melhor, ela descobriu que não se importava com ele espreitando sua vida de modo algum, pois Salomão sempre parecia satisfeito com o que via. Ele nunca censurou Sara por um comportamento inapropriado, ele nunca pareceu insatisfeito com algo que ela tivesse feito. Pelo contrário, Salomão continuava a oferecer seu amor incondicional e guiava Sara apenas quando ela lhe pedia orientação.

- Como você tem passado? – cutucou Sara, sabendo muito bem o que Salomão responderia, mas querendo ouvir de qualquer forma pois sempre sentia-se bem.
- Estou esplêndido, Sara, e vejo que você também.
- É! – respondeu Sara alegremente. Ela não podia se lembrar de estar mais feliz.
- Eu tenho reparado que você e seu novo amigo Seth tem passado momentos maravilhosos juntos. Isso é muito bom.
- Temos sim, Salomão. Nunca me diverti tanto com alguém. Ele não é como ninguém que conheci antes. Ele é sério, mas divertido, ele é muito esperto, mas bobo e brincalhão, e ele tem

realmente uma vida dura em casa, mas ele é leve e agradável quando está comigo. Não consigo entende-lo.
- Ele é um desses raros humanos que aprenderam a viver no presente. Em vez de levar adiante a sensação de algo que aconteceu antes, ele está se permitindo responder com a clareza do seu momento junto com você. Ele também gosta de estar com você, Sara.
- Ele lhe disse isso? – Então Sara riu, imediatamente percebendo que Salomão não precisava de conversar com ninguém para saber seus pensamentos. Ele sempre sabia o que as pessoas estavam pensando e sentindo.
- Seth deseja mais que algo para sentir-se bem, então estar com você parece perfeito para ele. Você desperta o melhor dele, Sara.
- Sim, é o que quero fazer. Mas eu não estou tentando fazer isso, Salomão. Simplesmente acontece. Acho que ele desperta o melhor de mim.
- Bem, fico muito satisfeito que vocês dois estejam tendo momentos maravilhosos juntos. É sempre bom encontrar alguém que também queira sentir-se bem. Quando duas pessoas estão juntas e ambas tem o mesmo desejo de sentir-se bem, grandes coisas acontecem a partir disso. Vocês dois são alavancadores, Sara, e nada satisfaz mais um alavancador que ajudar outro a sentir-se melhor. Isso é alavancagem. Vocês terão momentos maravilhosos, Sara. Tenho certeza disso.

Capítulo 9
Gerônimooooooooooo..... Plaft!

O último sinal tocou há quase quinze minutos, e Sara aguardava ao lado do mastro na frente da escola. Ela via as grandes portas abrirem e baterem à medida que cada estudante saía do prédio. Ela prometeu esperar por Seth, ele disse que tinha algo para lhe mostrar que ele tinha certeza de que ela realmente ia gostar. Ela olhou para o relógio, imaginando se de alguma forma ela não tinha entendido os planos de se encontrarem, e então, uma vez mais, as portas se abriram e ali estava Seth. Até que enfim!

- Desculpe, Sara. Cometi o erro de dizer alô para a Srta. Ralph e ela pediu se eu podia ajuda-la a carregar o carro. Disse que ajudaria, mas não fazia ideia que o carro estava estacionado a um quilômetro e meio daqui, e nem tinha ideia de que ela tinha 47 caixas de coisas para levar. Eu sabia assim que disse o alô que tinha cometido um grande erro, mas não pude voltar atrás.

Sara riu. Ela mesma já havia feito um monte dessas viagens até o carro da Srta. Ralph. Ela era a diretora de arte da escola e parecia que ela carregava metade de suas posses de casa para a escola e então de volta para casa todo dia.

- Eu nunca ando perto da sala dela – disse Sara. – Costumava passar, mas agora fico longe – ela riu de novo.
- Eu achei o corredor estranhamente vazio – disse Seth. – Acho que todos menos eu sabiam que ela estava espreitando à procura de uma ajudante.

Sara realmente não se importava em ajudar a Srta. Ralph. Sara nunca teve aulas com ela, mas ela estava realmente bastante impressionada que essa professora tão nova desejasse trabalhar tanto para oferecer um bom programa de artes.

- Não me importo de ajuda-la – disse Seth. – Com certeza ela trabalha duro.

Sara sorriu. Era como se ele tivesse lido seus pensamentos.

- Só não achei que fosse demorar tanto, e eu não queria deixa-la esperando. Pronta?
- Sim – disse Sara. – O que é?
- É uma surpresa.
- Conte logo! – disparou Sara.
Seth riu.
- Não, você tem que ver isso. Não é longe da trilha Thacker.

Sara sentiu uma ponta de desconforto novamente. Ninguém mais, pelo que Sara sabia, passava algum tempo na trilha Thacker ou perto dela. E isso era adequado para Sara, ela gostava de ter aquilo tudo só para ela.
Eles caminharam pela estrada e então saíram para a trilha Thacker.

- Sabe, - disse Seth – Devíamos achar outro caminho para aqui. Não queremos esse caminho ficando tão óbvio.
Sara sorriu. "Ele lê minha mente". Pensou.

Sara seguiu atrás de Seth pelo caminho estreito. Ele segurava os ramos para que não batessem no rosto dela, e ocasionalmente sacudia a mão acima da cabeça para tirar alguma teia de aranha do caminho.

- Ei, isso é demais! – disse Sara.
- O quê?
- Seguir você. O jeito que as teias de aranhas acabam no seu cabelo, não no meu.
Seth riu, tirando uma teia de aranha do rosto.
- Quer ir na frente? – ele provocou.
- Não obrigada. Você está indo bem.

Eles chegaram à primeira de várias bifurcações da trilha e Seth seguiu em direção ao rio. Sara seguiu de perto animadamente.
A trilha tornou-se inexistente, e Seth e Sara pisaram numa grama seca e profunda. E justo quando Sara estava prestes a parar para tirar os carrapichos das suas meias eles chegaram à saída para a margem do rio.

- Oh, esse é um ótimo local – disse Sara – Tinha esquecido como o rio é bonito aqui. Não venho aqui faz muito tempo.
- Ok, aqui está! – disse Seth, orgulhoso.
- Aqui está o quê? – Sara perguntou olhando ao redor procurando algo diferente.

- Aqui atrás – disse Seth, guiando sara até atrás de uma árvore. Sara olhou para a gigantesca árvore.
- Uau! Você fez isso?
- Sim, você gostou? – perguntou Seth.
- Isso é incrível! – Sara mal podia acreditar no que estava vendo. Seth tinha pregado tábuas a cada 20 centímetros desde a base até a copa da árvore. Eram longas o bastante para estenderem-se além da largura do tronco. Não eram apenas excelentes degraus, mas enquanto você estava pisando num deles, podai usar outro acima para segurar com as mãos

- Esta é a melhor escada de árvore que eu já vi.
- Eu lixei muito bem para não entrarem farpas nas suas mãos – Seth disse orgulhosamente.
- Isso é demais! Vamos subir!

Seth pisou na primeira tábua e alcançou a segunda para subir. Ele subiu facilmente, pra cima, pra cima, pra cma...
Sara deu uma risadinha de prazer. Ela amava subir em árvores e mal podia acreditar que Seth tinha tornado tão incrivelmente fácil subir nesta grande árvore.
Eles subiram bem alto na árvore.

- Eu amo isso! – Sara disse. – O mundo todo parece diferente daqui de cima, não acha?

Seth concordou enquanto se apoiava em um galho indo na direção do rio. Sara notou quanto seguro de si ele parecia estar, apesar do rio estar muito baixo. Sara não podia ver o que ele estava fazendo porque o que quer que fosse, seu corpo escondia. Então ela viu uma longa e pesada corda descer do galho até quase a água.

- Não creio nisso! – Sara gritou em êxtase.
- Quer tentar? – Seth mal podia se conter.
- Pode apostar!
- Como é seu equilíbrio? – Seth perguntou.
- Muito bom, acho. Por quê?
- Porque agora nós temos que chegar até ali!

Sara olhou para onde Seth estava apontando.

- Uma casa na árvore! Seth, você construiu uma casa na árvore!
- Essa é nossa plataforma de lançamento – disse Seth, cuidadosamente rastejando com suas mãos e joelhos até um grande galho. Ele rastejou bastante e então levantou.

Sara ajoelhou-se e então cuidadosamente rastejou até a casa da árvore. “Espero que seja grande o bastante para os dois”. Ela pensou. Mas quando chegou e se levantou, ficou agradavelmente surpresa com quanto era grande. Seth tinha feito até parapeitos para segurança e suporte, e dois pequenos bancos para se sentarem.

Sara assistiu com prazer enquanto Seth demonstrava como aquilo funcionava. Tinha um barbante amarrado num prego. Ele desamarrou do prego e então começou a enrolar em torno de uma vara que estava presa na casca.

- Você pensou em tudo! – disse Sara deliciando-se.

Seth tinha amarrado o barbante na ponta da pesada corda que estava balançando sobre a água abaixo. À medida que ele enrolava o barbante na vara, ele puxava a grande corda para cima da árvore, bem onde estavam. Na ponta da corda Seth fez um laço. E Sara observou enquanto Seth sentou em um dos bancos e pôs seu pé no laço. Havia três nós na corda acima do laço. Seth agarrou o nó de cima e disse:

- Ok, deseje-me sorte.
- Tenha cuidado... – Sara começou, mas antes que pudesse terminar a frase Seth saltou da plataforma. Ele balançou na direção do rio, gritando "Gerônimoooo...." enquanto voava. Sara perdeu o fôlego só de ver. Ele balançou para frente e para trás, diminuindo a distância percorrida a cada passagem.

- Agora é a parte complicada – gritou Seth. – Você tem que saltar antes que a corda pare de balançar, senão terá que sair do rio.

Sara viu enquanto ele lutou para livrar seu pé do laço, travando seus joelhos em torno do nó mais baixo da corda. E quando ele balançou para perto da margem do rio ele saltou da corda e caiu sobre uma pilha de folhas.

- Ai... – Sara ouviu sua voz abafada. – Essa parte ainda precisa de aperfeiçoamento.
Sara riu, satisfeita com tudo o que viu.
- Ok, é a minha vez. – Sara disse excitadamente, enquanto Seth subia novamente na árvore.
- Não sei, Sara. A aterrissagem é um tanto dura. Talvez você deva esperar até que eu ache...
- Negativo, eu vou. Se você pode fazer isso, eu também posso. – De jeito algum Sara deixaria de balançar sobre o rio.

Sara esperou excitada enquanto observava Seth subindo na árvore. "Ele é um garoto esperto" pensou Sara enquanto percebia que Seth trazia com ele a ponta do barbante de volta para a árvore para que pudesse novamente puxar a grande corda para a plataforma.
Sara sentou no banco e Seth segurou a corda pesada para que Sara pudesse por seu pé no laço.

- Eu fiz esse nó para você, Sara – disse Seth, apontando para o segundo nó, que parecia perfeito para o tamanho do corpo de Sara.
- Ok, eu estou indo – disse Sara ainda em pé na plataforma. – Ok, aqui vou eu... Estou pronta agora... Eu vou agora... Eu volto logo... Aí vou... Estou aqui! – Sara riu. Ela queria tanto ir que mal podia suportar, mas a ideia de pular da árvore fez seu estômago doer de excitação – e ela simplesmente não conseguia se mover.
Seth observava e sorria, curtindo a excitação de Sara. Ele não tomaria essa decisão por ela.

- Não há pressa, Sara. Essa corda estará aqui amanhã, e no dia seguinte, e no dia seguinte...

Mas Sara não ouviu o que Seth dizia porque no meio de dar a ela uma desculpa para não pular ela saltou fora da plataforma e voou no ar.

- Gerônimooooooo... – ela gritou estridentemente enquanto voava sobre o rio.
- Isso aí! – gritou Seth, tão satisfeito que Sara deu seu primeiro mergulho, e lembrando seu próprio prazer imenso no seu primeiro balanço assustador sobre um rio. Ele podia ouvir Sara rindo e gritando enquanto voava pra frente e para trás sobre o rio, e então ele observou enquanto ela tirava o pé do laço.

- Que garota! – ele murmurou satisfeito que ela aprendeu tão rapidamente como descer. Mas os braços de Sara não eram tão fortes quanto o dele, e uma vez que seu pé estava fora do laço Sara teve grande dificuldade para segurar-se na corda balançante. Ela conseguiu segurar até seu corpo estar perto da margem do rio, mas então ela soltou e foi voando pelo ar até o banco lamacento do rio. Plaft! Água borrifada. Lama voando pelo ar. E Sara gargalhando. Ela levantou-se, encharcada da cabeça aos pés e coberta de lama, gargalhando, gargalhando, gargalhando...

Seth assistiu horrorizado, e então começou a rir aliviado. "Que senso esportivo tem essa garoto"! Ele sentia-se responsável pelo passeio e pela segurança dela, então estava verdadeiramente aliviado que tudo acabou bem.

- Seth, isso é demais! Mal posso esperar para fazer isso de novo! Mas você tem que me ensinar como sair disso direito.
- É questão de sincronizar seu salto. Eu me molhei da primeira vez que fiz isso também.
- Não se molhou não – Sara sabia que Seth sabia exatamente o que estava fazendo quando saltou. Mas ela gostou da ideia de ele estar tentando fazê-la sentir-se mais adequada parecendo ser não tão adequado.
- Ok, fico feliz que você seja bom nisso. Ficarei boa nisso também. Praticaremos todo dia. Amei isso, Seth! Obrigada por ter feito isso para nós!

Seth não sabia o que fazer com Sara. Era tão bom estar com ela. Ela era impaciente e desejosa de fazer qualquer tipo de coisa. Ela tinha senso esportivo, ela ria facilmente, e não lhe importava que alguém fosse melhor do que ela em alguma coisa. Seth nunca conheceu alguém como Sara.

- Melhor eu ir para casa. Estou emporcalhada – disse Sara, arrastando-se da água e puxando sua roupa molhada e enlameada. – Vejo você amanhã!
- Amanhã é sábado – Seth lembrou Sara, lembrando que seus pais não lhe permitiam tirar tempo do ocupado fim de semana, cheio de tarefas a cumprir. Ele construiu essa casa na árvore, quase sempre à luz da lua, por um período de muitas semanas. Seus pais nunca permitiriam esse tipo de comportamento frívolo.
- Poderemos balançar novamente na segunda-feira.

- Oh – disse Sara, desapontada. Ela não sabia como poderia esperar até segunda-feira para ter mais dessa diversão. – Ok mas eu acho que virei aqui amanhã por minha conta praticar minha descida. Na segunda, quando no vemos, já terei mais prática.

Seth não gostou da ideia nem um pouco. E se Sara saltasse errado e quebrasse uma perna, ou batesse a cabeça ou coisa pior?
- Não Sara, você pode se afogar – Seth disparou, sentindo-se um pouco envergonhado com as palavras que saíram de sua boca.

Sara fez uma pausa e olhou para Seth, sentindo a intensidade da sua fala. Ele projetou sua preocupação de um modo claro e forte.
- Não Seth – Sara disse suavemente. – Eu não posso me afogar.

Seth sentiu em Sara uma intensidade que nunca sentira antes. "Como poderia estar tão certa de que não vai se afogar"?
- Mas eu esperarei até segunda. Como você encarou todo esse esforço de fazer esse excelente lugar para nós, o mínimo que posso fazer é esperar por você para compartilharmos juntos.

Seth estava aliviado.
- Vejo você na segunda-feira. – Disse Sara. – Esperarei na primeira bifurcação da trilha.

Seth sorriu. Sara leu sua mente. Ele não queria que seus encontros fossem tão óbvios que outros ficassem imaginando onde eles estavam indo. Seth e Sara gostaram da ideia de manter esse maravilhoso refúgio todinho só para eles.

Capítulo 10
Cobras não vão incomodar você

Sara esperava por Seth na primeira bifurcação da trilha. Ela elogiou-se mentalmente por estar usando roupas marrons e cáqui, que mesclavam-se bem com o ambiente. Ela riu enquanto se agachava, secretamente esperando encontrar seu parceiro. Ela via de vez em quando algum brilho através dos arbustos, reflexos dos carros que passavam pela estrada e refletiam o Sol na sua direção. Ela gostava da ideia de que ela podia ver os carros, mas seus ocupantes não tinham conhecimento dela. "Espero que a Srta. Ralph não tenha ocupado ele de novo". Murmurou Sara.
Seth surgiu correndo entre as árvores, quase atropelando Sara. Ambos deram um grito de susto, e logo começaram a rir.

- Caramba Sara! Não vi você aqui!
- Muito bom hein? – Sara riu, sentindo-se orgulhosa de sua camuflagem.
-É, você se escondeu bem aí. Se fosse uma cobra teria me pegado com certeza.
- Bah, cobras não vão incomodar você – disse Sara com segurança.
- Você não tem medo de cobras? – Seth estava surpreso. Ele pensou que todo mundo tivesse medo de cobras. Especialmente as garotas.

- Eu tinha, mas não tenho mais. Vamos indo. Quero balançar entre as árvores.

Seth não podia evitar de perceber que Sara tinha a mesma intensa certeza sobre não temer cobrar e sobre não poder se afogar.

- Ei, Sara, como você pode ter tanta certeza de que nunca vai se afogar?

Sara quase tropeçou no caminho. A pergunta de Seth pegou-a de surpresa. Lá vinha ele de novo, zerando naquilo que talvez fosse a experiência mais importante – e também o maior segredo – da sua vida.

- Ah, é uma longa história. – Disse Sara – Eu lhe conto depois.

Seth sentiu que Sara queria lhe contar algo, ele queria ouvir.
- Bem, se é uma longa história, você poderia dividi-la em partes. Sabe, contar um pouco a cada dia.

Sara sentiu-se desconfortável com o incitamento de Seth. Ela não tinha certeza o que ele acharia dela se ela explicasse os detalhes da sua experiência com Salomão. Mas havia uma intensidade em Seth que a compelia. Então Sara começou:
- Bem eu nunca pensei mesmo que me afogaria, mas minha mãe preocupava-se com isso o tempo todo. Ela me avisava sobre isso quase todo dia, para ficar longe desse rio. Eu não sei por que ela tem tanto medo desse rio. Nunca ouvi falar de ninguém que tivesse se afogado nesse rio. Mas ela se preocupa com tudo, especialmente com esse rio. Então um dia eu estava sozinha, eu estava em pé no tronco que atravessa o rio e a água estava bem alta, sabe? Estava até quase passando sobre o tronco, quando aquele velho cachorrão peludo surgiu do nada e me jogou no rio.

- Uau, Sara! E o que você fez?
- Bem, não havia nada que eu pudesse fazer. A água estava se movendo bem rápido e simplesmente me levou. Primeiro eu pensei "Oh não, minha mãe estava certa. E cara, ela vai ficar louca comigo se eu me afogar". Mas aí eu só flutuei e percebi como tudo estava tão bonito. E então eu passei sob um galho de uma árvore que estava pendendo quase tocando a água, e eu me puxei para fora da água. Desde então eu sei que eu nunca me afogaria.

- É só isso? Por isso você sabe que nunca vai se afogar? Sara, pra mim parece que você teve muita sorte de ter flutuado por baixo dessa árvore. Você podia ter se afogado, sabia?

Sara observou Seth enquanto ele deixava sua imaginação negativa correr livre, e então ela sorriu.
- Parece minha mãe falando.

Seth riu.
- Acho que sim.

- Você nunca sabe as coisas? Quero dizer, você nunca só soube de algo, e soube com tanta clareza que não tem importância o que os outros pensam a respeito? Você sabe porque você sabe. E só porque os outros não sabem não significa que você não sabe. Entende o que eu quero dizer?

Seth ficou quieto enquanto Sara falava. Ele entendia o que ela queria dizer. Ele sabia exatamente o que ela queria dizer.
- Você está certa, Sara. Eu sei do que você está falando. E de agora em diante, se você disser que nunca vai se afogar, vou acreditar em você.

Sara ficou aliviada que Seth aceitou sua explicação parcial e que ela não precisaria explicar mais.
- Ótimo – disse Sara, triunfante. Ela quis mudar de assunto. – E cobras não vão lhe incomodar também.

Seth riu.
- Bem, vamos acabar com um medo mortal de cada vez, Sara.

Capítulo 11
Praticar na mente?

Sara e Seth contornaram a última curva na trilha e chegaram à clareza onde a maravilhosa casa na árvore e a corda-balanço de Seth pareciam estar pacientemente aguardando pelo retorno deles.

- Ok, eu vou primeiro – disse Sara enquanto subia rapidamente na árvore. Ela arrastou-se pelo grande galho e se posicionou na plataforma enquanto Seth a alcançava. – Ok, eu vou fazer isso direito. Eu pratiquei.

Seth estava desapontado que ela não manteve sua palavra.
- Sara, você disse que esperaria por mim.
- Eu esperei por você. Eu pratiquei na minha mente. Várias vezes eu me vi balançando sobre o rio, e então no momento perfeito, eu soltava a corda e aterrissava perfeitamente na grama do outro lado. Eu estou pronta, Seth. Dê me um bom empurrão.
- Acho que não precisa de um empurrão, Sara. Apenas caia da árvore. Será suficiente.

E lá foi Sara. “Iahuuuuuu...” ela gritou enquanto voava pelo ar, com seus lindos cabelos castanhos soprados para trás pelo vento. Ela balançou pra frente e pra trás, pra frente e pra trás, diminuindo um pouco a cada passagem sobre o rio. Ela tirou o pé do laço e então, no momento perfeito, soltou da corda e aterrissou na grama exatamente no ponto onde ela havia praticado aterrissar em sua mente. Seu pouso foi tão perfeito que ela nem caiu, mas absorveu o choque do salto com os joelhos. “Isso”! ela gritou com satisfação.

Seth aplaudiu da casa da árvore. Ele estava impressionado.

Seth balançou da árvore e então saltou da corda e caiu entre as folhas como da outra vez.
- Isso não foi suave – ele notou. Sara sorriu.
- Você tem que praticar em sua mente. Só isso. Não demora muito. E é quase tão divertido quanto pular de verdade.
- Ok – Seth parecia distraído. – Mas por enquanto eu vou praticar com a árvore, e o rio e a corda. – E ele subiu na árvore de novo.

Sua aterrissagem dessa vez foi ainda pior que as duas últimas vezes. Ele não estava satisfeito.
Sara riu e então cobriu seu rosto com a mão, fingindo que estava tossindo. Ela não queria ferir seus sentimentos, e não queria deixa-lo bravo.
Seth subiu na árvore outra vez e de novo sua sincronia foi fora e ele rolou pelas folhas.
E subiu na árvore de novo, e dessa vez Sara foi logo atrás.

- Seth – disse Sara enquanto ele punha o pé no laço e se preparava para saltar no ar novamente. – Espere um minuto. Pare e feche seus olhos e imagine-se subindo na árvore de novo, bastante feliz por ter feito um pouso perfeito. Finja que estou sorrindo e aplaudindo.
- E rindo e tossindo – Seth provocou.
- Não, apenas sorrindo e aplaudindo – Sara sorriu. Seth não deixa passar nada – ela pensou. – Agora se veja soltando da corda e pulando na margem. Como se saltasse com um paraquedas e pousando suavemente no chão.

Seth sorriu enquanto imaginava.
- Agora vá! – disse Sara, tocando suavemente as costas de Seth e dando-lhe um leve impulso. E ele foi.

Ele balançou sobre o rio. Então, no momento perfeito ele soltou da corda e aterrissou perfeitamente na grama e então ele pulou batendo os calcanhares. “Isso”! Ele gritou ao mesmo tempo de Sara. “Isso”!

- Cara, isso funciona mesmo! Onde você aprendeu a fazer isso?
- Ah, um passarinho me contou – brincou Sara. – É realmente uma longa história, Seth – e antes que Seth pudesse dizer qualquer coisa, Sara continuou – Eu sei, eu sei. Vou dividir em pequenos capítulos e contar um pouco a cada dia. Se você realmente quiser saber, Seth, eu vou lhe contar a história toda, mas você tem que prometer que não vai rir. E você tem que prometer que não vai contar pra ninguém.
- Eu prometo – disse Seth. Ele nunca vira Sara tão energética antes. – Eu prometo, agora conte.
- Depois – disse Sara. – Tenho que praticar na minha mente primeiro.
Seth sorriu.
- Vejo você depois.
- É, vejo você amanhã.

Capítulo 12
Esquisito no bom sentido

Sara sentou-se em uma confortável bifurcação no alto da árvore do balanço. Ela subiu a escada até o topo e depois subiu mais ainda uns três metros até uma larga bifurcação, grande o bastante para duas pessoas sentarem. “Essa árvore é incrível” pensou Sara, enquanto aguardava calmamente por Seth.

Sua última aula do dia era de trabalhos com madeira. “Aposto que ele é bom nessa aula. Ele provavelmente está ajudando o professor a limpar a oficina”. Pensou Sara, olhando para o relógio. “Ele é tão bom. As pessoas se aproveitam dele”.
Sara reclinou-se na árvore e tentou imaginar-se explicando sua incrível história para Seth. Ela achava mesmo que ele realmente estava pronto para ouvir a história, mas ela também sentia um risco. Ele tornou-se um ótimo amigo. De fato, ele era o melhor amigo que Sara jamais tivera, e ela certamente não gostava da ideia de afastá-lo de medo. Ela não tinha nenhuma certeza de como ele reagiria ao seu segredo.
Uma lufada de vento passou pelas árvores, movendo as folhas e os galhos menores, e poeira e folhas choveram de mais acima.

“Você também é uma professora” Sara lembrou das palavras fortes de Salomão para ela. “E você saberá quando for o tempo certo”.
“Acho que é o tempo certo” pensou Sara. “Mas como ter certeza”?
“Quando há pedido, o tempo é o certo”. Sara lembrou o conselho de Salomão. “Bem, Seth certamente tem pedido”. Pensou Sara. “Acho que é a hora”.

Sara ouviu um ruído abaixo na trilha. Ficando de pé e segurando-se firmemente num grande galho acima dela, ela inclinou-se o quanto pode para tentar ver quem vinha. Seth veio por entre os arbustos e chamou sem fôlego:

- Oi, desculpe por ter demorado! – Ele estava tão exausto que Sara percebeu que ele viera correndo.

Ele subiu pela árvore e parou no grande galho que leva à plataforma.
- Devo subir até onde você está ou você quer descer?
- Suba aqui. É ótimo. E tem bastante espaço – Sara respondeu. Ela gostou do grande senso de privacidade lá no alto da árvore

Seth subiu e escorou-se em um grande V na frente de Sara.
- Então – Seth começou logo – Conte-me.
- Ok. Mas lembre-se: é o nosso segredo.
- Sara, não se preocupe. De qualquer forma, você é a única com quem converso.

Sara respirou fundo, e tentou achar um ponto de partida. Tinha tanta coisa pra contar que ela realmente não sabia por onde começar.

- Ok, Seth. Aconteceu assim. Mas estou lhe avisando, vai soar estranho para você.
- Sara – Seth estava impaciente – Eu não vou achar esquisito. O que é?
- Bem, um dia eu estava voltando da escola para casa, quando meu irmão Jason veio correndo, mais excitado que nunca, tagarelando que tinha uma coruja gigante na trilha Thacker e que eu tinha que ir lá ver. Estava tão eufórico que me assustou. E ele meio que me arrastou até a trilha.
- Adoro corujas – comentou Seth tentando encorajar Sara.

- Bem, de qualquer forma a neve estava alta e era um dia muito frio. Nós procuramos por um bom tempo, mas não vimos nenhuma coruja. Eu disse a Jason que ele estava inventando aquilo tudo e que eu não me importava mesmo com a ave estúpida. Mas no dia seguinte na escola eu não pude parar de pensar naquela coruja. E eu não podia entender porque eu estava tão interessada, a coisa toda parecia tão estranha pra mim. De qualquer forma, depois da escola eu vim para o bosque sozinha procura-la de novo, mas não encontrei. Estava ficando escuro, e eu estava me sentindo boba e eu tentei pegar um atalho andando no gelo sobre o rio, mas o gelo cedeu sob meus pés e eu caí. Pensei que fosse mergulhar através do gelo e me afogar. Então eu ouvi uma voz vinda da árvore que disse: "Você esqueceu que não pode se afogar"? E depois disse: "O gelo vai sustentar você. Rasteje até aqui".

- A princípio eu me senti idiota porque eu deveria saber sair do gelo daquele jeito, depois fiquei brava com quem quer que estivesse falando comigo porque não vinha para onde eu pudesse ver e me ajudar. Então me deu um estalo. Como sabia que eu não ia me afogar? Eu não tinha contato a mais ninguém sobre aquilo. Então eu o vi.
- Viu quem? – perguntou Seth.
- Vi Salomão. Essa gigantesca, linda e mágica coruja. Ele voou da árvore e circulou pelo pasto devagar e delicado, para que eu pudesse vê-lo bem, e então foi embora. E eu sabia que tinha encontrado Salomão.
- Agora eu entendo porque você sabia que não ia se afogar. Caramba, Sara, isso é esquisito. Mas esquisito no bom sentido – completou rapidamente.

Sara sentou quase sem fôlego. Ela engoliu e respirou fundo e olhou para Seth. Ela queria contar-lhe sobre Salomão. Como se encontraram, e tudo o que ele lhe ensinou, e como seu irmão Jason e Billy atiraram e mataram ele, e como mesmo estando morto Sara ainda era capaz de conversar com ele.

- Você o encontrou de novo? – perguntou Seth.
- Sim, eu o vi um montão de vezes. Mas então...
- Então o quê? – Seth estava interessadíssimo na história.

Sara simplesmente não conseguiu continuar.
- Eu lhe contarei mais tarde.

Seth estava desapontado. Ele sabia que Sara tinha muito mais para contar, ele podia sentir. Mas ele também sabia que este era um assunto delicado para Sara e não quis forçar.

- Bem, eu disse que contaria um pouco a cada dia. Então, vejo você amanhã?

- Sim, amanhã.
- Quer balançar uma vez antes de irmos?
- Acho que já tive excitação suficiente por hoje – provocou Seth.
- É, eu também – disse Sara.
- Até mais!

Capítulo 13
Amigos de penas

"Está claro como o dia" murmurou Sara enquanto reclinava-se contra o corrimão da varanda, contemplando o céu noturno. Ela sentia-se irritada, mas não sabia por quê.
O céu estava nublado e os holofotes do campo de futebol do colégio resplandeciam brilhantemente. Parecia que as luzes iluminava cidade toda.

"Que desperdício de eletricidade" murmurou Sara entrando na casa e deixando a porta da varanda bater atrás de si. Esse era o primeiro jogo da temporada, e a velha irritação de Sara irrompeu sobre ela pegando-a de surpresa. Ela foi para o seu quarto e fechou a porta. Era como se Sara estivesse tentando por tantas portas fechadas entre ela e o jogo de futebol quanto ela conseguisse.

"Caramba" disse para si mesma em voz alta, "Qual é o meu problema"?

Sara não via qualquer utilidade para a temporada de futebol. Não era incomum que a maior parte da cidade fosse para esses jogos nas sextas à tarde, e muitos ainda viajavam para as cidades vizinhas quanto o time tinha algum jogo fora. Sara nunca foi assistir um jogo, não importava onde era. Ela jogou um livro na cama e deitou de bruços, virando as páginas. Ela não estava interessada no livro também.

Sara desejou poder ir para o rio e balançar na árvore, ela queria aliviar-se dessa inquietação, desse sentimento irritado. Ela sabia que não era boa ideia caminhar pelo bosque à noite, mas a ideia de balançar da árvore no escuro a fez sentir-se um pouco melhor. "O céu está tão claro" pensou Sara, "que talvez não esteja tão escuro".

Ela abriu a porta do quarto e viu sua mãe ainda na cozinha, arrumando tudo após o jantar.
- Pode deixar que eu acabo, mãe.
- Oh, obrigada, querida. Janet reservou lugares para nós, então não temos pressa. Porquê não vem conosco, Sara? Será divertido.
- Não, eu tenho coisas para fazer para a escola – disse Sara. (Há uma coisa boa na escola: lições de casa é sempre um bom álibi. Podem se estender até ocupar um fim de semana inteiro ou podem encolher a nada, e seus pais, por algum estranho motivo, nunca questionaram isso).

Sara voltou para o quarto, agora ansiosa pela saída da família para o jogo de futebol. A ideia de ir ao matagal e ter essa estranha nova experiência de balançar na árvore na escuridão estava parecendo cada vez mais com uma grande aventura.

Sara abriu sua gaveta de baixo, cavocou lá no fundo procurando por sua roupa de baixo longa. Ela sorriu ao pensar como ela se sentia engraçada usando aquilo, mas ela tinha que admitir que fazia uma tarde de lazer brincando na neve ser muito prazerosa.

Ela esperou até ouvir o último "Até mais, Sara" e o rangido alto da grande porta de metal da garagem abrindo-se, antes de pegar a roupa de baixo da gaveta e vesti-la. Ela deu risinhos enquanto olhava-se no espelho, virando-se para ver a abertura no traseiro. "Quem faz essas coisas"? ela riu. "Imagina o que as pessoas falariam de mim se soubessem que eu estava balançando de árvores no meio da noite usando isso"?

Sara acabou de se vestir, pegou o casaco, o chapéu e as luvas e saiu pela porta dos fundos. Enquanto caminhava, sua irritação desapareceu, e sua usual avidez pela vida voltou.
"Vou pegar um atalho pelo campo" decidiu Sara. "Metade da cidade vai querer me dar uma carona para o jogo de futebol se eu andar pela estrada"!

Parecia tão claro enquanto ela caminha pelo pasto, mas quando Sara adentrou na trilha e aprofundou-se no bosque ela mal podia enxergar alguma coisa.
Pareceu estranho estar fora e sozinha no escuro. "No que eu estava pensando"? resmungou Sara, desejando que ela tivesse pensado em trazer uma lanterna. Ela se virou e olhou para trás, para a trilha que ela já tinha caminhado, e então para a frente, para a trilha ainda mais escura. Nenhuma direção parecia uma escolha confortável para ela, ela sentiu-se paralisada pela indecisão. Quanto mais ela se esforçava para enxergar, mais escuro tudo parecia. Então Sara ou viu um som vindo da direção da casa da árvore. Era o som familiar de alguém balançando na árvore.

Sua indecisão desapareceu imediatamente e ela começou a andar na direção da casa da árvore. Não estava mais claro agora do que antes, mas Sara não teve dificuldade em seguir rapidamente pelo caminho. Quando ela chegou na clareira no rio ela viu uma forma balançando sobre o rio. Ela ouviu um baque e então a voz de Seth dizendo "Isso, perfeito"!

- Seth? – Sara chamou, feliz por perceber que era ele e surpresa por encontra-lo aqui no escuro. – É você?
- Caramba, Sara! Você quase me mata de susto! – Seth respondeu. – O que você está fazendo aqui Pensei que estaria no jogo.
- Nem – Sara respondeu, sem querer tentar explicar para Seth como ela se sentia sobre essas coisas. – Eu nunca vou.
- Nem eu – Seth respondeu rápido.
- Por que não? – Sara envergonhou-se da sua pergunta rápida e curiosa. Ela realmente não gostava quando os outros a pressionavam com perguntas sobre suas decisões, e aqui estava ela fazendo isso com Seth. Mas ele não pareceu se importar.
- Ah, não sei. Nunca me senti realmente parte de nenhuma escola. Quando eu ia ver uma grande corrida eu ia torcer. Mas eu sempre me metia em problema porque metade do tempo eles estavam no time errado. Eu cansei disso.

Sara estava fascinada. Seth tinha apontado exatamente o que a incomodava nos jogos de bola: ela não gostava da sensação de que ela tinha que aprovar tudo o que seu time fazia só porque era o seu time, e ela não gostava da ideia de ter que desaprovar tudo o que o outro time fazia, fosse o que fosse, só porque era o outro time. Sara não conhecia mais ninguém que se sentisse da mesma forma que ela sobre jogos de bola. Ela sentiu-se muito feliz por ter Seth como amigo.

- Há quanto tempo você está aí? – perguntou Sara.
- Desde o anoitecer. – respondeu Seth.
- Você não está com frio?
- Nem, eu estou com... – Seth parou no meio da frase. Ele realmente não queria contar para Sara sobre sua roupa de baixo térmica. Ele se sentiu ridículo ao vesti-la. Espetou que ela não tivesse ouvido.
Mas ela ouviu, e agora começou a rir.
Sua risada era tão contagiosa que ele começou a rir também.

- É vermelha? – Sara sussurrou.
Seth riu alto.
- É, como você sabe?
- Ah, eu não sei – Sara riu. – Foi só um palpite. Seth, nós somos amigos de penas... esquivamo-nos de jogos, balançamos em árvores, amigos de penas flanelados de vermelho.

Eles riram tanto que seus olhos lacrimejaram. É tão bom ser completamente compreendido por outro. Realmente muito bom.

Capítulo 14
Procurando cavernas

Sara achou o bilhete de Seth no seu armário na escola:
"Sara, vejo você na casa da árvore. Mas não suba até eu chegar lá. Tenho uma surpresa para você".

Sara esperou na base da árvore. Ela deliberadamente não olhou para cima da árvore porque ela não queria estragar a surpresa.
Seth irrompeu através dos arbustos.

- Você não subiu lá, né?
- Eu queria, mas esperei por você. Qual é a surpresa?
- Suba. Logo estarei lá – disse Seth. Ele tinha uma sacola de papel sob o braço e um brilho incomum nos olhos.

Sara escalou a árvore e Seth estava logo atrás dela. Eles sentaram empoleirados na árvore. Sara olhou ao redor.

- Ok, estou pronta – ela não via nada diferente.
- Ok, feche os olhos.

Sara fechou os olhos e Seth desamarrou uma corda que estava escondida atrás da árvore. Ele pôs a corda em suas mãos e disse:
- Muito bem, agora segure isso firme e abra os olhos.

Sara abriu os olhos e riu.
- Mas o que é isso?
- Não solte. Puxe a corda gentilmente.

Seth amarrou algumas polias aos galhos de cima e passou uma longa corda por elas. Quando Sara puxou a corda, fez subir um grande balde contendo uma garrafa de água, alguns chocolates, copos de papel, a pesada mochila de Sara, e alguns sacos plásticos para lixo.

- É muito mais fácil puxar isso pra cima depois de subirmos do que carregar pela escada. – disse Seth, esperando um elogio de Sara.
- É engenhoso! Amei isso! Onde você conseguiu as polias e a corda?
- O professor de ginástica as deu pra mim. Ele disse que estavam numa caixa na sala de equipamentos por anos e que ia jogar fora.

Sara sorriu. Ela reparou como as pessoas frequentemente se abriam para Seth. Ela nunca conheceu alguém como ele. Ele simplesmente parecia despertar o melhor das pessoas, e elas sempre se estendiam de formas que ela nunca tinha visto antes. Esse treinador de ginástica era visto pela maioria como muito rigoroso, geralmente desagradável, resmungão. E no entanto ele estava dando para Seth exatamente o que ele queria para fazer esse refúgio secreto ainda mais perfeito. “Acho que todos gostam de Seth” pensou Sara.

- De onde você tira essas ideias?
- Ah, não sei, acho que já tive muitos esconderijos.
- Quantos? Conte-me sobre alguns deles.
- Ah não sei... – Seth estava embaraçado. Nenhum deles foi muito excitante, nenhum foi tão demais quanto esse, e nenhum foi compartilhado com uma garota antes. Geralmente ele não compartilhava com ninguém. Seu irmão menor descobriu um ou dois deles, mas não era intenção de Seth. Um esconderijo é algo muito particular.

Os olhos de Sara estavam faiscando enquanto ela tentava imaginar todos os lugares maravilhosos onde Seth morou e todos os esconderijos maravilhosos que ele criou nos bosques. Seth viu seu olhar de grande expectativa. Ele riu ao sentir o incitamento dela por mais detalhes, e ele certamente não queria desapontá-la. Ele sabia que Sara nunca veria seus velhos esconderijos. Ele sabia que nunca os veria novamente também, e ele considerou por alguns momentos, oferecer uma versão aumentada deles, desejando que suas histórias satisfizessem as expectativas de Sara. Mas o exagero não era o estilo de Seth. Na verdade, ele costumava diminuir sua criatividade em vez de aumenta-la. Mas havia algo mais. No curto período enquanto ele e Sara se encontravam, balançaram e riram e brincaram e conversaram, ele passou

a confiar nela de um jeito que nunca tinha confiado em mais ninguém. Ele não queria fazer nada que estragasse isso.
Sara puxou os joelhos perto do peito e aguardou. Seth riu. Era impossível negar-lhe.

- Bem, não eram grande coisa, Sara. A maioria apenas lugares onde eu podia ficar sozinho, muitos tinham que ser perto e eu não podia ficar muito tempo em nenhum deles. Mas eu me sentia bem apenas sabendo que estavam lá.
- É, eu sei o que você quer dizer.
- O primeiro eu achei por acaso. Era na parte de trás da propriedade do nosso vizinho. Ele tinha uma propriedade grande, digo, algo como centenas de acres, e muito longe da casa, muito longe dos pastos e celeiros eu encontrei uma casa numa árvore.
- Uau! – disse Sara. – Era legal como essa qui?
Seth riu.

- Era muito maior que esta aqui. Era num bosque de árvores, e o assoalho estava conectado a três árvores diferentes. Não sei quem construiu, nunca vi mais ninguém por perto dali, e nunca contei pra ninguém sobre ela. Eu odiei deixar aquele lugar, mas nós só moramos ali por uns seis meses. Acho que aquela grande casa de árvore velha ainda está lá apodrecendo.
- O que mais?
- Então nos mudamos para um lugar perto de uma fazenda que tinha muitos celeiros e barracões. Criavam porcos e vacas leiteiras. Os celeiros eram conectados com cercas e currais, e era um lugar divertido de estar porque você podia ir de celeiro em celeiro andando nas cercas e telhados sem nunca tocar os pés no chão. Eles guardavam fardos de feno em dois celeiros grandes. Era divertido rearranjar os fardos, eles formavam ótimas paredes. Aquele era um lugar divertido. Nunca contei a ninguém sobre o lugar também. Era só eu e alguns gatos que perambulavam caçando ratos.
- E então? – Sara estava curtindo suas imagens mentais desses lugares todos.
- Alguns eram cavernas. As cavernas eram ótimas. Algumas vezes um tanto assustadora porque você nunca sabe quem mais mora ali com você, mas nunca vi nada assustador.
- Cavernas? Hummm. Não temos cavernas por aqui.
- Ah certamente que tem. Provavelmente há muitas cavernas pelas encostas.
- Sério? – Sara estava surpresa – Acho porque nunca vi nenhuma, não significa que não existam. Acha que podemos encontrar alguma?
- Sim, provavelmente podemos – Seth disse um pouco hesitante, preocupado com o tempo que levaria somente para chegar ao pé das montanhas.
- Eu adoraria encontrar uma caverna! – Os olhos de Sara brilhavam de excitação. – Por favor, Seth, diz que sim!
- Ok – Seth sorriu, - Encontraremos uma caverna. Mas acho que não poderemos ir lá com muita frequência.
- Ah, eu sei – disse Sara excitadamente. – Não temo que ir muito lá. Eu só quero encontrar uma caverna.

Seth sabia que seu pai ficava sempre irritado se ele chegasse tarde em casa. Mesmo não tendo tantas tarefas familiares para fazer aqui como em outros lugares em que moravam, seus pais

ainda esperavam que Seth fizesse sua parte para ajudar. E mesmo quando não havia muita coisa para fazer, seus pais sempre encontravam alguma coisa para Seth e seu irmão fazerem.

- Não sei Sara. Levaria muitas horas. Não tenho certeza...
- Nós poderíamos faltar na escola – disse Sara.
- É poderíamos – sorriu Seth.
- Ninguém saberia, eu nunca falto à escola – disse Sara. – Ninguém suspeitaria de nada. Vamos lá, Seth, por favor!

A ideia de ter um dia todo para explorar e inspecionar com Sara era tentadora. Não havia nada que Seth desejasse mais que liberdade para fazer o que quisesse.

- Espero que você saiba o que está fazendo. Ok, quando iremos?
- Na próxima semana. Vamos na terça.

Sara ficou tão feliz! A ideia de passar o dia todo explorando, procurando por cavernas soou deliciosa. Ela levantou, agarrou a corda de balançar e mesmo sem por o pé no laço saltou no ar balançando sobre o rio.

- Caramba Sara! – Seth disse quase sem fôlego, com medo até de olhar, temendo que Sara não aguentasse segurar a corda e caísse no rio.

Mas Sara segurou a corda firme, e enquanto ela balançava sobre o rio irradiava alegria. Ela não se lembrava de sentir-se melhor. "Tudo está realmente bem" pensou Sara. Ela sentiu o tempo certo de saltar da corda e fez outra aterrissagem perfeita.

Sara ficou em pé na margem, e observou Seth enquanto ele puxava a corda para a árvore. Ele recolheu os papéis dos chocolates, pegou a jaqueta de Sara e sua mochila e colocou no balde, e então desceu-o cuidadosamente. Então com Sara observando do chão, ele pegou a corda e saltou no ar e balançou sobre o rio. Ele também fez uma aterrissagem perfeita e olhou para Sara. Eles se entreolharam, lembrando os primeiros pousos desastrosos. Eles evoluíram muito rapidamente. Eles voltaram para a árvore, subiram o balde vazio e amarraram a corda num prego atrás do tronco. Sentiram-se sortudos porque ninguém tinha descoberto o seu maravilhoso esconderijo.

- Seth essa casa na árvore é tão maravilhosa!
Seth sorriu.

Capítulo 15
Salvos por uma coruja

Sara acordou e imediatamente sentiu-se exultante. Era terça-feira, e esse era o dia que ela e Seth combinaram de se encontrar na casa da árvore. Eles iam explorar a encosta das montanhas procurando por cavernas.

A mãe de Sara estava ocupada na cozinha.

- O que há, Sara? – ela perguntou quando Sara entrou.
- O que você quer dizer? – Sara perguntou. Que coisa estranha para sua mãe perguntar. Sara olhou para longe, não querendo olhar nos olhos da mãe.
- Bem, você acordou bem cedo, não é? – sua mãe respondeu.
- Ah é, acho que sim – disse Sara aliviada. – Precisei ir ao banheiro – ela disse, tentando justificar sua mentirinha com o fato de que realmente precisava ir agora. Sara não imaginou sua mãe interessada demais, justo no dia de sua grande escapada.
- Bem, se você tiver um tempo extra, podia me dar uma ajudinha aqui, querida?
Sara não tinha planejado isso também.
- Ok, vou num minuto.

"O que há com os pais"? pensou Sara. "Eles sempre parecem adivinhar quando há algo excitante que você quer fazer e então arranjam alguma tarefa chata que acaba estragando as coisas".

Sara tomou um banho e parou na frente do armário tentando decidir o que vestir. "Tem que parecer que estou indo para a escola", ela pensou, "e velho o bastante pois se rasgar ou coisa assim não terá importância. E algo que não chame a atenção".

"Verde fica bem", murmurou Sara enquanto pegava um pulôver que ela não usava desde o ano passado. Não estava tão folgado quanto ela gostaria, ela tinha crescido um tanto, mas ainda parecia a melhor escolha. Sara amarrou o cabelo para trás num rabo-de-cavalo, e foi encontrar sua mãe na cozinha.

- Você parece bem hoje. – disse sua mãe. – Faz tempo que não vejo você usar pulôver.
"Caramba" pensou Sara. "Devo estar com um cartaz dizendo olhe para mim, vou fazer algo diferente hoje"!

Sara lavou duas dúzias de jarras enquanto sua mãe descascava e descaroçava maçãs.
- Se eu esperar mais ficarão passadas. – sua mãe disse.

Sara não respondeu. Estava mergulhada em pensamentos imaginando se ela e Seth encontrariam alguma caverna hoje.

- Ok, Sara é tudo o que preciso. Obrigada, querida. É melhor você ir agora.
- Ah é, - Sara respondeu. – Melhor eu ir agora.

Sua mãe observou sorrindo, curtindo os diferentes humores da sua filha que crescia rápido.

Sara e Seth planejaram ir à escola para a primeira ou segunda hora. Depois sairiam " não se sentindo muito bem", para se encontrarem na casa da árvore. Ninguém estranharia de vê-los andando naquela direção pois era o caminho normal para sua casas. Então seguiram pela

margem do rio, onde dificilmente encontrariam alguém até que pudessem voltar adiante da escola. Uma vez lá, poderiam seguir por várias trilhas acima da montanha, passando o depósito de lixo, passando o velho moinho que não era usado desde que Sara nasceu, e chegando às montanhas além da cidade. Se ficassem longe da estrada, ninguém os veria.

O segundo sinal tocou, e Sara dirigiu-se para a Sala do Sr. Marchant.
- Sr. Marchant, eu queria ir para casa, não estou me sentindo bem – mentiu Sara para o diretor.
- Lamento ouvir isso, Sara. Quer que eu telefone para sua mãe?
- Não, tudo bem. Não é uma longa caminhada. E não quero atrapalhar minha mãe no serviço. Falarei com ela quando chegar em casa.
- Bem está bem. Cuide-se.

Sara saiu da escola, exultante e envergonhada. Era só porque ela era visto como uma boa menina que ela estava se saindo bem com isso. Pareceu estranho estar usando tão mal sua reputação, mas o seu entusiasmo por um dia excitante à frente ultrapassou o momentâneo sentimento de culpa enquanto Sara caminhava na direção de casa.

E, como ela imaginou, ninguém falou com ela, ninguém ofereceu carona, ninguém pareceu nota-la.
Ela subiu a escada da árvore do balanço e mal tinha sentado quando Seth apareceu entre os arbustos. Ela riu quando viu ele com sua camisa verde-escuro e jeans surrados; Ela sabia que ele escolheria uma boa camuflagem também.
Ele subiu na árvore, sorrindo de orelha a orelha. Parece que ambos se saíram bem, e esse dia pertenceria inteiramente a eles. Esse momento era como um tesouro para eles, mas mais especialmente para Seth.
Seth abriu a tampa do banco e tirou dois pares bem usados de botas de pescador.

- Elas são grandes – ele disse. – Mas manterão nossos pés secos enquanto subirmos o rio.
- Onde você conseguiu isso?
- São do meu pai – Seth disse. – Eu trouxe ontem à noite. Ele me mata se souber que eu peguei isso, mas ele não vai usar hoje, e nos ajudarão a sair da cidade.

Sara sorriu, mas sentiu uma ponta de desconforto no estômago. A trama estava engrossando enquanto mentirinhas se tornavam mentiras verdadeiras e agora roubo, ou ao menos um empréstimo forçado. Ela podia imaginar pela conduta de Seth que ele não estava brincando sobre estar numa enrascada se seu pai sentisse falta das botas. Ela estremeceu ao imaginar como ele sentiria a respeito da casa da árvore ou cabular a aula.

- Ei, Sara, será divertido. Não se preocupe, ninguém saberá.

Sara se iluminou.
- Você está certo. Vamos.

Eles baixaram suas jaquetas e as botas no balde, desceram pela escada e então puxaram o balde vazio de volta para o alto. Sara calçou suas grandes botas. Deu uns gritinhos enquanto calçava,

pois estavam frias por dentro e pareciam viscosas. Seth calçou suas botas também e ambos partiram.

- Vamos ficar na margem do rio o quanto pudermos. Só sairemos se for preciso.
- Tudo bem pra mim – disse Sara.

Eles caminharam lentamente para a margem do rio, pisando a grama fundo e curvando-se sob galhos. Seth foi na frente, fazendo o melhor que podia para criar uma trilha para Sara. Ele acidentalmente soltou um galho muito cedo, deixando que ele batesse em Sara. Sara riu alto, e ele também.
Um grande pássaro saiu dos arbustos e voou para o céu.

- Ei, - disse Seth, - Parece uma coruja. Sara, acha que é a sua coruja?
- Não é ele.
- Como você sabe? – perguntou Seth. – Como você pode ter certeza que não é a mesma coruja?
- Porque minha coruja está morta! – disparou Sara.

Ela sentiu-se envergonhada por ter reagido de forma tão forte.
- Bem, quero dizer, ele não está realmente morto... – Sara parou. Ela não estava realmente pronta para tentar explicar para Seth tudo que ela tinha aprendido sobre a morte, que não é como a maioria das pessoas pensa.
- Billy e Jason atiraram nele... no matagal... ele morreu nos meus braços, na trilha Thacker.

Seth estava quieto. Ele estava arrependido de ter perguntado. Era claro que Sara tinha vivido um grande trauma com a morte daquela coruja. E então teve um estalo: “Ele deve ter morrido bem no mesmo lugar da trilha Thacker onde eu fingi que estava morto! Não é atoa que Sara ficou tão brava naquele dia”!

Sara enxugou uma lágrima do seu rosto. Ela estava envergonhada por Seth vê-la chorar, e ainda mais envergonhada por ainda estar incomodada pela morte de Salomão.
Naquele momento, a coruja voou sobre o rio e então de volta na direção da árvore do balanço; voou para cima e então pousou na plataforma que Seth construiu, e olhou para o rio, na direção de Sara e Seth.

- Ei, ele está na nossa casa na árvore – disse Seth.
- É – disse Sara suavemente – Ele está.

Sara lembrou-se das palavras de Salomão quando morreu: “É com grande alegria que me desprendo desse corpo físico, sabendo que quando eu quiser eu poderei focar minha energia em outro corpo, mais jovem, mais forte, mais rápido...”.
Sara contraiu os olhos, tentando focar a coruja. A coruja voou da árvore, seguindo a mesma trajetória do balanço de Seth e Sara na corda, e então subiu alto no céu ficando fora de vista: “Salomão”! pensou Sara “É você”?

Sara sentiu uma tamanha excitação que mal podia respirar. Seria possível que Salomão decidira voltar para estar com ela na trilha Thacker? E se fosse ele, porque não lhe contou que estava voando? “Salomão” chamou Sara em sua mente.
Nenhuma resposta. Sara nem lembrava quando foi sua última conversa com seu querido amigo falecido.

- Acho que vamos ter que entrar na água aqui – disse Seth.

A voz dele trouxe a consciência de Sara de volta para o presente, e ela seguiu a liderança de Seth enquanto ele cuidadosamente seguia pela água rasa perto da margem do rio. O rio era largo aqui, e a correnteza não era forte, então eles não deveriam ter problemas para contornar algumas árvores e moitas densas. Sara olhou para trás para as moitas e pensou pela primeira vez que talvez estivesse cometendo um erro. Ela preocupou-se que poderiam chegar em outros locais onde não pudessem passar pelas árvores nem pelo rio, mas Seth parecia bastante confiante, então ela seguiu quieta.

Era uma empreitada difícil, caminhando pesadamente com as botas grandes. Sara desejou que tivessem escolhido um caminho diferente. Ela estava começando a ficar cansada, e estava feliz porque Seth é que estava carregando a mochila pesada com a garrafa de água, frutas e doces.

- Há uma clareira ali adiante – avisou Seth. – Vamos parar ali para descansar.

Sara sorriu. Seth estava lendo sua mente de novo.
- Eu trouxe alguns chocolates – ele disse. – Vamos parar e comê-los.

Isso pareceu bom para Sara.

- Quanto nó já avançamos? – perguntou Sara.
- Não muito – disse Seth. – Olhe ali, não é o topo da placa do posto de gasolina?
- Ah caramba – murmurou Sara. Era realmente desencorajador ver a curta distância que avançaram. O posto de gasolina não era nem perto do limite da cidade. – Isso está indo muito devagar. Queria poder sair na rua e andar. Essa trilha aqui é muito difícil.
Seth riu.
- vamos seguir pelo rio um pouco mais e depois saímos para o pasto atrás de cemitério. Não acho que alguém ali vá nos ver.
- Não aposte isso – Sara riu. Ela tinha um novo respeito pelos mortos. Afinal, não estavam mortos quanto ela sempre pensou. Ela lembrou de Salomão novamente.
Eles acabaram com os chocolates, beberam água, calçaram novamente as grandes botas e prosseguiram sua jornada rio acima. E logo adiante, como Seth imaginou, o rio fazia uma curva e seguia bem na direção do cemitério.

- Quanto mortos você acha que estão ali? – perguntou Seth.
- Acho que todos eles – brincou Sara.
- Sara – Seth resmungou.
Sara deu uma risadinha.

- Bem, vale a pena desenterrar algumas piadas velhas de vez em quando, não acha?
Seth resmungou de novo.
- Algumas piadas parecem ganhar vida própria.
- Sara, pare, eu estou lhe implorando.
- Algumas piadas parecem viver pra sempre – Sara riu.
- Sara, estou morrendo aqui. Por favor, pare!
Sara riu. Seth riu também.
- Há algumas lápides bem legais por aqui. Quer ir ver? – perguntou Sara.
- Nem. Hoje não. Talvez mais tarde. Melhor irmos andando se quisermos encontrar alguma caverna.

Sara estava aliviada. Ela nunca gostou de ir ao cemitério. Sempre se sentia estranha. Não por causa dos mortos, mas por causa dos adultos que visitavam ali, sempre tão tristes e deprimidos. A visão de Sara sobre a morte mudara dramaticamente graças a Salomão, mas ela podia sentir, especialmente quando visitavam o cemitério, que as outras pessoas tinham sérias dificuldades com o assunto.

- Ei, Sara, olhe! Lá está aquela coruja novamente.

Sara olhou para o cemitério e no topo do monumento mais alto... de fato o único monumento no cemitério era a coruja. Pousada ali como uma estátua, como se fosse parte do monumento também.

- Parece que está nos seguindo – disse Seth, surpreso.
- É, parece mesmo – Sara concordou, e quando olhou de novo já não estava mais lá – Ele voou? – ela perguntou.
- Não vi para onde foi. Pronta para continuar? – Seth perguntou, sem estar nem perto do interesse que Sara estava pela coruja. – Me dê suas botas, Sara. Carrego pra você. – ele as amarrou juntas e jogou sobre o ombro junto com as suas. Sara sentiu-se aliviada.

- Você acha que voltaremos por este mesmo caminho? – perguntou Sara.
- Provavelmente. Mas quando você sobe numa montanha é comum que do alto veja um caminho melhor para a volta. Por quê?
- Eu só pensei que poderíamos esconder as botas aqui e pegá-las na volta. São tão pesadas, e não diga isso ao seu pai, mas elas fedem.
Seth riu.
- Seu segredo está seguro comigo, Sara. Essa é uma boa ideia – Seth olhou ao redor buscando um lugar para esconder as botas – Vejamos aquela árvore ali adiante! – com certeza, como Seth imaginou, aquela árvore tinha um grande oco na parte de trás.
- O que faz uma grande árvore como essa morrer afinal? – Sara perguntou.
- Ah, não sei. Um monte de coisas, acho. Essa parece que foi atingida por um raio – disse Seth.
- Hummm – Sara murmurou. Ela nem sabia de algum raio que tivesse caído na região.
- Às vezes ficam doentes e morrem, ou apensas ficam velhas. Nada vive para sempre, você sabe.
- É o que dizem – disse Sara.

Seth enfiou as botas no oco da árvore e eles se foram. Eles rastejaram sob algumas cercas entre um pasto e outro, felizes por não encontrar nenhum fazendeiro ou alguém mais em duas horas de caminhada. Exceto a coruja.

- Como você sabe onde procurar? – Sara perguntou. Ela estava começando a imaginar se essa coisa toda de caverna era mesmo uma boa ideia. Ela não tinha se dado conta que seria uma caminhada tão longa.
- Vê aquele ponto escuro bem acima delas? Acho que é uma caverna. Não posso te dizer com certeza, mas já vi um monte de encostas rochosas, e aquelas parecem ter cavernas.
- Ok – Sara sorriu. – Espero que esteja certo. Quanto ainda falta para chegarmos?
- Não muito. Estaremos lá em menos de uma hora. Quer descansar de novo?
- Não, estou bem. Só perguntei.

Eles marcharam silenciosamente, sem conversar muito. "Engraçado", Sara pensou "achei que seria bem mais divertido que isso". Ela não esperava que demorasse tanto, e não esperava ficar tão cansada. Era uma subida bem mais íngreme agora, e seu dedinho estava começando a doer. Ela queria parar para tirar o sapato e esticar a meia que havia embolado e estava desconfortável. "Caramba, qual o meu problema"? Aposto que Seth nunca mais vai cabular aula com uma garota de novo".

- Vamos sentar aqui por um instante Sara. Se pararmos para descansar e comer e beber com frequência manteremos melhor nossa energia.
- Ah que bom – disse Sara tirando seu sapato. Que doce alívio! Ela tirou a meia e calçou novamente. "Muito melhor", pensou.

Seth sorriu enquanto lhe jogou uma maçã. Seu lançamento foi rápido e preciso, e Sara acompanhou rápido e agarrou a maçã no ar com a mão esquerda.
Ambos riram.
Eles comeram as maçãs e agora refrescados e recuperados, prosseguiram.

- Sabe, - disse Sara – está realmente um dia bonito. – Ela tinha recuperado o fôlego, sua culpa tinha cedido e logo à frente estava a encosta que viram lá do pasto.
- Oh, oh... – disse Sara quando viram a vegetação densa ao longo do pé da encosta. – E agora?
- Espere aqui – disse Seth. – Vou ver se há um caminho mais fácil para atravessar.
Sara realmente não gostava da ideia de esperar ali sozinha, mas também não queria ficar toda arranhada.
- Ok – ela disse relutante.
- Se não achar algum caminho logo, voltarei rápido – Seth disse enquanto desaparecia nos arbustos.
- Bom – Sara disse para si, sentando numa pedra, agarrando seus joelhos e olhando para trás para o vale. Ela ficou interessada em ver se conseguia identificar pontos de referência pelo vale, quando Seth retornou pelos arbustos,
- Venha Sara. Você vai amar isso. É uma das melhores cavernas que já vi.
- Serio?

- É, é demais! É um pouco difícil atravessar aqui, mas depois o caminho está livre – Seth disse enquanto puxava os arbustos para Sara poder entrar. Eles andaram cerca de cem metros e logo à frente deles estava a entrada de uma grande caverna.
- Uau! – disse Sara. – Não posso acreditar que nenhum garoto da cidade jamais encontrou isso aqui!
- Bem, pelas marcas nas paredes eu não diria que somos os primeiros aqui, mas somos os únicos aqui hoje, ou pelos últimos tempos. Acho que ninguém bem aqui há anos. Olhe como a escrita está apagada.

Seth e Sara pararam na entrada.
- Não posso acreditar nisso! – disse Sara. – É um lugar enorme!

A entrada da caverna tinha um metro e meio de diâmetro, mas depois de passar por ela o espaço aumentava. O teto da caverna parecia estar a pelo menos sete metros de altura, e por todas as paredes e até mesmo o teto dessa primeira sala estava cobertos por pinturas, na verdade nada talentosas, nomes e bonecos de palito – e até uma cara risonha.

- Quem quer que pintou isso não tinha muito mais talento do que eu – disse Sara.
- É, e também nenhum respeito pela beleza natural – disse Seth. Sara percebeu que Seth não aprovava a descaracterização dessa bela caverna.
- Quer entrar mais fundo? – perguntou Sara, desejando ver mais e ao mesmo tempo realmente esperando que Seth dissesse "Mais tarde" ou "Da próxima vez" ou "Não, realmente não quero entrar mais fundo".
- Sim – respondeu Seth. Ele pareceu genuinamente interessado em ver mais da caverna. Seu entusiasmo contagiou Sara, dando lhe alguma coragem, mas ela ainda sentia-se bem relutante em seguir adiante nesse território escuro e desconhecido.
Ela certamente não queria ser uma estraga-prazeres, mas a cada passo que avançavam Sara sentia uma resistência cada vez maior a dar o próximo passo.

Seth também não estava com pressa. Ele estava bastante orgulhoso de ter encontrado uma caverna tão rápido e fácil para sua nova amiga, mas ele também sentia alguma relutância em penetrar nessa desconhecida escuridão. Mas ele não desapontaria Sara. Afinal, já chegaram até aqui.
Seth tirou sua mochila e pegou a lanterna que trouxera. Era velha e não iluminava muito, mas era melhor que nada, e ele apontou sua luz fraca para a caverna.

- Caramba, essa caverna não tem fim! – sua luz não era forte o bastante para chegar até a parede do fundo da caverna. – Sara eu nunca vi uma caverna como essa, isso é incrível!

Aquelas palavras não foram realmente reconfortantes para Sara. Ela preferia que Seth tivesse dito algo como "Sim, Sara, eu explorei muitas cavernas exatamente como essa e elas são sempre a mesma coisa: seguras, sem nada de assustador e realmente divertidas de explorar". Mas ela podia perceber no tom de voz de Seth que ele estava tão inseguro sobre esta caverna quanto ela.

Seth lançou a luz fraca ao redor, procurando encontrar o teto ou a parede do fundo da caverna, mas a luz parecia ser incapaz de encontrar o teto ou o fundo desse lugar enorme. Seth então apontou a luz para o chão e então parou morto de medo.

- Sssssshhh... Não se mexa. – disse suavemente.

Sara congelou. O que Seth viu? Então subitamente houve uma agitação de poeira, e Sara ouviu a voz de Seth dizer "Mas que diabos...".

Ele virou-se olhando para a entrada da caverna atrás do rosto assustado de Sara e gritou:
- Olhe, Sara é a coruja! É a coruja!

Sara e Seth correram para a entrada da caverna a tempo de ver a grande coruja voando com uma enorme serpente pendurada no bico.

- Sara, - Seth gritou – A coruja nos salvou! Aquela serpente estava enrodilhada prestes a dar um bote! Se a coruja não estivesse lá certamente teria me pegado!
- Vamos sair daqui – exclamou Sara correndo para fora da caverna, seguida por Seth. Sara não teve dificuldade para atravessar os arbustos e achar o caminho de volta para o pasto. Ela sequer parou para olhar pra trás e ver se Seth a seguia até estar de volta ao pasto e pronta para atravessar a primeira cerca.
- Pensei que você disse que não tinha medo de cobras – disse Seth sorrindo.
- Mudei de ideia – retrucou Sara, sem fôlego. – E mudei de ideia sobre cavernas também.
Seth riu.
- Sim, eu também. Ao menos por enquanto. Mas aquela caverna é incrível, Sara. Geralmente serpentes não incomodam você, elas ficam fora do seu caminho, mas acho que a surpreendemos. Ei, e aquela coruja? Acreditou naquilo?
- Bem, sim, acho que sim. (Ah, tinha tanto para contar para Seth)
- É melhor voltarmos – disse Seth olhando para o relógio. – O tempo voa quando estamos nos divertindo.
- É, ou qualquer coisa parecida.

Era muito mais fácil descer para o vale do que foi subi-lo, e Sara e Seth tinham uma nova energia que os impelia. Sara apreciou que Seth estava contendo seu passo num ritmo que ela pudesse acompanhar, e Seth estava contente que Sara o acompanhasse facilmente. Eles andaram e algumas vezes correram vale abaixo.

- Essas cercas velhas não parecem segurar muita coisa – disse Seth enquanto pisavam num arame abaixando-o e puxava outro arame para cima, criando uma abertura para Sara passar. Uma vez do outro lado, Sara fazia o mesmo para Seth passar.
- É tanto melhor para nós – Sara riu.

Eles alegremente fizeram o caminho de volta pelos pastos até a árvore morta onde esconderam as botas. À medida que se aproximavam da árvore, Sara sentiu alguma relutância. Ela

realmente não gostava da ideia de calçar aquelas velhas botas fedidas. E a ideia de caminhar pelo rio abaixo de volta também não era nem um pouco atraente. Seth sentiu isso também.
Sara não disse o que estava sentindo; ela guardou enquanto Seth pegava as botas dentro da árvore.

- Sabe, Sara, os alunos estarão saindo da escola daqui a alguns minutos. Nós poderíamos passar logo depois da escola e nos misturarmos com os outros que estão indo pra casa. O que você acha? Gostaria de tentar?
- Sim – disse Sara excitadamente. Ela gostou muito mais dessa ideia do que seguir pelo rio. E um jogo de esconde-esconde, ou ao menos um jogo de "eu sou invisível, você não vai me notar" era excitante.
- Voltarei mais tarde então para pegar as botas.

Sara sentiu-se bastante aliviada.
- Bem, então vamos andando – ela disse alegremente, perfeitamente feliz por deixar para trás aquelas botas fedidas.

Enquanto cruzavam o último pasto acima do pátio da escola, puderam ver que estava vazio. Ninguém estava se movendo por lá. Então o sinal tocou, as portas se abriram e o pátio e o estacionamento da escola se encheram de alunos e professores, espalhando-se do prédio como prisioneiros em fuga. Sara sentiu algum desconforto, ou talvez fosse excitação – ou talvez fosse culpa. Era difícil apontar exatamente o que ela estava sentindo enquanto via seus colegas saindo da escola após um longo dia, exatamente como ela sabia que devia estar também naquele momento.

- Ok, - disse Seth – vou seguir adiante. Não devemos ser vistos juntos.
- Ok, vai querer me encontrar na casa da árvore depois?
- Sim, nos vemos lá – Seth foi em direção à escola.

Sara observou Seth até que desapareceu atrás do prédio. Ela amarrou os sapatos, pôs a blusa para dentro, tirou o elástico do cabelo e passou os dedos por eles para deixa-los em ordem. Ela riu quando encontrou um galho de bom tamanho espetado no cabelo. "Ah, que legal, há quanto tempo será que está aí"? ela falou alto, sentindo-se consciente de sua própria aparência. Ela pôs de volta o elástico no cabelo e seguiu para atrás da escola

O Sr. Marchant saiu do prédio bem na hora que Sara dobrou a esquina. Ele olhou para Sara e acenou.
O coração de Sara parou. "Oh, oh..." ela pensou.
Mas o Sr. Merchant entrou no seu carro, saiu do estacionamento e desapareceu na esquina.

"Ou ele não me viu, ou esqueceu que eu fui para casa doente, ou todos somos parecidos para ele, ou estou numa grande enrascada e ele está brincando comigo". A boca de Sara estava seca, e ela sentiu um calor repentino. "Ah, bem" ela disse "O que está feito está feito".

Sara caminhou rapidamente até a árvore do balanço. Ela sentiu-se mais notável do que nunca. “Provavelmente vou brilhar no escuro” ela murmurou.

Sara não lembrava de ter vivido um dia mais de pernas para o ar como aquele em toda a sua vida. Tinha começado prometendo tanto. Um dia inteiro para escapar e explorar com seu melhor amigo. Mas não foi nada como ela imaginou que seria. Foi muito difícil caminhar pela margem do rio, e as botas fedidas não adicionaram nada ao prazer do dia. Encontrar a caverna foi ótimo, mas ser escorraçada de lá por uma enorme serpente malvada foi verdadeiramente assustador! E então ser vista pelo Sr. Marchant... Bem, se o dia ter um fim pior, Sara não podia imaginar como seria.

Capítulo 16
Siga o seu coração.

Sara correu praticamente o caminho todo até a trilha Thacker. E saiu da estrada e entrou pelos arbustos meio andando meio correndo até a casa da árvore. Ela estava ansiosa para falar com Seth e contar-lhe como tinha sido flagrada pelo diretor da escola. De todas as pessoas no mundo para vê-la, porque tinha que ser justo a única pessoa para quem tinha mentido?

- Ei Seth – Sara chamou.
Sem resposta.

- Ele devia estar aqui há algum tempo – disse Sara em voz alta. – Seth! – ela chamou de novo, esperando que sua voz de alguma forma alcançasse onde seus olhos não podiam ver e chegasse a ele.

Sara sentou no chão da casa da árvore, puxou suas pernas contra o peito e descansou o queixo sobre os joelhos. Ela estava absolutamente exausta.

- Salomão? – chamou Sara baixinho. – Pode me ouvir?
- Sem dúvida que posso, Sara. É bom ter uma oportunidade para uma prosa. Sobre o que você quer falar?

Sara fechou os olhos e sentiu-se confortável. Ela aprendeu, com muita prática, que se ela tinha algo realmente importante sobre o que queria falar, então ela podia ouvir a voz de Salomão em sua cabeça tão claramente quanto seu rádio com fones de ouvido podia tocar música em seus ouvidos. Sara tinha tanta coisa que queria conversar com Salomão.

- Salomão, onde está Seth? Ele devia estar aqui agora. Você acha que ele foi pego? Acha que está com problemas? Ele provavelmente está tão enrascado quanto eu. Ah, Salomão, porque nós decidimos escapar da escola?

Salomão ouviu enquanto Sara derramava suas preocupações. Quando ela finalmente parou, Salomão começou:

- Bem, Sara, estou certo que não é nada tão mal assim. Não exagere as coisas.
- Mas Salomão, o Sr. Marchant me viu voltando por trás da escola. Acha que ele lembrou que eu disse que ia para casa porque me sentia mal?
- Bem, Sara, essa é uma possibilidade.
- Acha que ele me reconheceu?
- Provavelmente, Sara. Você é uma das estudantes favoritas dele. Não acho que ele se esqueceria de quem você é.
- Que ótimo, Salomão. Sou uma das alunas favoritas dele, e agora estou em apuros.
- O que lhe dá certeza de que você está em apuros, Sara?
- Eu posso sentir. Sinto-me péssima. Queria que só tivéssemos ido à escola hoje como devíamos. Acho que sou realmente uma má pessoa, Salomão. Você está bravo comigo?
- Sara, não há nada que você possa fazer que vá deixar-me bravo com você. Meu amor por você não é dependente do seu comportamento. Meu amor por você é constante.

Sara apreciou as palavras amáveis de Salomão, mas certamente não sentia que as merecia.

- Quer dizer que não importa quanto má eu seja, você ainda me amará?

Salomão sorriu.

- Sara, eu não acredito que você possa ser má.
- Hmmm – Sara sentiu-se confusa. Ela nunca conheceu alguém como Salomão.
- Sara, eu não desejaria que você mudasse seu comportamento para obter minha aprovação. Eu na verdade preferiria que você buscasse encontrar harmonia com seu próprio sistema de orientação, que existe dentro de você. Eu quero que você tome suas decisões baseadas em como elas parecem para você, não porque você está preocupada com o que eu possa pensar de você.

Sara estava começando a se sentir melhor. Era reconfortante que seu querido Salomão não perdera a fé nela.

- Tenho percebido, Sara, que na base da maior parte das decepções geralmente há boas intenções.
- O que você quer dizer?
- Por que você quer manter segredo da sua exploração na caverna? Por que não quer que seus pais ou o Sr. Marchant saibam sobre isso?
- Porque ficariam bravos comigo se soubessem.
- É importante pra você que eles a amem?
- Sim.
- Você se acha numa situação desconfortável, Sara. Você quer que eles a amem, mas você também quer explorar cavernas. Não contando seus planos a eles, você tentou satisfazer ambas as intenções ao mesmo tempo. Veja, Sara, se você está tentando agradas a uma só pessoa, com o tempo, com esforço suficiente, você pode ser capaz de ter em sua cabeça várias maneiras de satisfazer a ele ou ela. Mas se há duas pessoas diferentes, ou três, ou mais, rapidamente isso

fica demais para controlar. A única alternativa real para você é descobrir o seu sistema de orientação interior, que existe dentro de você.
Resumindo, Sara, você deve seguir somente o seu coração.

Sara continuava sentindo-se melhor.

- Ninguém mais pode realmente saber quais são as melhores escolhas para você. Você é a única que pode saber isso.
- Com certeza parece que tem um monte de pessoas que acham que sabem melhor.
- Eles tem boas intenções, Sara. A maioria tem as melhores intenções quando tentam guiar você. Mas lembre a Lei da Atração realmente está por trás de tudo que vem até você ou que acontece com você. Assim, se você é um equivalente vibratório de boas coisas, então somente boas coisas virão para você. Nada tão terrível aconteceu. Eu estou até feliz que você dois tiveram um dia tão interessante. Você terá muito mais proveito dessa exploração na caverna do que teria se você tivesse estado na escola o dia todo.
- Então você acha que está Ok eu ter escapado da escola hoje? E ter mentido para o Sr. Marchant?
- Bem, vejamos, Sara, vamos conferir com o seu próprio sistema de orientação. Como você se sentiu quando disse ao Sr. Marchant que ia para casa por sentir-se mal?
- Hmm... Eu não me senti bem naquele momento. Senti-me culpada. Incomodou-me que ele acreditou em mim.
- Então seu sistema de orientação disse a você que aquela ação não era equivalente ao seu desejo de ser confiável.
- Quando você pensou num dia para escapar da escola e explorar cavernas, como você se sentiu?
- Eu me senti ótima, Salomão. Senti-me feliz e excitada.
- Bom, então seu sistema de orientação lhe disse que era uma boa ideia.
- Mas Salomão, eu não compreendo. Como eu poderia conseguir algo que eu queria, como explorar cavernas, sem fazer algo que eu não queria, como mentir?
- Antes que eu responda isso, Sara, deixe que eu lhe faça algumas perguntas. Como foi seu dia de exploração? Foi glorioso? Foi divertido? Foi maravilhoso? Foi um dia perfeito?
- Bem, uma parte foi maravilhosa. Em alguns momentos eu me senti realmente muito, muito bem, mas houve momentos difíceis, e outros assustadores. Foi uma mistura.
- Na verdade, Sara, seu dia foi um equivalente perfeito de como você estava se sentindo sobre ele. Você sentiu-se tanto bem como mal sobre ele, e seu dia foi um equivalente perfeito do modo como você estava se sentindo.
- Quer dizer que se eu tivesse me sentido apenas bem a respeito desse dia de exploração, o dia teria sido apenas bom?
- Exatamente correto, Sara. A Lei da Atração é sempre exata.
- Então eu não tinha que dizer uma mentira para conseguir ir?
- Correto. Uma vez que vocês dois decidiram que queriam ir explorar cavernas, vocês poderiam ter mantido a ideia, puramente, e um modo de aquilo acontecer, sem violar outros desejos, teria se aberto para vocês. Na verdade Sara, nunca é tarde para encontrar um ponto de bem-sentir sobre qualquer coisa. As coisas mudarão constantemente para combinar com o sentimento que você traz dentro de si.

- Quer dizer, se eu encontrar um ponto de bem-sentir agora eu ainda posso evitar que o Sr. Marchant fique desapontado comigo?
- Sem dúvida. Você só tem que pensar nele compreendendo-a e amando-a. Lembre, Sara, você pode saber como você está indo pelo jeito como está se sentindo. Se seus pensamentos parecem bons, então coisas boas virão para você. Tente encontrar pensamentos que pareçam bons.
- Ok Salomão. Vou trabalhar nisso. Melhor eu ir andando. Espero que esteja tudo bem com Seth.
- Imagine que está tudo bem.
- Ok, grata pela ajuda.

Capítulo 17
São boas crianças?

Sara deitou em sua cama, pensando sobre o Sr. Marchant. Ela tinha um nó no estômago e um forte sentimento de medo pulsava nela.
"Eu daria qualquer coisa para não ter que ir à escola hoje" ela disse em voz alta.
"Se o seu pensamento parece bom, então boas coisas virão para você" Sara lembrou as palavras de Salomão.
Estava difícil achar um pensamento bom.

Imagens preocupantes sobre porque Seth não tinha ido à casa da árvore, o que o Sr. Marchant estaria pensando dela e o que seus pais fariam se eles descobrissem pareciam dominar Sara.

As palavras de Salomão vieram à cabeça de Sara: "Sara, nunca é tarde para encontrar um lugar de bem-sentir sobre qualquer coisa. As coisas mudarão constantemente para combinar com o sentimento que você traz dentro de si".

Sara sentou-se na cama e pegou uma caneta e um caderno da mesa ao lado. Ela começou a fazer uma lista das coisas que sempre faziam ela sentir-se bem. E ela descreveu com letras bem grandes no alto da folha: CASA DA ÁRVORE.
Ela sorriu. Pensar na casa da árvore sempre fazia Sara sentir-se bem. Então ela escreveu mais:

A ESCADA PARA A CASA
A CORDA DE BALANÇAR
AS POLIAS DE SETH E O BALDE

Sara pensou como Seth ficou excitado ao mostrar para ela a casa da árvore, e como ela ficou feliz ao descobri-la. Ela lembrou como foi entusiasmante o seu primeiro balanço sobre o rio, e ela riu ao lembrar o seu primeiro pouso na lama. E enquanto ela pensava no dia que Seth lhe mostrou as polias e o balde, e na noite em que eles balançaram no escuro enquanto o jogo de futebol acontecia sem eles, seu desconforto desapareceu completamente. Ela sentou-se na cama preenchida com um renovado sentimento de bem-estar.

Ela pensou no Sr. Marchant e como ele sempre tinha um sorriso e uma palavra agradável sempre que encontrava com ela no corredor. Ela pensou em como ele sempre tinha um brilho nos olhos quando estava fingindo ser rude ao disciplinar alguém.
Ela lembrou de vê-lo no gramado da frente pegando papéis de balas, e no corredor fechando algum armário que algum estudante tinha esquecido aberto. Ela pensou sobre as longas horas que ele trabalhava, e como algumas vezes nos sábados seu carro era o único no estacionamento. "Ele deve gostar de ser nosso diretor" pensou Sara.

Sara decidiu pegar o caminho longo para a escola indo por uma sinuosa trilha pelo bosque que saía no terreno da escola no lado de trás do prédio da administração.

De repente ela ouviu ruídos entre os arbustos. Alguém estava vindo, e rápido! Ela parou e olhou ao redor, ansiosa e ao mesmo tempo não ansiosa para descobrir quem estava correndo na direção dela. Por um breve momento, ela sentiu-se como Chapeuzinho Vermelho escapando pela floresta, e ela pensou por um momento que algo assustador como um grande lobo mau poderia irromper entre os arbustos pronto para devorá-la viva. E antes que ela pudesse rir da sua fantasia tola, Seth surgiu de entre os arbustos.

- Seth! – exclamou Sara alegremente. – Que bom ver você! O que aconteceu com você ontem? Porque não foi para a casa da árvore?
- Porque o Sr. Marchant me viu atravessando o pátio da escola. Eu tinha planejado misturar-se com os outros alunos, mas em vez disso fui bem na direção dele. Eu estava correndo pelo gramado da frente quando ele saiu do prédio da administração. Só tive sorte de não atropelá-lo.

Sara começou a rir. Ela não conseguia parar de rir.
Seth riu também. Ele não tinha certeza do que é que ele estava rindo, mas ele estava curtindo tanto a risada de Sara que ele não podia ficar sem rir também.
Finalmente Sara tomou fôlego e conseguiu articular algumas palavras:

- Seth, você não vai acreditar, mas o Sr. Marchant me viu também!
- Não, você está inventando! – Seth riu.
- Não, sério. Eu vinha contornando o prédio e ele olhou direto pra mim. Eu sei que ele me viu.
- O que ele disse?
- Nada. Ele só olhou pra mim, acenou e foi para o seu carro.
- Puxa vida! Sara, dá para acreditar? Quais são as chances? O que você acha que vai acontecer com a gente?
- Bem, provavelmente ele não vão nos matar – disse Sara procurando deixar a situação leve.
- Eles provavelmente não, mas meus pais vão – disse Seth.

Sara queria contar para Seth tudo o que ela tinha aprendido com Salomão sobre encontrar um ponto de sentir-se melhor sobre a Lei da Atração. Mas não havia tempo para tudo aquilo agora.
Eles aproximaram-se do terreno da escola, e quando eles passavam pela cerca na parte de trás do prédio da administração, Sara deixou sua mochila no chão e sentou nela, então tirou um sapato e o sacudiu, e uma pequena pedra caiu de dentro dele.

Seth parou e esperou por ela. Enquanto ele estava ali à sombra do grande prédio, ele pode ouvir vozes pela janela aberta acima deles.

- Sssshhh – ele sussurrou para Sara fazendo sinal de silêncio.
- Quê? – ela sussurrou de volta. Quando ela levantou ela pode ouvir o Sr. Marchant e outro professor conversando e então rindo.
- Acho que ouvi o Sr. Marchant dizer o meu nome e o seu.
- Não diga – Sara sussurrou.
- Sssshhh, ouça...

Sara e Seth agacharam perto do prédio e escutaram atentamente. O coração de Sara estava batendo tão forte que ela achou que sairia pela boca. Ela não sabia o que era pior – o diretor da escola falando sobre eles ou eles escutando a conversa debaixo da janela.

- Bem o que você vai fazer a respeito? – perguntou o Sr. Jorgensen.
- Eu pensei muito sobre o assunto. De fato passei quase a noite toda pensando nisso. E vou lhe dizer, meu instinto diz para não fazer nada.
- Sei.

Sara e Seth se olharam. Eles mal podiam acreditar no que estavam ouvindo, ou mesmo que estavam bem debaixo da janela para ouvir aquilo.

- Você sabe, Chuck, - continuou o Sr. Marchant – tenho pensado sobre as crianças de hoje. Suas vidas são tão diferentes de quando nós éramos meninos. Eles mal tem um momento livre para si. Parece que quando éramos crianças – mesmo quando tínhamos muito trabalho para fazer – também tínhamos mais tempo para nós mesmos. Eu me lembro de ficar deitado no pomar de maçãs, algo como horas por dia, só olhando as nuvens passar. E o máximo com que tinha que me preocupar era não ser pisoteado pelo cavalo que comia as maçãs da árvore acima de onde eu estava. Eu não lembro onde achávamos tempo, nem me lembro de alguém oficialmente concedendo tempo livre pra mim, mas eu tinha tempo para pensar e sonhar e planejar. Tempo para explorar e... Eu não vejo muitas crianças de hoje curtindo serem crianças. Nós as deixamos tão ocupadas. Parece que decidimos que elas não tem senso próprio, então temos que tomar as decisões por elas. Então agendamos seu tempo na escola e seu tempo depois da escola. Não sei como aguentam. Eu vou lhe dizer, Chuck, se eu fosse criança hoje, acho que enlouquecia. E eu fugiria a toda hora também.

- Sei o que quer dizer.
- São boas crianças. Eu conheço Sara a vida toda dela. Tenho visto ela desviar do seu caminho tantas vezes para ajudar os outros ou fazer alguém sentir-se melhor. E esse garoto novo, Seth é o nome dele, não é? Tenho ouvido coisas boas sobre ele também. Essas crianças são especiais, Chuck. Não vou criar um caso por isso. Não acho que farão disso um hábito.
Quero dizer, o que há de mal em querer um tempo para serem crianças?

O primeiro sinal tocou, e Seth e Sara levantaram tão rápido que bateram as cabeças. Eles cobriram a boca com as mãos para abafar as risadas e então seguraram o fôlego esperando não serem detectados.

- Eu gostaria que não comentasse com ninguém, Chuck. Não quero que digam que estou amolecendo ou coisa assim. E não quero abrir precedentes. Amanhã posso resolver pensar diferente sobre tudo isso. É apenas como vou lidar com isso agora, entende?
- Entendo, Keith, e concordo com você. Ei, tenha um bom dia.
- Você também.

Sara e Seth se olharam com satisfação.

- Verei você na casa da árvore – sussurrou Seth.
- Sim – sussurrou Sara de volta. – Até mais.

Capítulo 18
Uma amizade para sempre

Eles combinaram de se encontrar na casa da árvore todo dia depois da escola, mas por algum motivo Sara sentiu-se compelida a esperar junto ao mastro da bandeira. "Ninguém vai reparar se caminharmos juntos vez ou outra. Há muitas crianças que andam juntas indo pra casa", justificou Sara.
A porta grande bateu ao fechar e Seth saltou os degraus da frente. Ele abriu um largo sorriso quando viu Sara esperando por ele.

- Sara, estou feliz que tenha me esperado. Eu consegui...
- E aí, esquisitão! – Sara ouviu a voz zombeteira de Len atrás deles.

Sara virou-se para ver Len e Tommy, os dois garotos mais desagradáveis da cidade, não, do mundo todo parados atrás deles. Eles nunca dirigiram a ela suas observações depreciativas, mas Sara já testemunhara suas provocações maliciosas em muitas ocasiões, e com a ajuda de Salomão ela finalmente conseguiu muito bem sintonizá-los fora de sua experiência. Mas ela já vira ele levarem muitos colegas da escola às lágrimas, ou perto disso, com suas grosserias. Eles não eram espertos, não tinham boas notas, não vinham de famílias prósperas. Sara nunca compreendeu como ficaram tão poderosos.

- Sara, quem é seu novo amigo esquisito? – provocou Tommy.
- Ei, meu nome é Seth. E eu sempre fui esquisito. Pelo menos até onde eu me lembre. Eu já me acostumei faz tempo. Dê um tempo e você vai se acostumar também. Quem é você? – Seth moveu-se rápido, pegando a mão de Tommy e sacudindo-a vigorosamente.
- Tom – ele respondeu sem graça.

Seth sacudiu a mão com vontade, e de fato ele sacudiu, e sacudiu, e sacudiu. Sara sufocou uma risada. Seth tinha encarnado a atuação de algum comediante ao continuar a sacudir a mão de Tommy num gesto patético de amizade. Seth finalmente soltou a mão de Tommy.

- E qual seria o seu nome? – perguntou Seth agora tentando alcançar a mão de Len.

Len saltou para trás como se Seth fosse um leão prestes a devorá-lo. Segurando as duas mãos para cima e para trás, como se alguém tivesse gritado "Mãos ao alto"! Ele andou para trás balbuciando alguma coisa como "Não, tudo bem".
Len e Tommy saíram correndo como se aquele leão estivesse caçando-os agora.
Sara ria e gargalhava.

- Que foi? – Seth riu.
- Você é um gênio, Seth Morris. Nunca tinha visto nada assim antes.
- Eu não sei do que você está falando – Seth riu.
- Sim, claro! – Sara riu

- Ei Seth! Tudo certo! – alguém gritou de um carro que passava.
Seth parou de rir.

- O que foi? – Sara perguntou. Ela não entendeu porque Seth não estava satisfeito com a saudação que atraiu.
- Sara, não quero fazer inimizade com aqueles dois, e não quero ninguém me seguindo e me usando como um defensor para lutar as suas batalhas. Mas já vi um monte de garotos como aqueles dois. Eles se sentem tão mal sobre si próprios que o único modo de se sentirem melhor é por os outro pra baixo. Não funciona. Não faz eles se sentirem melhor, então eles só ficam pior e pior. Só o que eu quis fazer foi mostrar para eles que não sou um bom alvo para a sua diversão. Só queria que eles me deixassem em paz. Não é trabalho meu salvar a escola deles. Todo mundo pode se cuidar sozinho.

Sara estava surpresa por Seth levar o assunto tão a sério. Era óbvio que aquela experiência não era nova para ele, e que ele já tinha pensado muito sobre isso. Enquanto Sara ouvia a fala de Seth, ela não pode evitar de perceber que de alguma forma era muito semelhante ao que Salomão lhe ensinara. Mas Sara notou que ele ainda tinha problemas com o tema.

"Seth" – pensou Sara – "tenho que lhe contar sobre Salomão".

Sara lembrou que Seth tinha começado a lhe contar algo quando Len e Tommy interromperam rudemente.

- Ei, o que é que você ia me contar?

Sara pode ver Seth rebobinando os pensamentos tentando lembrar o que ele estava tão ansioso para lhe contar.

- Ah, nada. Nada que não possa esperar. Sara, melhor eu ir. Vejo você amanhã.
- Ok – Sara percebeu que essa não era uma boa hora para insistir, mas ela estava perplexa. Seth parecia tão feliz quando saiu da escola. Ele parecia forte, confiante e controlado, e mesmo jubilante enquanto lidava tão perfeitamente com Len e Tommy, mas seu humor mudou abruptamente quando os garotos o aprovaram, gritando do carro que passava. "Por que isso incomodou tanto Seth"?

Seth não contou pra ela sobre suas miseráveis viagens de ônibus e os garotos desagradáveis da sua última escola. Ele tinha afastado muito bem isso da mente – que dizer, até hoje.

- Triste – Sara murmurou, sentindo-se deprimida porque Seth não iria com ela até a casa da árvore. Ela foi para lá de qualquer jeito, e silenciosamente subiu a escada até a plataforma construída por Seth, e deitou sobre o banco usando sua mochila como travesseiro.

- Salomão – Sara disse em voz alta – Pode me ouvir? Preciso conversar sobre algo.
Nenhuma resposta de Salomão.

Sara lembrou das palavras de Salomão para ela quando ele fez a transição de seu amigo físico emplumado para seu amigo não-físico sem penas. "Sara, nossa amizade é para sempre. E isso significa que a qualquer momento que você quiser conversar com Salomão, tudo o que você precisa fazer é identificar sobre o que você quer conversar e focar nisso. Coloque-se numa situação de sentir-se muito bem e eu estarei bem aqui com você".

Capítulo 19
Morto... ou vivo?

Sara abriu seus olhos, sentindo-se bem desorientada.

- Bem, isso foi inédito – ela disse em voz alta. – Não costumo dormir no alto de árvores.
- Mas eu sim – Sara ouviu uma voz clara e familiar vinda de um galho sobre sua cabeça. Seu coração disparou.
- Mas o quê? Salomão, é você? É você?
- Olha, Sara. Como vai você hoje?

Lágrimas começaram a rolar pela face de Sara, enquanto ela espreitava através das folhas, espiando uma grande e linda coruja pousada num galho da sua árvore.

- Essa é uma casa de árvore muito legal, Sara. Posso ver porque você passa tanto tempo aqui.
- Salomão, Salomão, ah Salomão! Você voltou! Você voltou!
- Sara, realmente eu não sei porque você está tão excitada. Eu nunca fui embora.
- Mas Salomão, eu posso ver você. Você tem penas. Você voltou!

Salomão sorriu, muito satisfeito em ver a satisfação de Sara.

- Bem, Sara, eu pensei que seria mais fácil para Seth experienciar a mim se pudesse me ver da mesma forma que você no início. Além do mais, eu queria passar um tempo na sua casa da árvore.

Sara riu. Era seu querido, doce, divertido Salomão muito bem. Sara sentiu-se mais feliz do que nunca.

- Ah, Salomão, estou tão feliz que esteja de volta!
- É difícil deixar de lado essa coisa de vivo ou morto, não é, Sara? Lembre, você não está viva ou morta. Você está sempre viva. O que há com minhas penas afinal que é tão importante para vocês mortais?

Sara riu. Ela entendeu o que Salomão lhe ensinara, que não há morte e que todos os Seres vivem para sempre. Mas não tinha como evitar. Sara amava ser capaz de ver Salomão enquanto o ouvia. Ela amava espiar seus olhos sábios e maravilhosos e contemplar suas lindas penas movendo-se suavemente com a brisa. Ela amava vê-lo abrir suas incríveis e grandes asas e erguer-se poderosamente acima no céu.

- Sara, teremos momentos maravilhosos enquanto ajudarmos Seth a lembrar quem ele é. Ele está ponderando muitas coisas importantes, e é por essa razão, em resposta aos pedidos dele, que eu retornei.

Sara sorriu. Ela sentiu tamanha alegria e tamanho amor, e um excitado sentimento de ansiedade.

- Sara, eu vou deixar que você nos apresente.
- Mas Salomão, o que devo dizer?
- Use seu próprio julgamento. Tenho certeza que você pensará a coisa certa a dizer. Conte para Seth sobre mim amanhã e no momento certo eu me juntarei a vocês. Tenha uma boa noite, doce Sara. Verei você mais tarde.
- Salomão, estou tão feliz de vê-lo novamente!
- Bem, Sara, é legal ser visto.

Sara riu.
Salomão alçou voo do galho, fez um grande círculo no céu e voou para fora da vista de Sara.

- Iupiiiiii! – a voz de Sara ecoou pelas árvores. Ela correu e saltitou todo o caminho até sua casa.

Capítulo 20
Sem retorno

“Oh, puxa, está chovendo”! Sara nem podia acreditar. Quase nunca chovia naquela cidade. Durante o inverno havia muita neve, e então durante a primavera e o verão a neve derretia

lentamente, provendo toda a água que a comunidade de Sara e outras rio abaixo necessitavam. Chuva era raro.
Com tantos dias para chover... Esse era o dia que Sara planejava contar sobre Salomão para Seth. “Mas não podemos ir para a casa da árvore na chuva” Sara reclamou silenciosamente.
O último sinal tocou e Sara esperou dentro do pátio. Ela riu enquanto olhava para o pátio da escola, observando os estudantes correndo aqui e ali como galinhas sem cabeça. Ninguém tinha guarda-chuva. Alguns seguravam suas jaquetas sobre a cabeça, alguns tentavam se proteger com livros, e todos pareciam desorientados e desajeitados.

“Que coisa” Sara pensou “é só um pouco de água. Ninguém vai derreter ou coisa assim”.

- Ei Sara – Seth chamou enquanto descia a escada na direção dela. – Estou contente que me esperou. Tive receio que fosse pra casa por causa da chuva.
- É, tristeza. Acho que não vamos poder balançar na árvore hoje – de qualquer forma, Sara não planejaria ficar balançando muito hoje. O que ela realmente queria era sentar e conversar com Seth.
- Provavelmente não poderemos balançar hoje, mas podemos ir até a casa da árvore assim mesmo. Eu pus uma cobertura sobre ela hoje de manhã antes de vir para a escola. Deve estar bem seco ali embaixo. Minha mãe disse que posso demorar uma meia hora extra hoje. Como está tudo molhado, não tenho tarefas para fazer. Quer ir?
- Quer Sim! – Sara estava sorrindo de orelha a orelha. Não apenas a chuva não era mais um problema, como se tornava uma ajuda.
- Ei, o que fez você pensar numa cobertura? Não estava chovendo de manhã.
- Minha mãe disse que choveria antes do fim do dia. Ela diz que pode sentir isso no cotovelo. Ela nunca erra. É um dom.
- Você tem uma mãe bem esquisita – Sara disse rindo.
- Só vendo pra conhecer! – Seth riu de volta.

Sara riu. “Bem, ele logo vai saber o quanto eu sou esquisita”.
Mas por algum motivo Sara não estava muito preocupada com isso. De fato, parecia que uma série de circunstâncias estranhas havia montado o cenário perfeito para sua conversa com Seth, que ela devia faz tempo. Ela podia sentir que a oportunidade para isso era perfeita. A coisa toda parecia ter um senso de inevitabilidade. Era como tudo estivesse se movendo nesse sentido e não houvesse volta – e nenhum desejo de voltar atrás.

Esse sentimento lembrou Sara de estar sentada num trenó de saco de estopa no alto. de um escorregador gigante na sua primeira visita ao parque de diversões. Ela lembrou que ficou tão hesitante, como não se sentia pronta, mas então seu irmão Jason lhe deu um empurrão por trás e num instante ela estava deslizando pelo escorregador. Ela sabia que não tinha como voltar atrás, e na diversão da descida nem queria voltar.

Tudo isso parecia ser assim, e Sara sabia que estava prestes a começar sua descida pelo escorregador.

Capítulo 21
A coruja que ensina

Sara e Seth sentaram no alto da árvore.

- Você acha que seus pais sabem sobre este lugar? – perguntou Sara.
- Não tenho certeza. Mas acredito que se soubessem eles provavelmente estariam achando coisas para eu fazer para não ficar desperdiçando tempo aqui. E acho até que nem descobriram que vou a algum lugar depois da escola.

Sara sentou encostando-se na árvore e puxou as pernas perto do peito, e então pôs sua jaqueta sobre as pernas. Ela sempre ficava fascinada pelas histórias que Seth contava sobre sua vida em casa. Era difícil para Sara imaginar ter pais tão severos. Não que Sara não tivesse responsabilidades, ela tinha muitas. Mas sempre pareceu que era importante para seus pais que ela tivesse uma vida boa e agradável. Ela nunca sentiu que eles estivessem tentando ficar entre ela e uma boa vida.
Eles não tinham ideia fixa de fazer a vida de Sara ser perfeita – nada disso, mas também não ficavam no caminho.
Parecia que os pais de Seth deliberadamente faziam sua vida difícil. Como se uma vida dura fosse fazê-lo melhor, ou mais forte, ou coisa assim.

- Nós só temos que nos divertir tanto quanto possível enquanto podemos, Sara – disse Seth.

"Bem, esse é um momento bom como qualquer outro" pensou Sara. "Aí vai" Sara engasgou. Ela simplesmente não achava as palavras para começar.

Salomão estava ciente da dificuldade de Sara.

- Sara – Salomão disse em sua mente – você está preocupada que Seth a desaprove?
- Pode ser – Sara disse em voz alta.
- Pode ser o quê? – perguntou Seth.

Sara estava tão concentrada no que Salomão poderia dizer que ela nem percebeu que Seth tinha falado com ela.

- Sara, em vez de ficar preocupada com a aprovação e Seth, pense no valor do que está dando a ele.

O medo de Sara desapareceu. Uma corrente de memórias maravilhosas percorreu a mente de Sara enquanto ela percebia, naquele momento o valor extraordinário que ela descobriu ao conhecer Salomão.

- Claro – disse Sara em voz alta.
- Claro o quê? – disse Seth. – Sara, você está começando a me assustar.

Sara retornou sua atenção para a casa da árvore e para o amigo sentado à sua frente.

- Bem, Seth, você está pronto para o próximo capítulo da minha vida estranha mas maravilhosa?

Seth sorriu. Ele estava morrendo de curiosidade para ouvir mais sobre sua experiência com a coruja, mas ele decidiu deixa-la ter a iniciativa de prosseguir.

- Pode apostar que sim!
- Ok, aí vai. Lembra que eu contei como caí no gelo, e como ouvi uma voz que disse "Você esqueceu que não pode se afogar"?
- Lembro.
- E de como eu vi aquela incrível coruja gigante?

Seth acenou com a cabeça, impaciente.

- Bem, no dia seguinte eu voltei ao matagal pra ver se poderia encontra-lo novamente. E quando eu cheguei à mata lá estava ele, pousado bem ali no poste da cerca, bem na frente do meu rosto.
- Eu já vi um monte de corujas, mas nunca assim tão de perto. Você ficou assustada?

Sara respirou fundo tornando fôlego.

- Não, eu não fiquei assustada porque tudo estava acontecendo tão rápido. Ele me disse: "Olá Sara, está um dia adorável hoje, não"?

Sara falou lentamente, estudando a expressão de Seth e esperando por algum tipo de reação, mas Seth estava quieto. Isso era ainda pior. Ela preferia que ele risse, então ela poderia fingir que estava inventando aquilo só para provoca-lo, então poderiam apenas balançar da árvore e esquecer tudo isso.

- Continue – disse Seth lentamente.
- Bem, sua boca não se movia ou coisa assim, mas eu podia ouvir o que ele estava pensando. Ele sabia o meu nome, e disse que estava esperando por mim. Ele disse que era um mestre e que eu sou mestra também. Ele conhece tudo, Seth. Ele é tão divertido e tão esperto e conversa sobre qualquer coisa que eu queira conversar. Ele diz que tudo está bem, e que não importa o que aconteça em nossas vidas é porque nós estamos fazendo acontecer.

A boca de Sara estava tão seca que ela quase entrou em pânico. Ela tinha avançado demais para voltar atrás, mas ela estava paralisada para poder prosseguir com a história também. Ela nunc atinha contado nada disso para ninguém antes.

- Sara, não creio nisso! É esquisito demais!
- Eu não devia ter lhe contado!

- Não, Sara, eu acredito em você. Eu acredito em você! Eu quis dizer que é esquisito porque uma vez um pássaro conversou comigo também. Só aconteceu uma vez, e então depois eu pensei que tinha sonhado aquilo, ou alucinado, ou coisa assim. Eu nunca contei isso pra ninguém. Teriam me achado louco.

Sara sentiu um alívio enorme.
- Verdade? Um pássaro conversou com você?
- Era um canário vermelho. Um dia eu estava caçando alguma coisa para o jantar, nós costumávamos comer qualquer coisa que pudéssemos atirar ou prender.
- Hum – Sara murmurou. A vida dele era bem diferente da dela.
- ...e um dia eu estava sentado num toco no pasto, só esperando que algo aparecesse, e esse grande canário vermelho pousou na cerca bem perto de mim. Então eu mirei nele, e bem quando ele estava olhando pra mim eu atirei. Ele só caiu da cerca na neve. Era tão vermelho, deitado ali na neve branca. Eu fui ver de perto e pensei "Caramba, porque eu fiz isso? É tão pequeno para comer". Eu me senti realmente mal. Pareceu um terrível desperdício.

Uma lágrima rolou pelo rosto de Seth.
- Então o pássaro falou comigo. Ele até sabia meu nome.
- O que ele disse?
- Ele disse: "Seth, não há motivo para sentir-se mal. Porque não há desperdício, e não há morte. Tudo está bem aqui. Tudo está bem". Mas também ele foi o último ser em que atirei.
- Uau! – os olhos de Sara encheram-se de lágrimas também. – Isso parece muito com algo que Salomão diria.

Seth enxugou o rosto com a manga, e Sara fez o mesmo, e ambos ficaram aconchegados sentados na árvore, sobrecarregados de emoção. Não disseram nada.
Salomão circulou sobre a casa da árvore, aguardando para fazer sua entrada perfeita.

- Não haverá melhor momento que esse – disse Salomão enquanto mergulhava do céu direto para baixo como se fosse mergulhar no rio, mas então ele se elevou rapidamente no último instante e subiu até a casa da árvore, e pousou num galho bem perto de Sara e Seth.
- Caramba, Louise! – gritou Seth saltando de pé.
- Louise é um belo nome, mas Sara me chama Salomão.

Seth deixou-se cair no banco como se suas pernas não pudessem sustenta-lo, e olhou para Sara extasiado.
Sara sorriu e encolheu os ombros.

- O que posso dizer?

Sara foi para a cama aquela noite sentindo um contentamento além de tudo que já sentira antes. A emoção der ter Salomão de volta em sua forma física, que ela podia ver e tocar, era quase tão maravilhosa que ela nem podia acreditar. E coroando tudo ter os seus dois melhores amigos no mundo agora se conhecendo um ao outro, bem, simplesmente não poderia existir nada melhor que isso. E parecia óbvio para Sara que a apreciação de ambos era mútua.

Sara encolheu-se fundo na cama e puxou as cobertas sobre a cabeça. Ela estava tão, tão, tão feliz!

Capítulo 22
Vamos voar juntos

Sara acordou no meio da noite. Seu quarto estava muito escuro, e ela ficou deitada imaginando porque estaria acordada. Então, do outro lado do quarto, no canto de cima, ela notou uma luz branca suave. "Mas que será isso"? disse Sara sentando-se na cama e esfregando os olhos para tentar focalizar melhor.
O brilho tornou-se mais intenso, e quando Sara abriu os olhos ela pode ver a essência de Salomão. Era como ver uma versão fantasma do seu bom amigo emplumado.

- Salomão? É você? – Sara perguntou.
- Boa noite, Sara. Espero que não se importe de eu ter lhe acordado. Estava imaginando se você gostaria de vir voar conosco.
- Sim, claro. Pode apostar, estou pronta... conosco? Com mais quem?
- Seth está na casa da árvore agora. Ele está balançando na árvore. Está tão feliz que não conseguiu dormir. Pensei que seria uma boa oportunidade para um voo noturno. O que você acha?

O coração de Sara estava tão feliz que ela pensou que fosse explodir. Ela nunc esqueceu os voos noturnos acompanhados por Salomão, mas já fazia algum tempo desde a última vez. Nada em sua experiência antes ou depois jamais chegou perto da beleza desses voos. E agora Salomão estava convidando ela de novo, e o melhor de tudo, seu amigo Seth iria junto.

- Vista-se e vá até a casa da árvore, Sara. Seth ficará feliz em vê-la. Encontrarei vocês lá.
- Demais, Salomão. Nos veremos lá.

Salomão desapareceu.

Sara deslizou fora da cama e vestiu-se silenciosamente. Ela lembrou de voar com Salomão e como tinha se sentido confortável com sua camisola, mesmo que fosse na metade do inverno. Ela não tinha certeza porque estava se agasalhando tanto, mas pareceu a coisa certa a fazer, pois ela estava certa de que estava menos de 4ºC lá fora. Ela silenciosamente deslizou a porta dos fundos, atravessou o quintal e foi para a trilha Thacker.

Não havia luar, e estava escuro. Mas enquanto andava, os olhos de Sara ajustaram-se à escuridão e ela percorreu o caminho tão familiar guiando-se ou sentindo o caminho pelas árvores. Ela sorriu ao perceber que mesmo estando sozinha no meio da noite ela não sentiu nem um pouco de medo.

Ela ouviu um tipo de "vuupt" nas árvores. Ela parou e aguçou os ouvidos esperando ouvir novamente. Então, "vuupt"... "vuupt"... "vuupt"... e um "tump". Sara sorriu.

Bem como Salomão disse, Seth estava balançando na árvore. Sara ficou parada, oculta nas sombras. Como poderia mostrar que estava ali sem assustar Seth?
Ela fez um copo com as mãos na frente da boca e chamou: “U-uuu... u-uuu... u-uuu...” tentando imitar uma coruja.
Seth ouviu o som de coruja e ficou congelado no lugar.
“U-uuu... u-uuu... u-uuu...” Sara chamou de novo.

- Salomão, é você? – Sara ouviu Seth perguntar, e riu baixinho.

Seth fez copo com as mãos e chamou de volta: “U-uuu... u-uuu... u-uuu...”
“U-uuu... u-uuu... u-uuu...” Sara respondeu.
“U-uuu... u-uuu... u-uuu...” Seth respondeu de volta.

- Queeem é vocêêê? – arrulhou Sara, depois riu.

Seth reconheceu a voz de Sara.
- Sara, mas o que você está fazendo aqui?
- Eu devia lhe perguntar a mesma coisa – Sara riu. – Desculpe pela imitação de coruja, mas eu não queria apavorar você.
- Eu não consegui dormir, Sara. Esse assunto do Salomão é tão incrível. Mal posso acreditar que esteja acontecendo, fiquei imaginando se sonhei isso.
- Eu sei, a primeira vez que encontrei Salomão eu acordei na manhã seguinte achando que tinha sonhado, ou que talvez tivesse enlouquecido. E nem contei pra mais ninguém porque tinha certeza que iam pensar que eu estava louca. Mas não é loucura, Seth. É maravilhoso, e é real.
- Eu sei. É legal, Sara, mas é tão esquisito. Fico feliz que possamos conversar isso juntos.
- Tenho uma ideia que parecerá ainda mais louca.
- O que você quer dizer, Sara?
- Bem, Salomão me acordou há cerca de uma hora, e disse que você estava aqui na árvore e que se eu encontrasse você aqui, nós três poderíamos voar juntos.

De cima de suas cabeças Sara e Seth ouviram: “U-uuu... u-uuu... u-uuu...”. Sara riu. Ela sabia que era Salomão. No entanto por todo o tempo que Sara conheceu Salomão essa era a primeira vez que ele disse “U-uuu... u-uuu... u-uuu...”.

- Ei Salomão! – disse Sara. Ela sabia que Salomão estava falando corujês para provoca-los.
- Boa noite, meus pequenos amigos de corujas. Estão prontos para vir voar comigo? – Salomão voou para baixo até um galho logo acima deles.
- Sério, Salomão? – perguntou Seth espantado. – Podemos voar com você? Cara, nem posso acreditar!
- Seth você já voou antes, não? Parece-me que posso recordar muitos voos na região rural olhando de cima as fazendas
- Ah, você quer dizer voar em sonho. Ah, sim, eu costumava fazer isso o tempo todo, na verdade toda noite eu ia voar nos meus sonhos. Então os sonhos pararam. Não tenho certeza, mas creio que foi por conta de algo que a Sra. Gilliland disse.
- O que foi que ela disse? – perguntou Sara.

- Ela disse que sonhar com voos era errado.
- O que poderia haver de errado em sonhar com voos? – Sara admirou-se. – São o melhor tipo de sonho que alguém poderia ter.
- Ela disse que sonhar com voos significa sexo. – disparou Seth, e então ele corou. Ele nem acreditava que disse isso na frente de Sara. Sara corou também.
- Na noite seguinte eu estava sonhando que voava, como sempre, sobre a fazenda e o lago e arredores, então eu voei para dentro de uma caverna. À medida que voava, a caverna ia ficando cada vez mais estreita, mas eu continuei indo cada vez mais fundo nela até que ela acabou numa estreita fenda; e lá estava eu entalado na fenda.
- E então o que aconteceu? – Sara perguntou.
- Acordei. E esse foi o último sonho em que voei.

Sara estava com os olhos arregalados.
Salomão sorriu.

- Bem, Seth, eu acho que é hora de você se libertar da escravidão dessa caverna, e da escravidão do que as outras pessoas pensam. Já é tempo de você voar novamente.
- Estou pronto. O que devo fazer?
- Sara, porque não explica para Seth?
- bem, - Sara hesitou, tentando relembrar as instruções do seu primeiro voo. – Primeiro você tem que realmente desejar voar.
- Ah, eu desejo!
- E então você tem que encontrar o ponto de sentir de voar – Sara continuou.
- O que você quer dizer com encontrar o ponto de sentir?
- Bem, tipo, você tem que lembrar como é o sentimento de voar, ou pensar sobre como é divertido voar.
- Isso é fácil – disse Seth. E num instante Seth e Sara sentiram um "vupt" dentro deles que lhes arrancou o fôlego, e eles foram acima, acima, acima... até alcançarem o topo da árvore.

Sara e Seth riram muito enquanto eles subiam cada vez mais alto e então flutuaram sobre o topo da árvore.

- Pensei que balançar na árvore era ótimo, mas Sara isso é incrível!

Sara estava radiante. Por mais que ela adorasse voar com Salomão, observar Seth voando pela primeira vez era ainda melhor.

- Sara, vou deixar você mostrar a cidade para Seth esta noite. Conversaremos mais amanhã.

Salomão voou para longe.

- Para onde? – Seth perguntou, com uma excitação na voz que Sara nunca tinha ouvido antes.
- Você pode ir para qualquer lugar que queira – Sara lembrou as palavras de Salomão para ela no seu primeiro voo.
- Vamos para a caverna – disse Seth virando-se naquela direção.

Sara seguiu logo atrás. Ela riu.

- É algo como voltar para o cavalo depois de ter caído? – ela achou engraçado que Seth quisesse voltar justo para uma caverna quando seu último sonho terminou tão terrivelmente, entalado numa fenda numa caverna.
- É, algo assim – respondeu Seth.

Eles planaram pelo céu noturno mergulhando perto do rio para rapidamente encontrar o caminho até a caverna.

- Isso com certeza é muito melhor que andar pelo rio.
- Sem dúvida – Sara concordou.

Seth mergulhou para a entrada da caverna. Sara seguiu ele. Nenhum deles sentiu medo.

- Olá, olá!
- Olá, olá! – a caverna ecoou de volta.

Eles lentamente penetraram fundo na caverna, onde o túnel estreito saía em uma sala enorme. Eles pararam e flutuaram, olhando para o vasto espaço ao redor.
Nas paredes e no teto da caverna estavam pinturas de animais.

- Como será que subiram tão alto para fazer essas pinturas?
- Quer dizer aqui em cima onde nós estamos? – Sara riu. – Talvez não sejamos os primeiro a voar dentro dessa caverna.

Sara e Seth voaram mais para o fundo da caverna.

- Seth, essa caverna é enorme! Deve continuar por quilômetros!

Eles seguiram por outro corredor estreito, que abriu-se novamente noutra sala enorme. Então por outro corredor, e outro, e outro. Sara seguia logo atrás de Seth, sentindo espanto que algo tão extraordinário estivesse bem ali na montanha acima da cidade por toda sua vida sem que ela soubesse a respeito.
Voaram cada vez mais fundo. “Espero que saiba o que está fazendo, Seth” pensou Sara, lembrando do sonho assustador de Seth e sentindo-se um pouco claustrofóbica ao reparar que os túneis ficavam cada vez mais estreitos.
Ao virar a próxima curva, Sara prendeu a respiração. O túnel parecia terminar de repente. Mas Seth continuou a voar em frente dentro da caverna. Sara abriu a boca para gritar, pois parecia que Seth ia dar uma cabeçada na parede de pedra, quando ele repentinamente desapareceu da vista de Sara. O túnel curvou-se para cima, e Seth disparou para o alto e para fora à luz do luar. Sara foi logo atrás de Seth.
Os gritos alegres de Seth ecoaram pelo vale.

“Bem, acho que Seth libertou-se do sonho da caverna” pensou Sara.

- Ei, Sara, olhe! A lua está brilhando! – gritou Seth enquanto retornava através do vale. – Sara, quero voar para todo o sempre!

Sara lembrou de ter dito exatamente as mesmas palavras no seu primeiro glorioso voo.

- Mas acho que devemos voltar antes que alguém dê por nossa falta. Está quase amanhecendo.
- Vou chegar na casa da árvore primeiro que você – disse Sara enquanto disparava pelo céu.
- Não é justo! – disse Seth fazendo esforço para alcança-la.

Quando Seth alcançou Sara, ela estava flutuando sobre a casa da árvore. Seth voou ao lado dela e ambos riram enquanto flutuavam ali juntos.

- Ok, Seth, deixei eu mostrar um jeito legal de descer. Só aponte o pé para baixo e você desce.

Sara e Seth deram as mãos e apontaram um pé para baixo e desceram, desceram, desceram até pousarem na casa da árvore.

- Uau! – disse Seth.
- Eu sei – respondeu Sara.
- Se eu não tiver outra experiência legal como essa enquanto eu viver, essa já terá sido suficiente!
- Eu costumava dizer isso – Sara riu – mas descubro que quanto melhor fica, eu ainda quero mais. Salomão diz que isso é normal, que não é ganância tampouco. Salomão diz que supostamente devemos ter vidas espetaculares.
- Parece bom pra mim, Sara. Quer que eu a acompanhe até sua casa?
- Não, tudo bem. Vejo você amanhã.
- Bem, Sara, até mais. E obrigado.

Capítulo 23
A Lei da Atração

Sara e Seth sentaram-se empoleirados na casa da árvore, no alto da sua árvore, olhando o rio abaixo. A luz do Sol filtrava entre as folhas, fazendo padrões de luz e sombra que se moviam na plataforma onde eles estavam. Sara moveu-se um pouco para pegar mais raios de Sol em seu corpo, ela amava a sensação de sentir-se apenas um pouco fria para então encontrar um raio de Sol para se aquecer.

Seth observou-a acomodando-se perfeitamente. Ele não podia evitar de notar como ela estava tranquila. Ele, por outro lado, não estava nada tranquilo. Ele se contorcia, primeiro no banco, depois sentado na plataforma e apoiando as costas no banco. "Não sei com o que estou tão nervoso" ele pensou.

Salomão acomodou-se num galho bem acima deles, esperando que se ajeitassem. Salomão sorriu ao observar Sara, sua aluna antiga, relaxada e aquecendo-se ao Sol, ainda que ansiosa

pela conversa com Salomão que logo se iniciaria, enquanto Seth, seu mais novo aluno, parecia debater-se com ansiedade.

“Isso também deve passar” pensou Salomão, e enquanto seu pensamento se derramava como os raios de Sol sobre os alunos que aguardavam, Seth respirou fundo, recostou-se e relaxou.

- Bem, meus bons amigos sem penas, sobre o que gostariam de conversar hoje? – começou Salomão.

Sara e Seth riram.

- Está, sem dúvida, um lindo dia – Salomão respondeu.
- Está mesmo – disse Seth.

Sara sorriu. Ela sabia que Seth estava para receber um tratamento maravilhoso. Ela amava suas conversas com Salomão e sabia que Seth sentiria o mesmo. Sara descobriu logo na sua experiência com Salomão que seu sábio amigo não tinha muito a dizer a menos que ela tivesse algo para conversar com ele. Ela também descobriu que nunca era difícil pensar em algo para discutir.

Sua experiência de vida na escola e em casa sempre pareceu prover situações que pediam algum esclarecimento, e ela descobriu que qualquer que fosse o assunto sobre o qual ela precisasse de esclarecimento ou respostas difíceis, Salomão estava sempre pronto, desejoso e capaz para ajudar.
Sara recordou que no início havia muitas coisas que ela não compreendia, muitas coisas que pareciam injustas ou desleais ou simplesmente erradas. Mas com o tempo, conversando com Salomão sobre várias situações, Sara compreendeu a base da filosofia dele, e com o tempo, ela tornou-se capaz de encontrar suas próprias respostas para muitas questões que chegavam no seu dia-a-dia.
A coisa mais significante que Sara percebeu que ocorreu em sua vida desde que conheceu Salomão, era que ela tinha um contínuo senso de bem-estar. Salomão ajudou Sara a compreender que não importa como as coisas parecem surgir a qualquer momento a verdade é que tudo está realmente bem. E mesmo Sara brigando com esse entendimento às vezes, até mesmo argumentando com Salomão, ela sabia que isso era verdade.
Salomão aguardava. Seth não estava certo sobre o que deveria acontecer. Sara começou.

- Então, Seth, você pode perguntar qualquer coisa para Salomão. Ele tem respostas para tudo.

Seth mudou de posição.

- Tem alguma coisa importante sobre a qual tenha pensado? – continuou Sara.

Seth dobrou suas pernas e inclinou-se para a frente, brincando com os polegares. Ele parecia mergulhado em pensamentos.

- Bem, sim, eu tenho pensado sobre muitas coisas. Eu tenho perguntas acumuladas desde os 4 anos de idade.

A mente de Seth estava rodopiando e ele sentia dificuldade para focar. Ele mal podia acreditar que alguém, mesmo essa incrível coruja que ensinou-o a voar, teria respostas para tudo o que ele tinha para perguntar.

- Bem, Seth – Salomão começou calmamente – a boa notícia é que você não precisa fazer todas as perguntas de uma só vez. E a outra boa notícia é que não há limite para as respostas que virão até você. Nenhum limite de quantidade ou de tempo.
Você pode tomar o tempo que precisar, prosseguindo com suas respostas.
- E qual é a má notícia? – perguntou Seth.
- Ah, isso? Não há má notícia, Seth – Salomão sorriu.

Sara reclinou-se contra a árvore e sorriu. Ela gostou disso.
Seth estava começando a se concentrar e coisas sobre as quais ele pensava começaram a fluir em sua mente.

- Ok, Salomão, tenho algumas perguntas. Por que a vida é tão injusta? Quero dizer, por que algumas pessoas tem vidas tão boas e outras vivem tão mal?... Por que as pessoas podem ser tão más com as outras?... Por que coisas ruins acontecem?... Por que as pessoas tem que morrer ou ficar doentes, e por que temos que matar e comer animais?... Por que as enchentes destroem algumas fazendas enquanto outras pessoas estão morrendo de fome pela falta de chuva que não permite plantar e colher?... Por que a maioria das pessoas tem que trabalhar tão duro todos os dias de suas vidas e então morrem cansadas, sem deixar nada para mostrar aos outros do seu trabalho duro?... E por que os países lutam uns com os outros? Por que não podem simplesmente deixar os outros em paz?... Por que...?

Sara sentou com os olhos arregalados. Ela nunca viu alguém disparar tantas perguntas em tão pouco tempo na sua vida. “Seth fez mais perguntas nos primeiros cinco minutos do que eu fiz nos cinco primeiros meses” ela pensou.
Seth continuava:

- O que aconteceu com todos os índios que moravam aqui, e o que deu ao homem branco o direito de tomar suas terras e destruir suas vidas e...?

Sara olhou para Salomão. Ela imaginava se Salomão já tinha ouvido tantas perguntas ao mesmo tempo antes.
Salomão ouviu pacientemente.
Finalmente Seth parou. Ele olhou para Salomão e reclinou-se contra a árvore. Ele estava respirando pesadamente, quase arquejando.

Salomão começou:
- Bem, Seth, nós temos um ditado aqui: “Peça e lhe será concedido”. Não me recordo de estar com outro alguém com tantas perguntas quanto você. E é minha promessa para você que para

cada uma das suas questões você receberá uma resposta. Também é minha promessa de que com cada uma dessas respostas você terá mais perguntas. No começo, algumas vezes as respostas não vão satisfazê-lo completamente. Demora algum tempo para que elas façam sentido. Teremos um tempo glorioso juntos, isso é certo.

Sara estava surpresa com o tom das perguntas de Seth. “Ele parece tão irritado. Ele é tão focado no que é injusto” pensou Sara.
Salomão olhou para Sara.

- As questões de Seth lembram-se suas primeiras perguntas, Sara.

Sara foi pega de surpresa. Salomão e Seth estavam conversando e Sara quase esqueceu que Salomão sabia tudo o que estava em sua mente. Ela tentou lembrar suas primeiras perguntas para Salomão. Parecia ser tanto tempo atrás.

- Lembra-se de Donald? – Sara ouviu Salomão em sua mente.
Sara sorriu.
- Sim, eu me lembro dele.

Sara recordou como ficou indignada quando os valentões da escola estavam incomodando Donald, um aluno novo na cidade. Aquelas emoções tão intensas que eram tão reais na época agora pareciam tão distantes. Ela recostou-se na árvore, percebendo o quanto já evoluíra até agora.

Sara olhou para Seth, tão seriamente enchendo Salomão de perguntas, e amou isso. Ela ficou maravilhada porque enquanto Salomão estava conversando com Seth, recolhendo cada detalhe do que Seth estava perguntando, ele estava ao mesmo tempo mantendo uma conversa com ela em sua mente. Ela sentiu uma bolha de alegria explodir em seu peito em resposta a essa descoberta. Ela arrepiou-se de excitação ao perceber que sua experiência com Salomão estava se expandindo para novos níveis.

- É sempre satisfatório para um novo mestre observar outro mestre trabalhando, Sara – ela ouviu Salomão em sua mente – Nós temos uma gloriosa manifestação aqui.

Sara sorriu. Ela mal podia esperar. Ela focou sua atenção no que Seth e Salomão estavam conversando. Seth estava quieto agora, e Salomão tinha começado.

- Seth, essas questões são maravilhosas. Eu posso ver que você deu muita atenção a essas coisas. Agora, vejamos, por onde começar?

Sara, Seth e Salomão estavam quietos. Pareciam especialmente quietos após o amontoado de questões que Seth lançou para Salomão. Salomão não começou a falar imediatamente. Pareceu para Sara que ele estava de algum jeito calculando tudo o que Seth havia perguntado, e estava agora organizando tudo para começar suas respostas numa manifestação organizada.

Salomão falou:

- Eis o ponto de início. Esta é a primeira coisa que você deve compreender antes que qualquer outra resposta faça sentido: Não há injustiça.

Os olhos de Sara passavam de Salomão para Seth. Ambos estavam momentaneamente quietos. Sara sentiu desconforto, ela sabia que essa resposta não cairia bem para Seth. Pareceu para ela que todas as questões dele eram sobre injustiça. E numa curta sentença, Salomão pareceu estar derrubando a base de tudo o que Seth queria saber.
Seth pareceu tenso, mas antes que pudesse juntar seus pensamentos e começar a protestar, Salomão continuou:

- Seth, antes de começarmos a discutir os assuntos específicos que você levantou, eu quero lhe dar a compreensão de como o Universo trabalha magnificamente. E uma vez que compreenda essas bases e tenha uma oportunidade de observá-las em sua vida, então será mais fácil para você compreender quanto consistentemente elas afetam não apenas a sua vida, mas a de todo mundo também.

Seth sentou-se ereto e fitou Salomão atentamente. Sara sorriu. Ela mal podia esperar para ouvir Salomão explicar a Lei da Atração para Seth.

- Existem leis nesta cidade que afetam as pessoas que moram aqui?
- Com certeza. Provavelmente muitas – respondeu Seth.
- Cite uma.
- Lei de limite de velocidade. Você só pode dirigir até 60 km/h na Rua Principal – disse Seth.
- Qual você acha que é a lei mais poderosa, Seth, a lei dos 60 km/h ou a lei da gravidade?
Seth sorriu.
- Essa é fácil, Salomão. A gravidade deve ser muito mais importante que a lei da velocidade.
- Por que isso?
- Porque – Seth continuou entusiasmado – apenas algumas pessoas são afetadas pela lei da velocidade no trânsito, mas todos são afetados pela lei da gravidade.
Salomão sorriu.
- Muito bom. A lei dos 60 km/h pode ser facilmente ignorada. Não é tão fácil ignorar a lei da gravidade.
- Certo – Seth riu.
- Existe outra lei muito mais importante. Muito maior que a lei da gravidade. É a Lei da Atração. E assim como a lei da gravidade afeta tudo o que existe sobre o seu planeta, a Lei da Atração afeta tudo o que existe em todo o Universo, em todo espaço e todo tempo, e em tudo que não tem espaço e não tem tempo. De fato, a Lei da Atração é a base de tudo o que existe.

Salomão tinha a atenção de Seth. Ele inclinou-se para a frente esperando por mais.

- A Lei da Atração, em termos simples, diz: “Aquilo que é semelhante a si mesmo, é atraído”. Em termos mais complicados, significa que tudo no Universo está emitindo um sinal vibratório, e os sinais que são iguais se juntam, magneticamente.

Sara observou a expressão de Seth cuidadosamente. Ela recordou como foi difícil para ela captar essas novas ideias no começo, e imaginou como Seth as aceitaria.

- Quer dizer como sinais de rádio? – perguntou Seth.
- Muito parecido com isso – respondeu Salomão.

Sara sorriu.

- Veja, Seth, o Universo todo é baseado em vibrações. E é através dessas vibrações que as coisas ficam juntas ou se separam. "Aquilo que é semelhante a si mesmo, é atraído".
- Bem como você sabe quais coisas tem o mesmo sinal?
- Você pode procurar ao redor e ver as coisas que estão juntas. Essa é uma forma. E com alguma prática você poderá começar a ler o sinal vibratório das coisas antes mesmo de estarem verdadeiramente juntas. Você pode verdadeiramente ler o sinal antes mesmo da manifestação física.
- Humm – Seth ponderou – Legal.

Sara sorriu novamente. Isso estava indo muito bem.

- Eu emito um sinal?
- Sem dúvida que sim.
- Todo mundo?
- Sim, certamente.
- Bem, então como é que sei que sinal estou emitindo?
- Você pode saber através de como você está se sentindo, e pelo tipo de coisa que está vindo até você.
- Posso saber que sinal os outros estão emitindo?
- Não é o seu trabalho acompanhar isso, mas você pode saber o que estão emitindo através do que está chegando a eles, e através de como parecem se sentir. Suas atitudes e humores vão lhe contar muito sobre como estão indo.
- Então como posso me encontrar com sinais como os meus?
- Isso não é trabalho seu também. A Lei da Atração fará os encontros.
- É possível emitir um sinal de propósito/
- Sim, sem dúvida é possível emitir um sinal de propósito, e é isso que vim ensinar a você.
- Uau! – Sara gritou estridentemente. Ela sentiu tamanha euforia que pensou que sairia voando da árvore. Ela estava muito impressionada com a clareza da mente de Seth e ela amou o poder das suas questões e a facilidade com que ele captou as respostas de Salomão.
- Bem, conversaremos mais amanhã – disse Salomão.
- Ah, cara – Seth reclamou, não desejando que isso acabasse tão cedo. – Tenho ainda um milhão de perguntas, Salomão. Temos que parar agora?
- Seth, conversaremos mais sobre tudo o que você perguntou. Pelos primeiros dias cada resposta vai gerar dezenas de novas questões em você. Mas antes que você saiba, você terá uma base de compreensão, e tudo o que você quiser saber será entendido facilmente.
- Eu apreciei imensamente essa interação – completou Salomão.
- Eu também, Salomão – Seth e Sara disseram ao mesmo tempo como uma só voz.

- Humm, aí está. Dois Seres em perfeita harmonia vibratória.

Sara e Seth olharam-se enquanto Salomão levantava voo deixando a árvore e desaparecia.
- Muito legal, né? Sara perguntou.
- Pode ter certeza! – Seth respondeu.

Capítulo 24
Atenção às vibrações

Seth e Sara se encontraram na casa da árvore e esperaram por Salomão.

- Queria saber onde ele está – disse Sara.

Subitamente houve uma rajada de vento, e folhas e poeira caíram dos galhos acima. Sara piscou e esfregou os olhos com a poeira que os atingiu; Seth cuspiu poeira e um pedaço de folha que entraram em sua boca, e no meio dessa agitação Salomão desceu bem sobre a plataforma.
Seth e Sara saltaram de susto.

- Desculpem por isso – disse Salomão. – Estou tentando um novo tipo de aterrisagem, e ainda preciso de prática.
Sara não sabia o que pensara daquilo. Ela nunca tinha visto Salomão fazer algo assim em todo tempo que se conheciam.

- Quer dizer que você também está aprendendo coisas? – Seth perguntou com espanto.
- Claro. Nós estamos continuamente evoluindo.
- Mas eu pensei que você soubesse tudo! – Seth e Sara disseram ao mesmo tempo.
Salomão riu.
- Qual seria a graça disso? Veja, seria um estado muito triste ter descoberto tudo o que há para descobrir, realmente ter terminado, finalmente e de uma vez por todas. Eu lhes asseguro que isso não existe. Não existe isso de terminar. Existe apenas um eterno, perpétuo e alegre movimento adiante.
Salomão firmou-se na plataforma e com seu bico arrumou algumas penas no lugar.
- Isso, assim está melhor – ele disse. – Agora, vejamos. Por onde começamos?
- Bem – Seth começou – A noite passada estive pensando sobre o que você disse sobre emitir meu próprio sinal. Eu não sei porque, mas isso fica voltando à minha mente de novo e de novo. Eu nem compreendo realmente o que significa, mas eu fico pensando nisso assim mesmo.
Salomão sorriu.
- Eu fico muito satisfeito porque de tudo o que conversamos isso foi o que mais ficou marcado em sua mente, porque é a coisa mais importante que tenho para lhe ensinar.

Sara inclinou-se para frente com interesse. Salomão estava falando praticamente sobre as mesmas coisas que havia lhe ensinado, mas com Seth ele parecia estar usando outras palavras. E ela queria ter certeza que entendera isso que Salomão considerava ser o mais importante.

- Primeiro você deve entender como é que você emite um sinal. Seu sinal tem a ver com o que você está percebendo.
- Percebendo?
- Sim, aquilo a que você está dando atenção, aquilo em que você está focado. Por exemplo, quando você está recordando, você está emitindo seu sinal vibratório. Quando você está observando ou olhando ou pensando sobre alguma coisa, você está emitindo o seu sinal. Quando você está ponderando ou estudando ou examinando ou imaginando, você está emitindo o seu sinal.
- E quando estou falando sobre alguma coisa?
- Principalmente aí, porque quando você está falando de alguma coisa, isso geralmente tem sua total atenção.
- Caramba, Salomão, parece que estamos emitindo nossos sinais em praticamente tudo o que fazemos.
- Bom, Seth. Está absolutamente certo. E uma vez que o Universo está constantemente combinando o seu sinal com coisas que são como o seu sinal, é muito bom quando você emite seu sinal propositalmente.
- Bem, isso faz sentido, Salomão. Mas o que acontece quando vejo alguma coisa terrível? Algo que é ruim ou errado? O que acontece com o meu sinal?
- Seu sinal é sempre afetado por aquilo a que você está dando sua atenção.

Sara observou Seth. Ela podia sentir seu desconforto. Ela recordou como tinha sido difícil para ela compreender esta parte no início.

- Mas Salomão – Seth protestou – Como eu posso fazer algo ficar melhor se eu não der minha atenção ao que está errado com isso pra começar?
- Certamente é apropriado dar sua atenção a isso, para começar. De fato é assim que você decide como você pode ajudar, ou o que seria melhor, ou o que é que você deseja. A coisa importante é decidir, o mais rápido que puder, o que seria melhor ou o que você deseja, e então dar sua total atenção a isso. Então o Universo poderá trabalhar para corresponder a isso.
- Ah, entendo – disse Seth hesitante.
- Com um pouco de prática, você será capaz de saber qual é o seu sinal vibratório. Você saberá que o modo como se sente é um excelente indicador do seu sinal: quanto melhor você se sentir, melhor. Quanto pior você se sentir, pior. Não é realmente muito complicado.
- Humm – Seth estava quieto. Sara não tinha certeza se era porque ele tinha entendido ou porque ele não acreditava em Salomão. Ele pareceu mais interessado quando Salomão estava falando em sinais de rádio e vibrações, mas quando Salomão começou a falar sobre sentimentos e emoções Seth pareceu se fechar.
- Veja – Salomão continuou – A maioria dos seres humanos está lidando com vibrações o tempo todo, eles apenas não sabem disso. Tudo em seu mundo físico tem uma base vibratória. Os seus olhos veem o que veem porque seus olhos compreendem vibrações. O que você ouve é porque seus ouvidos compreendem vibrações. Mesmo o que você cheira, sente o gosto ou sente com seus dedos é porque seu corpo entende vibrações.

Seth iluminou-se.

- Eu lembro quando uma professora trouxe diapasões para a escola. Cada diapasão de um tamanho diferente. Ela tinha um pequeno martelo para bater neles e ela nos disse que o motivo porque soavam diferentes era porque tinham vibrações diferentes.
- Muito bem, Seth. E do mesmo modo, tudo no Universo está emitindo vibrações diferentes, e você está observando essas vibrações diferentes com seus sentidos físicos: seu nariz, seus olhos, seus ouvidos, sua pele, as papilas gustativas na sua língua. De fato, tudo o que você percebe ou vê ou compreende ao seu redor é sua interpretação de alguma vibração.

Salomão estava usando muitas palavras que Seth e Sara não entendiam com certeza. Mas quanto mais Salomão falava, mais eles compreendiam.

- Você está dizendo que uma flor está emitindo uma vibração, meu nariz está recebendo a vibração, e por isso é que posso sentir o cheiro da flor?
- É exatamente isso, Seth. Você reparou que flores diferentes tem fragrâncias diferentes?
- Sim, e algumas não tem nenhum odor.
- Você já sentiu o cheiro de alguma flor que ninguém mais sente?
- Minha mãe sente o cheiro de flores que eu não sinto. Eu sempre achei que ela estava fingindo.
Salomão sorriu.
- Ninguém sente os mesmos odores, e nem vê da mesma forma. Já percebeu que cães são capazes de sentir odores que você não é capaz de sentir?
- Cães cheiram coisas que eu não desejo cheirar! – disse Seth rindo. Sara riu também. Salomão riu.
- Já percebeu que os cães podem ouvir coisas que você não pode ouvir?
- Sim, percebi.
- Então – Salomão continuou - Não apenas todos os tipos de cães estão emitindo todo tipo de diferentes vibrações, como diferentes receptores recebem diferentemente. Divirta-se com isso por alguns dias. Veja que tipos de coisas você observa que lhe ensinam sobre vibrações, e então falaremos novamente. Eu apreciei imensamente essa interação.

E antes que Sara e Seth pudessem protestar, Salomão já estava indo embora.
- Ele com certeza nunca perde tempo quando está pronto para ir embora, não é? – riu Seth.
- É verdade – Sara sorriu.
- Ok, Sara, vejo você amanhã aqui depois da escola. Vamos comparar anotações sobre o que observamos.
- Ok, nos veremos.

Sara estava tão satisfeita que Seth estava animado com o que estava aprendendo com Salomão que só quando ela já estava quase em casa é que percebeu que eles nem se importaram em balançar na árvore. “Humm...”

Capítulo 25
Um dia divertido

Quando Sara chegou no gramado da escola ela notou alguma coisa brilhando muito forte por uma das janelas do andar térreo.

- Mas o que é isso? – Sara murmurou enquanto seguia na direção daquela estranha luz.

Enquanto segui, Sara concluiu que aquilo vinha da sala de artes da Srta Ralph. Era uma coisa muito estranha. Num instante parecia vermelho, depois azul, então verde. Sara não tirava os olhos daquilo.
Sara já ajudou a Srta. Ralph a carregar seus materiais de arte até o carro, mas ela na verdade nunca tinha entrado em sua sala de aula, porém hoje ela entraria. Ela tinha que descobrir o que estava criando esse incrível show de luzes em sua janela.
A porta da sala de aula estava ainda fechada e quando Sara empurrou a maçaneta ela abriu-se com força. Sara não percebeu quanto entusiasmada ela estava ou com quanta força ela tinha empurrado a porta até ouvi-la bater contra a parede. A professora deu um salto, assustada com o barulho.

- Posso ajuda-la?
Sara estava envergonhada por ter feito tanto barulho.
- Eu vi algo brilhando pela sua janela. Dava pra ver através do estacionamento. Fiquei imaginando, o que seria?
A Srta. Ralph sorriu e tocou o prisma com os dedos, fazendo-o girar em seu cordão e criando lindos pontos de luz colorida por toda a sala.
- É o meu novo prisma.
- Prisão? – perguntou Sara.
- Prisma. Ele refrata a luz.
- Refrata?
- Pega um raio de luz e redireciona. Separa comprimentos de onda mais longos e mais curtos e então projeta cores diferente. Eu ainda estou lendo sobre como exatamente isso acontece nesse maravilhoso pedaço de vidro, mas eu acho que será útil para ajudar meus alunos de artes a compreender as cores e suas misturas naturais.
Sara estava tão entusiasmadas que poderia sair pulando.
- Vibrações! – ela murmurou.
- Sim – disse a professora, estudando suavemente a energia de sua nova pequena amiga. – Você é uma artista?
- Eu? Ah, não. Não sou boa nisso.
- Você pode se surpreender – disse a Srta. Ralph. – Eu aposto que você está cheia de talentos artísticos que você nem sabe que tem. Talvez em breve eu a veja em alguma das minhas aulas.

Bum! Sara e a Srta. Ralph saltaram quando Seth irrompeu na sala, batendo a porta na parede.
- Desculpe.
- Seth! – disse Sara surpresa.

- Sara! – disse Seth também surpreso enquanto caminhava até a janela procurando tocar o brilhante objeto que girava já janela. – O que é isso?

A Srta. Ralph ficou parada com os olhos arregalados imaginando o que estava acontecendo ali. Quem seriam essas crianças inquisitivas, tão cheias de entusiasmo pelo seu novo prisma?

- É um prisma! – disse Sara orgulhosa. – Ele refrata a luz.
- Eu não tinha ideia de que este prisma chamaria tanto a atenção. Deveria ter pensado nisso antes. – disse a Srta. Ralph. Ela então explicou para Seth o mesmo que tinha dito para Sara, então eles agradeceram a ela e saíram da sala.

Sara e Seth mal podiam esperar para sair até o corredor onde poderiam conversar em particular.
- Dá pra acreditar que ambos acabaríamos na sala da Srta. Ralph logo chegando na escola? Essa Lei da Atração é assombrosa – disse Seth.
- Você acha que todos vão reparar ou será que somos as únicas correspondências vibratórias com o prisma? – perguntou Sara.
- Acho que estava lá só para nós.
- Eu também – disse Sara. – Esse vai ser um dia divertido.

Seth segurou a porta aberta e ambos saíram. Enquanto estavam descendo a escada da frente, ouviram a sirene da cidade tocando ao longe. Esta pequena cidade não tinha um corpo de bombeiros oficial. Só havia um único carro de bombeiro muito velho guardado em uma garagem na Rua Principal. Sempre que havia algum incêndio na comunidade, uma forte sirene era acionada, e voluntários viriam rapidamente de onde que que o som alcançasse para ajudar a apaga-lo. Raramente tocava, mas sempre que acontecia sempre gerava muito interesse e ação.

- Queria saber o que é isso – disse Sara em pé, olhando ao longe.
- Ssshh, ouça... – disse Seth fazendo sinal de silêncio.
- É a sirene do incêndio – Sara explicou.
- Eu sei, mas o que mais você ouve?
Sara parou de andar e tentou escutar o que Seth estava ouvindo. Sara sorriu.
- Uivos. Eu ouço uivos. Todos os cães da cidade devem estar uivando. Caramba, Seth, isso é esquisito, não é? O dia mal começou e já tivemos duas incríveis experiências vibratórias!
- Eu só espero que não seja a minha casa incendiando de novo – disse Seth rindo.
- Isso não tem graça Seth – disse Sara. – E começo a pensar que não deveríamos gastar nenhum tempo falando sobre qualquer coisa que não desejamos. As coisas parecem estar acontecendo rápido por aqui.
- Vejo você depois da escola.
- Sim, depois.

Capítulo 26
Uma correspondência vibratória mágica

Sara bocejou abertamente e no meio do bocejo lembrou de cobrir a boca com a mão. Ela olhou ao redor para ver se algum dos seus colegas de classe tinha reparado, mas parecia que não. Ela olhou o relógio, desejando que o dia passasse mais rápido, assim poderia encontrar-se com Seth e conversar sobre as coisas que ela tinha na sua lista. Em apenas um dia um dos professores falou sobre Beethoven, o compositor surdo; e Hellen Keller, a incrível mulher que era cega e também surda... Sara não se lembrava de nenhum dia em que coisas sobre os sentidos fosse tão discutidas. Era mal podia esperar para encontrar com Seth e comparar anotações.

De repente um odor horrível chegou até o nariz de Sara. “Oh, argh”! Sara exclamou tampando o nariz e a boca com as mãos. Ao mesmo tempo, outros alunos fizeram o mesmo, tossindo e engasgando com o odor pungente.

- Bem, - o Sr. Jorgensen disse e sorriu – Já faz algum tempo que não sinto esse cheiro.
- O que é esse cheiro horrível? – Sara perguntou.
- Bem, se não me falha a memória, eu diria que alguns malandros cozinharam ovos podres no laboratório de ciências, e de alguma forma conseguiram por isso no sistema de ventilação.

Sara imaginou como o Sr. Jorgensen soube tanto e tão rápido sobre esse cheiro horrível. Ela não pode evitar de pensar pela piscada que viu em seu olho, que ele mesmo já tinha feito isso nos seus dias de juventude.
Então o sistema de som da classe estalou, como sempre fazia quando o diretor estava para fazer algum pronunciamento.

- Atenção. Aqui é o Sr. Marchant. Parece que estamos tendo um incidente bastante infeliz no laboratório de química da oitava série. Não há nenhum perigo iminente, exceto para os infelizes que armaram essa traquinagem.
Sara riu.

- Isso vai encerrar as aulas por hoje. Os professores devem dispensar suas turmas agora. Os alunos que precisam do ônibus devem reunir-se na área de embarque em meia hora. Todos os demais alunos podem sair agora. É só.

Sara saltou de sua cadeira. Ela estava alegre no meio de tantas tosses e engasgos. “Ops, melhor não parecer tão contente” pensou Sara. “Podem pensar que tenho algo a ver com isso”.

“Provavelmente tenho algo a ver com isso de alguma forma” pensou Sara. “Essa coisa de Lei da Atração é mesmo esquisita”.

Sara deixou o prédio com uma horda de estudantes. Ela buscou na multidão, esperando encontrar Seth para que pudessem começar a comparar anotações. E lá estava ele, esperando junto ao mastro da bandeira, vasculhando a multidão procurando Sara. Ela sorriu.

- Estou feliz que tenha esperado. O que você conseguiu?

- Caramba, Sara, sinto como se eu tivesse entrado no "Além da Imaginação". Como é possível tantas coisas incomuns acontecerem num só dia, bem no dia seguinte ao que Salomão nos deu um exercício sobre esse assunto?
- Eu sei. Você acha que Salomão está por trás disso?
- Deve ser algo assim, Sara. Esse foi o dia mais incrível que já vivi – Seth abriu seu caderno e começou a ler.
- Primeiro foi a coisa do prisma – disparou Sara, muito ansiosa para esperar pela primeira anotação de Seth.
- Bem, pra mim essa foi a segunda coisa – disse Seth. – Eu pisei em alguma coisa ruim, cortando caminho pelo gramado da Sra. Thompson, vindo para a escola.

Sara disparou a rir. A Sra. Thompson tinha cinco cães grandes. Sara parou de cruzar o gramado dela há anos.

- Então o prisma da Srta. Ralph... então as sirenes.
- A-han
- Então no P.E. teve aquele som agudo realmente gritando. Todos ouviram, mas ninguém sabia dizer o que era. Era a microfonia do aparelho de surdez do Sr. Jewkes. Você sabia que o Sr. Jewkes usa aparelho de surdez? Bem, ele usa, mas estava no bolso dele em vez de estar no ouvido, então ele não podia ouvir. Enquanto isso, todos nós estávamos ficando loucos.

Sara riu.
- O que mais? – ela perguntou.

Sara e Seth caminharam rapidamente na direção da casa da árvore enquanto ele continuava a folhear as páginas do seu pequeno caderno. Ambos estavam cheios de uma deliciosa ansiedade para compartilhar os eventos que experimentaram.

- Bem, esse foi o ponto alto para mim. Exceto por aquele cheiro nojento que fechou a escola. O que era aquilo?
- O Sr. Jorgensen disse que era gás de ovos podres vindo do laboratório de química, que alguns alunos conseguiram por no sistema de ventilação.
- Legal – Seth sorriu.

Sara não distinguiu se era um bom ou um mau "legal". Ela não achava que Seth fosse fazer algo destrutivo ou qualquer coisa que fosse causar um inconveniente maior para tantas pessoas.

- Eu tenho que admitir. Eles sabem como fechar uma escola – Seth acrescentou. – Provavelmente vão crescer e se tornar políticos.

Sara não sabia se era uma coisa boa ou má.

- Acho que tem todos os tipos – Seth acrescentou.
Sara não sabia se Seth achava que eram bons ou maus tipos. E Sara não aguentou mais.

- O que há Seth? Você poria gás de ovos podres na ventilação?

Seth estava quieto... Sara sentiu-se desconfortável, ela esperava que Seth dissesse "Não, eu jamais faria algo assim". Sara não gostava realmente de todas as regras. E muito do que os adultos decidiram, ela concluiu há tempos, era estúpido. Mas no tocante a ela, Sara acreditou em manter promessas e regras, e ela não acreditava em causar problemas para os outros, mesmo que merecessem.

- Não, eu não faria isso – Seth respondeu.
Sara sentiu alívio.

- Eu não me importo com pessoas que causam problemas para os outros deliberadamente.
- Eu também não – disse Sara sorrindo.
- O que tem na sua lista? – perguntou Seth.
- Bem, eu anotei algumas coisas iguais a você, como o prisma, a sirene e os uivos. Nós vimos um filme sobre Hellen Keller. Foi muito incrível. Você sabia que ela não podia ver nem ouvir?
- Triste isso – Seth disse.
- Na aula de ciências, tinha um som "iiic, iiic, iiic..." Parecia que estava chiando pelas paredes ou algo assim. A Sra. Thompson estava enlouquecendo, percorrendo toda a sala tentando descobrir de onde vinha. Ela ficou em pé na cadeira, pôs o ouvido na parede, foi muito estranho.
- O que aconteceu? – perguntou Seth.
- Primeiro ela chamou o inspetor, que devia ser tão surdo quanto o Sr. Jewkes porque ele não conseguia ouvir nada. Então o homem da manutenção da garagem de ônibus entrou e subiu em todas as cadeiras, e ele também não descobriu nada. Então ela me pediu que pegasse os papéis das carteiras de todos, e quando eu pus na mesa dela eu pude ouvir o som realmente alto. Parecia que estava vindo de perto da mesa dela. Então eu disse para todos "Ei, parece que está vindo daqui".
- E o que era?
- Era o timer dela, sabe, como um timer de cozinha? Estava na bolsa dela, sendo espremido ou coisa assim, e estava bipando feito louco. A Sra. Thompson ficou tão embaraçada!

Seth riu alto.
- Essa foi a melhor de todas!
- Que grande dia! Eu cheirei mais coisas hoje, boas e ruis, do que me lembro num ano inteiro. Eu vi e ouvi mais coisas estranhas do que consigo me lembrar. Você não acha que isso vá continuar e que amanhã teremos nossos dedos lixados e encontraremos vidro moído no nosso almoço, não é?

Seth riu.

- Bem, até agora tudo foi relativamente inofensivo. Mal posso esperar para ouvir o que Salomão tem a dizer sobre isso tudo.

Seth e Sara subiram a escada da árvore e esperaram por Salomão. Algumas vezes ele já estava por lá, mas ultimamente ele tem feito algumas entradas dramáticas depois deles chegarem.

- O que eu mais quero que Salomão explique é como é possível que todas essas coisas estranhas tenham acontecido num só dia. Ele estaria fazendo isso para nos mostrar?

Vuuusshh! Salomão mergulhou dentro da árvore e pousou seco na plataforma onde Sara e Seth estavam em pé.

- Boa tarde, meus bons amigos sem penas. Acredito que tiveram um dia muito proveitoso.
- Foi um dia incrível – começou Sara. – Você nem vai acreditar no que aconteceu.
- Ah, acho que vou – Salomão sorriu.
- Então você fez isso, Salomão? Você arranjou todas essas coisas estranhas para que nós aprendêssemos mais sobre nossos sentidos físicos, não foi? – perguntou Sara com um sorriso.
- Não tenho ideia do que você está falando – Salomão sorriu de volta.
- Ah tá – Sara ironizou. – Eu sabia que você estava por trás disso.
- Sara, eu asseguro para você que eu não sou o criador da sua experiência. Eu não posso projetar coisas na sua experiência. Só você pode fazer isso. Não existe Lei da Afirmação, apenas Lei da Atração.

Sara franziu as sobrancelhas. De alguma forma ela gostara da ideia de Salomão estar arranjando esses eventos mágicos no seu dia. Na verdade ela sentiu-se um pouco desapontada que ele não assumiu o crédito.
Seth estava quieto. Sara pode ver pela sua expressão séria que ele estava imerso em pensamentos. Seth começou:

- Então Salomão você está dizendo que não teve nada a ver com nada disso?
- Bem, - Salomão disse – Eu posso ter influenciado vocês através da sua atração. Como nós três falamos sobre sentidos físicos, nós formamos um ponto focal de energia sobre esse assunto. Eu certamente fui um instrumento ajudando para vocês a focalizarem, e assim emitirem suas vibrações sobre o assunto dos sentidos físicos. Mas foram as vibrações que vocês dois estavam emitindo que foram responsáveis pelas coisas que vocês atraíram.
- Mas Salomão, como pode ser? Você está dizendo que só por ouvi-lo e falar sobre os cinco sentidos nós fizemos todas essas coisas acontecer?
- Não totalmente. A professora de artes, estava planejando comprar aquele prisma faz tempo. Ela apenas ainda não tinha feito isso. O seu interesse no sentido da visão adicionou influência suficiente ao seu plano, que já estava em movimento, para lhe dar impulso para ir adiante e agir. O mesmo com os químicos espertos que fabricaram o gás de ovos podres. Eles planejaram isso por semanas. Seu foco adicionou-lhes ímpeto suficiente para por o plano em ação também. De fato, todas essas coisas estavam para acontecer e muitas aconteceriam de qualquer forma, com ou sem sua influência. Mas sem a sua atenção sobre elas, vocês não estariam em posição vibratória para se encontrar com o resultado.

Os olhos de Seth brilharam com o entendimento.

- Então o meu impulso de atravessar o gramado da Sra. Thompson foi inspirado pela nossa conversa?
- Correto. Quantos alunos vocês acham que irromperam pela sala de arte para olhar aquele prisma?
- Quantos? – Sara perguntou ansiosamente.
- Dois – respondeu Salomão. Somente vocês dois, que alcançaram uma correspondência vibratória com aquilo.
- Entendi – disse Sara. – Então todas aquelas coisas já estavam ali acontecendo ou prestes a acontecer, e a nossa atenção apenas nos fez encontra-las!
- Correto – Salomão sorriu.
- E se elas já estivessem prestes a acontecer, nossa atenção as traria à tona? – completou Seth.
- Correto novamente – Salomão concordou.
- Caramba, Salomão, você compreende quanto poder isso significa que temos?
- Sem dúvida que sim.

Seth e Sara permaneceram quietos, quase petrificados por essa nova revelação.

- Acho que podemos tanto fazer coisas boas como coisas más com esse poder – completou Seth.
- Isso é verdade – disse Salomão – Apenas lembrem que em cada caso vocês estarão bem no meio disso.
- Ah, é! – Seth riu. – Isso é alguma coisa para se pensar, não é?

Sara e Seth riram. Nem Sara nem Seth nem Salomão acreditava que qualquer um deles faria algo para deixar alguém mais desconfortável.
- A Lei da Atração é muito interessante – disse Seth.
- Você pode repetir isso – Sara concordou, apoiando-se na árvore e suspirando profundamente sob o peso dessa nova e incrível revelação.
- Vão com calma com tudo isso – disse Salomão. Pratiquem direcionar os seus pensamentos e vejam quanto rapidamente suas experiências reais de vida refletem o que quer que tenham imaginado. Deixem o Universo mostrar para vocês através do que chega em suas experiências, qual é o conteúdo primário dos seus pensamentos. Conversaremos mais amanhã.
Então, meus amigos vibratórios, vou sair e deixa-los trabalhar com sua mágica. Divirtam-se com isso – e assim Salomão se foi.

Sara e Seth ficaram sentados em silêncio, ambos imersos em pensamentos.

- Isso é muito divertido! – exclamou Sara.
- Isso é demais!

Salomão fez mais uma rápida passagem baixa pela árvore. Seth e Sara explodiram em risadas.

- Nunca tem um momento chato por aqui – disse Seth
- Eu amo isso!

Capítulo 27
A vida é maravilhosa

Sara aguardou na casa da árvore por Seth e Salomão. Ela sentia-se desconfortável. Não era normal ela não encontrar Seth na escola, e ela imaginava se ele teria faltado à aula.

- Onde está todo mundo? – Sara falou alto, impaciente. Isso estava esquisito.
Sara tinha deixado sua mochila ao pé da árvore, e pensou em descer e trazê-la para cima. Mas ela estava muito indecisa para fazer alguma leitura ou lição de casa. Alguma coisa estava errada, ela sentia isso.

Salomão planou suavemente e pousou na plataforma junto de Sara. Antes que ele pudesse saudá-la com seu habitual "Está um lindo dia hoje" Sara disparou:

- Salomão, onde está Seth?
- Ele chegará logo. Desconfio que ele teve um dia muito interessante hoje.
- Tem alguma coisa errada?
- As coisas costumam estar erradas quando são interessantes?
- Bem, não, mas acho que ele não foi à escola hoje. Pelo menos não o vi o dia todo.
- As coisas costumam estar erradas quando são diferentes do habitual? Não é possível que as coisas sejam diferentes do habitual e mesmo assim esteja tudo bem?

Havia lógica no que Salomão estava dizendo, mas Sara sentia-se incomodada. Mesmo sendo verdade que ela não conhecia Seth há muito tempo, ele já havia mostrado padrões bastante estáveis e Sara ficava confortável com seus padrões de comportamento previsíveis.
Seth surgiu entre as árvores e começou a subir a escada.

- Ah, que bom – Sara disse baixinho. – Salomão, não diga a ele que eu estava preocupada, ok? – ela sentiu-se boba por se preocupar.
- Sara, seu segredo está seguro comigo. Entretanto, a Lei da Atração não é muito boa em guardar segredos.

Sara olhou para Salomão, desejando poder perguntar o que ele queria dizer com aquilo, mas Seth já chegava na plataforma.

- E aí, quais as novas?
- Nada demais – Sara respondeu, tentando aparentar calma. – Apenas esperando por você.
- Ah, desculpe.

Sara aguardou por alguma explicação sobre onde ele andara.
Seth usou um galho para limpar as folhas dos vãos da plataforma. Ele parecia imensamente envolvido nisso e não olhou para cima.

"Alguma coisa está errada" pensou Sara.

- Voltarei logo – disse Salomão, voando para fora da árvore e sobre o rio. Sara e Seth permaneceram em pé observando Salomão. “Isso é estranho” pensou Sara. “O que está havendo por aqui hoje”?

Salomão voou para baixo e pegou a corda com o bico, depois subiu com ela até a plataforma. E o que aconteceu em seguida deixou Sara e Seth perplexos, de boca aberta. Agarrando firmemente a corda com suas garras, Salomão saltou da plataforma e balançou sobre o rio como Sara e Seth já fizeram centenas de vezes.

- Gerônimooooooooo! – Salomão chamou enquanto suas penas eram levadas para trás pelo vento. Sara e Seth gargalharam muito.

Salomão saltou da corda da mesma forma que eles faziam, pousando na margem do rio. Então ele voou sobre o rio, pegou a corda com o bico e a levou até a plataforma. Seth pegou a corda de Salomão.

- É uma experiência emocionante, sem dúvida! – Salomão começou.

Sara e Seth ficaram intrigados, sem saber o que dizer. Finalmente Sara disse:
- Salomão, o que você achou de tão emocionante em balançar de uma corda boba numa árvore quando você pode voar pra onde e quando quiser?

Ouvindo como soaram suas palavras, Sara olhou para Seth rapidamente e disse:
- Desculpe, Seth, não quis dizer que a corda é boba, quer dizer, é legal mesmo, mas...
- Sei o que você quis dizer, Sara, eu ia fazer a mesma pergunta. Nós balançamos porque não podemos voar, bem, digo, não habitualmente. Mas porque você...

Salomão irrompeu:
- Não há experiências melhores. Voar não é melhor que balançar, e balançar não é melhor que caminhar. Cada experiência tem seus próprios benefícios. É a variação que faz a vida completa, deliciosa e interessante. Para mim hoje o balanço foi uma experiência inédita. Eu nunca botei fé na força ou na trajetória de uma corda pendurada em uma árvore. A emoção continua a estar em novas descobertas.
- Caramba, Salomão, eu não achava que você estava tendo novas experiências – disse Seth. – Ainda penso que você sabe tudo.
- Como isso seria perfeitamente chato. Todos nós continuamos a nos expandir. Nós estamos eternamente num estado de descoberta.
- Estava pensando que tudo o que quero fazer é fechar os olhos e voar com Salomão. Quero deixar essa cidade chata pra trás e explorar todas as coisas maravilhosas que existem por aí – disse Sara.
- É uma coisa normal, Sara, ficar excitada com a novidade de uma experiência. Tenho certeza de que suas primeiras experiências de voar comigo foram tão emocionantes quanto minha primeira experiência de balançar nessa corda. Mas eu lhe asseguro que você não veio nesse glorioso corpo físico para essa magnífica experiência física apenas para ansiar por sair dela. De fato, você sabia que as maiores emoções estão bem aqui, no seu corpo, neste maravilhoso

planeta Terra, interagindo com outros e constantemente descobrindo coisas novas para pensar e pessoas novas para interagir. Está tudo aqui para você. E é maravilhoso.

Seth e Sara estavam ambos cheios de um alegre sentimento de bem-estar. Mesmo que não pudessem compreender completamente o que Salomão lhes dizia, eles podiam sentir pela intensidade de suas palavras, que era verdade.
Havia algo em ver essa ave mágica, que eles sabiam que podia fazer qualquer coisa imaginável, tendo tamanho deleite com o simples prazer de balançar na corda da casa na árvore, que ajudou-os a entender que o lugar onde eles estavam, no meio do seu mundo físico, não era um lugar ruim de estar.

- Então, Salomão, você está dizendo que nós não voaremos mais com você, ou que não deveríamos desejar voar?
- Vocês podem fazer qualquer coisa que desejarem fazer. Eu quero guia-los para o reconhecimento do enorme valor de onde vocês estão agora. Tantas pessoas estão se sentindo tão insatisfeitas como o que as rodeia, gastando todo o seu tempo buscando por coisas que estão fora do seu alcance, quando há tanto valor e prazer para elas se apenas procurassem ao redor onde elas estão agora. Eu não quero guia-los na direção de nada ou pra longe de qualquer coisa. Eu quero que vocês saibam que suas opções são ilimitadas, e que a maior alegria virá sempre das novas experiências. Vocês são seres em expansão. Quando compreenderem isso e permitirem isso, e até encorajarem isso, vocês encontrarão a maior alegria.

Sara sorriu. Ela estava começando a compreender Salomão.

- Então o que é previsível ou conhecido não é necessariamente a melhor coisa. É isso que você está dizendo, Salomão?
- Esperem que suas vidas sejam previsivelmente maravilhosas enquanto vocês continuamente explorarem novas experiências. Vocês estão vivendo vidas maravilhosas, meus amigos, e eu quero que saibam disso.
- Eu sei, Salomão – disse Sara suavemente, sentindo o amor de Salomão envolvendo-a e atravessando-a.
- Eu também – disse Seth. – Eu também.

Capítulo 28
Não há injustiça

- Salomão, - Sara continuou – O que você quis dizer com a Lei da Atração não guarda segredos?
- Quando você está sentindo algo, mesmo que você queira fingir que não está sentindo, dizendo palavras que são diferentes dos seus sentimentos, a Lei da Atração ainda estará respondendo aos seus sentimentos. E então, as coisas que vem até você em resposta ao seu sentimento sempre indicam qual é o seu sentimento.
- Hum – Sara estava quieta. As palavras de Salomão soaram como outras coisas que ele já lhe dissera antes.

- Se você se sente vulnerável ou com medo, mas você finge que não sente medo, algumas vezes sendo até agressiva ou valentona, ainda assim a Lei da Atração lhe traz experiências após experiência que corresponde ao seu sentimento de vulnerabilidade.

Salomão continuou:
- Se você sente pena de si mesma, mesmo que você finja que não, o modo como será tratado pelos outros continuará a corresponder ao modo como se sente. Se você se sente pobre, não poderá atrair prosperidade. Se você se sente gorda, não poderá atrair esbeltes. Se você se sente tratada injustamente, não poderá atrair justiça.

Sara franziu as sobrancelhas. Ela já tinha ouvido essas coisas de Salomão antes, mas uma parte dela continuava a acreditar que tudo isso era realmente injusto.
- Mas Salomão, isso não parece certo. Parece que a Lei da Atração deveria ser um pouco mais prestativa e lhe dar um tempo, quero dizer, quando você precisa.

Salomão sorriu.
- É isso que a maioria das pessoas não entende sobre a Lei da Atração. Elas pensam que a Lei da Atração deveria agir como um pai ou um amigo que ao ver um amigo com problemas viria ajuda-lo.
- Bem, isso seria mais lega, não acha?
- Na verdade, Sara, acho que faria os problemas piores.
- Como assim?
- Porque se a Lei da Atração fosse inconsistente, ninguém seria capaz de achar seu lugar nela. Mas porque ela é precisamente consistente, com o tempo e com prática, todos podem aprender a atrair exatamente o que desejam. Veja, Sara, se você observar cuidadosamente como você está se sentindo, e então perceber que o que vem a você combina com esse sentimento, você então começa a entender como a Lei da Atração funciona. Então você percebe que mudando o modo como você se sente você pode mudar o modo com as coisas acontecem.
- Mas Salomão, e se eu não puder mudar como eu me sinto?
- Bem, Sara, nunca haveria nenhuma razão para isso.
- Eu digo, tipo, se alguma coisa realmente terrível acontecesse?
- Bem, eu sugeriria que você desviasse a sua atenção disso e prestasse atenção em algo que a fizesse sentir-se melhor.
- Mas e se fosse algo muito, muito, muito terrível?
- Mais razões para desviar para algo diferente.
- Mas... – Sara protestou. E Salomão irrompeu:
- Sara, as pessoas sempre acreditam que elas podem melhorar as coisas metendo-se bem no meio de algo terrível e trabalhando duro para consertar aquilo. Mas nunca é isso que faz as coisas melhorarem. O que faz as coisas melhorarem é dar usa atenção para coisas que façam você sentir-se melhor. Porque o que está vindo para você está vindo como resposta ao que você está sentindo.
- Eu sei que você fica me dizendo isso, Salomão, mas é que...
- A maior parte das pessoas vai pelo caminho mais difícil, Sara. Tente controlar como você está se sentindo e veja como tudo flui mais fácil. Acontece que não há essa coisa de injustiça. Todos

recebem exatamente o que estão sentindo ou emitindo. É sempre uma correspondência, e portanto, sempre justo.
- Ok Salomão – Sara suspirou. Ela sabia que Salomão estava certo. Ela também sabia que não tinha como convencer Salomão do contrário. Ele nunca vacilou ao falar sobre a Lei da Atração.

E tinha alguma coisa sobre isso que tinha uma bela ligação com isso: Não há isso de injustiça. Algo sobre isso parecia muito bom.

Enquanto Sara caminhava para a escola, ela continuou a ponderar sobre o que ela e Salomão haviam falado: "Se você se sente pobre, não poderá atrair prosperidade. Se você se sente gorda, não poderá atrair esbeltes. Se você se sente tratada injustamente, não poderá atrair justiça".

"Isso é tão injusto" Sara ouviu as garotas atrás dela reclamando. E Sara sorriu. Ela sempre ficava impressionada como algo sobre o que ela estava falando ou pensando surgia em sua experiência de alguma forma. Sara não podia ouvi-las bem o bastante para saber o que estava errado, mas era óbvio que estavam tratando disso com intensidade.

"Você não pode chegar lá a partir daí" Sara pensou.

- Não é justo! Não é justo! – Sara pode ouvir a voz de um garoto protestando. O Sr. Marchant segurava firme um furioso garoto que se contorcia enquanto era levado pela escada do prédio da administração.
- A vida não costuma ser justa, rapazinho.
- Então como deixou os outros irem? – o garoto choramingou.

O Sr. Marchant não respondeu ao seu jovem prisioneiro.
- Puxa, isso sempre acontece comigo.

Sara sorriu. "Não existe isso de injustiça" ela lembrou.

- Ei Sara, espere!

Sara virou-se para ver Seth correndo para alcança-la.
- Sara, eu preciso falar com você. Algo terrível aconteceu!

Sara engoliu e esperou Seth recobrar o fôlego. Pareceu passar uma hora até que ele começou a falar.
- Que foi? Que houve?
- Meu pai descobriu sobre a casa da árvore e disse que não posso mais ir lá. Ele diz que há coisas mais importantes para eu fazer do que ficar brincando numa árvore.
- Ah, Seth – Sara choramingou. – Isso não é justo.

Quando Sara ouviu as palavras que saíam de sua boca, ela engasgou. Ela sabia sobre a Lei da Atração, e ela sabia que o modo como você se sente afeta o que vem até você. Ela sabia, ou

estava descobrindo tudo aquilo. Mas como poderia alguém no mundo não sentir a injustiça do que Seth estava lhe dizendo?

- Ele disse que o Sr. Wilsenholm entrou na loja de ferragens reclamando que algumas crianças estavam balançando nas suas árvores. Ele disse que isso era invasão e era perigoso e que se ele precisasse iria cortar as árvores para manter os bagunceiros longe. Ele disse que poderiam quebrar o pescoço e se matar. Meu pai soube que era eu porque ele sabe que eu gosto de casas em árvores. Ele diz que eu deveria ter conhecido e ele... O quê?
- Nada, preciso ir.

Os olhos de Sara encheram-se de lágrimas. Ela foi até seu armário e jogou os livros lá dentro. Ela foi até o banheiro das meninas e limpou seu rosto com uma toalha de papel úmida.

- Isso não é justo – ela disse bem alto.
- Lembre Sara, não existe injustiça. O que quer que venha até você sempre corresponde ao que você vibra ou sente.
- Eu sei que você fica dizendo isso, Salomão, mas agora, o que é que eu faço?
- Você deve mudar seu sentimento.
- Mas é muito tarde pra isso. Seth já foi proibido de ir à casa da árvore e o Sr. Wilsenholm sabe que vamos lá, então provavelmente eu não posso ir também.
- Nunca é tarde, Sara. Não importa o que aconteça, você ainda tem controle sobre como você se sente. E desde que você tenha controle sobre como você se sente, você ainda pode mudar o resultado, não importa como parece agora.

Sara limpou seu rosto de novo.
- Ok, Salomão eu vou tentar. Com certeza não tenho nada a perder por tentar.
- Nos veremos na casa da árvore de noite após a escola.
- Mas o Sr. Wilsenholm diz que é invasão.
Salomão não respondeu.
- Ok, vejo você lá – disse Sara bem quando a porta do banheiro abriu e uma garota da turma de Sara entrou.
- Ver quem onde? – ela disse, dando uma volta completa e vendo que Sara estava sozinha.
- Eu não sei – disse Sara, saindo do banheiro.
- Ok, seja esquisita – disse a garota.
- Ok, serei – disse Sara e foi pelo corredor.

Capítulo 29
Confiando na Lei da Atração

Foi um dia muito longo na escola e Sara ficou muito feliz quando o sinal final tocou. Ela aguardou por Seth alguns minutos junto do mastro da bandeira, esperando que ele aparecesse, mas o tempo todo que ela ficou lá não achou que ele fosse realmente aparecer. Então Sara foi até a casa da árvore sozinha, primeiro sentindo-se triste, sabendo que Seth não estaria lá, e

então sentindo raiva porque o pai de Seth o proibira de ir lá, e então sentiu-se culpada por estar invadindo. Que palavra má: invasão.
Sara ficou feliz de ver Salomão esperando por ela na plataforma.

- Boa tarde, Sara. É muito bom ter uma oportunidade de nos encontrar.
- Com certeza, Salomão, mas você acha que terei problemas por invadir?
- Essa é uma palavra bastante forte. Como ela faz você se sentir?
- Bem mal, Salomão. Eu nem sei bem o que significa, mas parece sério. Estou certa que significa que eu não deveria estar aqui. Acha que teremos problemas?
- Bem, Sara, tudo o que posso lhe dizer é que eu passo muito tempo pousado no topo das árvores, e eu nunca tive problemas por invadir.
Sara riu.
- É, mas Salomão você é uma coruja. As pessoas esperam vê-lo em árvores.
- Mas essa árvore não me pertence mais do que pertence a você, Sara. Tecnicamente falando, os pássaros, ou os gatos ou os esquilos, de fato centenas de criaturas que habitam esta árvore agora poderiam ser chamadas de invasoras.
Sara riu.
- É, acho que é verdade.
- O Sr. Wilsenholm não se importa em compartilhar suas belas árvores com todas essas criaturas, Sara. E eu suspeito que se ele compreendesse como você se sente em casa nessa árvore, e de todo cuidado que você toma quando está aqui, ele não se importaria que você passasse algum tempo aqui.
Sara sentiu uma calmante sensação passando por ela.
- Você acha mesmo Salomão?
- Acho sim, Sara. O Sr. Wilsenholm não é um homem mau, egoisticamente desejando essa árvore só para si. De fato acho que ele ficaria satisfeito se compreendesse como você se sente a respeito dessa bela árvore velha. Penso que ele só está preocupado com as coisas que possam acontecer. E porque ele não sabe o quanto você é responsável em como você sabe se cuidar bem enquanto está aqui. Então os seus sentimentos surgem de sua imaginação preocupada em vez de surgir do que está realmente acontecendo aqui.
- Bem, o que eu devo fazer?
- Bem, Sara, se eu fosse você eu iria para casa essa noite e pensaria sobre quanto maravilhosa é essa árvore. E pensaria sobre como é bom estar aqui. Eu faria uma longa lista das coisas que mais gosto aqui. Eu faria uma longa lista das coisas que mais gosto aqui, lembrando toda a diversão com Seth nesta árvore. Fique revivendo as melhores partes, passando e repassando-as em sua mente, até que esteja cheia e transbordante com a maravilhosa sensação dessa árvore. E então, confie na Lei da Atração para lhe ajudar.
- Bem, o que a Lei da Atração vai fazer?
- Há muitas coisas que ela poderia fazer. Você nunca sabe com certeza até que aconteça. Mas uma coisa você sabe: se você está se sentindo bem, o que quer que aconteça será bom também.
- Ok, Salomão, eu farei isso. Será fácil fazer listas de coisas que gosto nesta árvore. Eu amo esta árvore!
Salomão sorriu.
- Com certeza ama, Sara. Com certeza.

Naquela noite Sara deitou em sua cama pensando na sua maravilhosa árvore. Ela lembrou como ficou emocionada a primeira vez que Seth lhe mostrou a casa na árvore, e a emoção de saltar da plataforma segurando firmemente a corda que Seth tinha amarrado ao galho maior. Ela riu enquanto lembrava dos tombos de Seth nas primeiras vezes que ele saltou da corda, e ela pensou nas horas gloriosas que ela, Seth e Salomão passaram conversando ali. E com esses adoráveis pensamentos em sua mente, Sara adormeceu.

Capítulo 30
Uma gatinha invasora

Sara abriu os olhos, surpresa que seu quarto estivesse ensolarado. Ela ficou ainda mais surpresa ao descobrir que já era quase 9 horas. Ela saltou da cama imaginando como sua mãe tinha permitido que ela dormisse tanto e perdesse a escola. E então lembrou que era sábado.

- Ei, olá, dorminhoca! – disse sua mãe quando ela entrou na cozinha. – Parecia que você estava dormindo tão gostoso que não quis acordá-la. Você teve uma boa noite?
- Sim – disse Sara ainda um pouco sonolenta.
- Seu pai está trabalhando hoje de novo. Pensei em dirigir até a cidade para fazer compras. Jason está passando tempo com Billy. Se quiser você pode me acompanhar ou...

Sara prendeu a respiração. Sua mãe permitira que ela passasse o dia em casa, ou em qualquer lugar, sozinha?

- ou fazer o que quiser – continuou sua mãe.
- Acho que ficarei aqui mesmo – disse Sara secretamente saltando de alegria por dentro.
- Tudo bem, querida. Voltarei no fim da tarde. Tenha um bom dia e não se preocupe com as suas tarefas de sábado. Já arrumei as coisas e tudo está em ordem. Vejo você mais tarde.

Sara estava sorrindo de orelha a orelha. Ainda que sua mãe fosse quase sempre agradável, e Sara prontamente admitiria que ela vivia uma vida boa, isso ainda era muita sorte. Estaria a Lei da Atração de Salomão fazendo a sua mágica tão rápido?
Sara vestiu-se, pôs um suéter e saiu de casa. Ela pensou na casa da árvore e sentiu um forte desejo de ir até lá, subir na casa e apenas curtir. Mas ela sentiu uma relutância igualmente forte. Então uma ideia surgiu em sua mente. Ela teve a clara imagem de cruzar o pasto atrás do quintal dos Wilsenholm, atravessar o rio pelo tronco e sair perto da Rua Principal no seu poleiro sobre o rio. O impulso era tão forte que ela trancou a porta de trás e correu pelo seu quintal até o pasto.

Quando ela subiu na cerca, ouviu alguém chorando. Ela ficou quieta para ver se podia localizar de onde vinha. Ela viu uma mulher de roupão em pé embaixo de uma árvore olhando para cima nos galhos. Sara reconheceu que ela estava olhando para o fundo do quintal dos Wilsenholm, mas não tinha certeza de quem era ela. A Sra. Wilsenholm estivera doente por muitos anos e Sara não se lembrava da última vez que a vira.

- A senhora está bem? – chamou Sara.
- Não, querida, não estou bem. Minha gata prendeu-se naquela árvore outra vez, e parece que ficou lá a noite toda. Meu marido está fora da cidade e eu simplesmente não sei como posso trazê-la para baixo.

A mulher torceu as mãos e agasalhou-se com seu roupão. Sara sabia que ela devia estar com frio, e estava claramente chateada.
Sara olhou no alto da grande árvore. Lá em cima estava uma gatinha. Miau! Miau! Ela certamente estava assustada.

- Aqui, gatinha, gatinha, gatinha – Sara chamou.
- Não adianta – a Sra. Wilsenholm disse. – Já estou chamando por horas.
- Sra. Wilsenholm, a senhora deveria entrar em casa e se aquecer – disse Sara calmamente. – Não se preocupe com sua gata. Eu vou trazê-la para baixo.
- Oh não, querida, não posso deixa-la fazer isso. Você pode cair e se machucar.
- Eu estarei bem. Sou boa em árvores.

A Sra. Wilsenholm relutantemente entrou em casa e observou Sara pela grande janela da sala.
Sara viu uma escada encostada na parede do celeiro e arrastou-a até a base da árvore. Ela levantou a escada até que ficasse bem junto da árvore, então sacudiu a escada fincando seus pés na terra. Ela subiu no primeiro degrau e pulou sobre ele algumas vezes para ter certeza que a escada estava estável, então cautelosamente subiu por ela. A escada não era muito alta, mas alcançava o primeiro galho da árvore. Sara agarrou-se no galho e subiu nele. Uma vez sobre o galho, Sara pode alcançar outro galho, e o próximo, e o próximo, até que Sara e a gatinha estivessem no alto da árvore.

A gatinha parecia muito assustada e não desceria da árvore, então Sara sentou no galho tentando descobrir o que faria a seguir.
- Bem, gatinha, você está invadindo? – Sara perguntou.
A gata miou.
- Ah, você está, não é? – Sara riu. Ela sentou-se confortavelmente com os pés balançando e silenciosamente acariciou a gatinha enquanto suavemente explicava como ela realmente não acreditava que a gatinha fosse uma invasora. E como não havia nada a temer, e que era tão fácil descer da árvore quanto subir nela.
Sara finalmente pegou a gatinha e continuou acariciando-a até que relaxasse e parasse de miar. Ela gentilmente acomodou a gatinha dento do suéter, antes prendendo-o dentro das calças para criar um transporte seguro para a sua assustada amiguinha. Então Sara voltou descendo da árvore até a escada e até o chão.

A Sra. Wilsenholm esperava por ela com um largo sorriso quando Sara chegou ao chão.
- Esse foi o resgate mais incrível que eu já vi! – ela disse, recebendo a gatinha de Sara e segurando-a suavemente junto ao pescoço. – Qual o seu nome?
- Eu sou Sara. Moro no fim da rua, perto da leiteria.
- Ah sei, Sara. E você passa muito tempo em árvores?

- Bem, sim, acho – Sara sorriu. – Eu subo em árvores desde que aprendi a andar. Minha mãe costumava se preocupar, mas não se preocupa mais. Ela diz que se eu tivesse que cair já teria caído faz tempo.
- Bem, pelo o que vi acredito que sua mãe não tenha nada com que se preocupar. Você é uma garota muito ágil, Sara, e você salvou minha gata. Nem sei com olhe agradecer. Meu marido tem ficado incomodado com alguns jovens que tem subido naquelas árvores grandes perto do rio. Ele até tem ameaçado cortá-las. Eu disse a ele que está exagerando, mas ele é um velho teimoso e quando põe uma ideia na cabeça geralmente não desiste. Mas se aqueles jovens fossem tão bons em árvores quanto você, ele não teria com que se preocupar, não é mesmo, Sara?
- Não, madame, não teria – Sara hesitou, então disparou. – E eu acho que esse é um bom momento para dizer que sou eu e meu amigo que estamos subindo em sua árvore.

Sara engoliu seco. Ela disse aquilo sem pensar realmente. Pareceu o certo no momento, mas agora a Sra. Wilsenholm estava quieta.

- Bem, ouça aqui, Sara. Vou dizer ao meu marido o que eu vi hoje. Não posso prometer nada, porque ele é um velho teimoso e tolo, mas algumas vezes ele ainda me ouve. Eu vou fazer a cabeça dele. Se ele pudesse ver você naquela árvore, não acho que ele ficaria preocupado com você. Dê-me algum tempo. Volte em alguns dias e lhe contarei o que ele disse.
- Obrigada! Obrigada! Obrigada! – Sara disse, ofegante. Ela não sabia o que era mais excitante: a possibilidade de ganharem permissão para brincarem na árvore ou o milagre providenciado pela Lei da Atração. Em todo caso, Sara estava extasiada.

Capítulo 31
Nós podemos

Sara estava voltando para casa após sua experiência de salvar a gatinha da Sra. Wilsenholm, quando lembrou-se de que antes estava indo até seu poleiro sobre o rio. “Queria ter algum meio de contar para Seth as boas novas” ela pensou.
Sara nunca esteve na casa de Seth, e mesmo que Seth nunca tivesse contado muito sobre sua vida em casa, Sara sabia pelo que ele não contava que as coisas não eram muito agradáveis lá. Então ela sabia que não poderia simplesmente aparecer na sua porta.

“Eu queria poder encontra-lo de alguma forma” Sara disse em voz alta.

Ela parou ao lado do rio e sorriu olhando o tronco que o atravessava. Ela subiu no tronco e abriu os braços para ter mais equilíbrio, e então literalmente correu pelo tronco atravessando o rio. Ela sentiu-se maravilhosa. Com o milagre que acabara de acontecer, ela sentia que poderia até voar sobre o rio.

- Ei, mocinha, você não sabe que esse rio é perigoso e que você poderia se afogar? – Sara ouviu a voz provocante de Seth vindo dos arbustos. Ele estava sentado numa grande pedra a poucos

metros da ponte de tronco. Seus sapatos e meias estavam empilhados logo atrás dele, e seus pés balançavam na água fria.

- Seth, estou tão contente de vê-lo! Você nunca vai adivinhar o que aconteceu!

Seth percebeu pela sua energia que algo significativo tinha acontecido.

- Conte! O que foi?
- Eu peguei um atalho atravessando o quintal dos Wilsenholm...
- Caramba, Sara, você é corajosa! Pensei que...
- Eu sei, eu sei. Eu não pensei muito sobre isso. Mas no fim tudo saiu muito bem. A Sra. Wilsenholm estava chorando no quintal. Sua gatinha estava presa bem alto numa árvore, então eu disse que poderia descê-la, mas ela disse que eu não deveria tentar, porque era perigoso. Aí eu disse a ela que estava tudo bem, e ela não me impediu. Então eu subi na árvore e trouxe a gatinha para baixo. Então ela contou que o marido estava muito zangado por causa dos garotos que estavam subindo nas árvores dele, mas que se esses garotos fossem tão bons em árvores como eu, ele então não se preocuparia tanto. Então eu contei pra ela que eu era uma das crianças que estava subindo na árvore...

Sara parou um instante para tomar ar. Ela falou aquilo tão rápido que ficou sem fôlego.

- Sara! O que você estava pensando?
- Não Seth, tudo bem. Ela estava tão aliviada que eu salvei a gatinha, e tão impressionada de ver minha segurança na árvore, que ela disse que falaria com o marido para convencê-lo de que nós estamos realmente seguros nessa árvore.
- Você acha que ela pode fazer isso, Sara? Ele vai ouvi-la?
- Eu não sei. Mas algo mágico está acontecendo, Seth. Salomão disse para eu lembrar como é maravilhoso estar naquela árvore. Então hoje de manhã tudo pareceu acontecer para me ajudar. Minha mãe foi às compras e disse que eu podia ficar à vontade em casa pra fazer o que quisesse. Só isso já foi um milagre. Então ela disse que eu não precisava fazer minhas tarefas de sábado porque ela já tinha feito tudo que era preciso. Não lembro quando foi a última vez que isso aconteceu. E então lá estava a Sra. Wilsenholm no seu quintal chorando pela gatinha presa. Salomão tem falado sobre coisas assim desde que o conheço, mas nunca vi isso funcionar assim tão perfeitamente. Acho que é porque isso é algo que realmente desejamos.

- Ok Sara, e agora o que nós fazemos?
- Bem, acho que não temos que descobrir isso. Salomão diz que nosso trabalho é apenas encontrar o ponto de sentir o que desejamos, e a Lei da Atração faz o trabalho.
- Humm – Seth ficou quieto.

Sara sentou, aguardando que ele dissesse algo.
Parecia que Seth tinha algo para dizer, mas não estava dizendo.

- Quê? – Sara provocou. – O que foi? – ela podia ver que Seth estava incomodado com algo.
- Acho que vamos nos mudar.

- Mudar? Para onde?
- Meu pai perdeu o emprego. O filho do Sr. Bergheim saiu da faculdade, e o pai dele disse que ele vai fazer o trabalho que o meu pai fazia. Sara, não é justo!

"Não é justo" Essas palavras dispararam a nova compreensão de sara sobre justiça, e as palavras de Salomão fluíram em sua mente: " A maior parte das pessoas vai pelo caminho mais difícil, Sara. Tente controlar como você está se sentindo e veja como tudo flui mais fácil. Acontece que não há essa coisa de injustiça. Todos recebem exatamente o que estão sentindo ou emitindo. É sempre uma correspondência, e portanto, sempre justo".

- Seth, Seth – Sara disse excitada – Nós podemos consertar isso.
- Sara, eu não vejo como...
Sara interrompeu-o.
- Sério, Seth, nós podemos. Tudo que precisamos fazer é uma lista sobre todas as coisas que gostamos sobre você viver aqui, ou sobre seu pai trabalhando na loja de ferragens, e a Lei da Atração cuidará disso.
- Sara, mas como nós vamos convencer o Sr. Bergheim a deixar meu pai ficar com o emprego?
- Isso não é nosso trabalho, Seth, Salomão diz...

Folhas caíram da árvore acima deles e Salomão fez um pouso suave e perfeito.
- Achei que devia encontra-los aqui – disse Salomão, descendo para o galho mais baixo e ajeitando as penas com o bico. – É um dia adorável, não acham?
- Salomão, você não acreditaria em todas as coisas que aconteceram desde que conversei com você ontem.
- Bem, acho que tenho alguma noção – Salomão sorriu.

Sara riu, lembrando que Salomão sabia tudo.

- Vejo que as coisas estão progredindo bem na questão da casa da árvore – Salomão disse em tom professoral. – Agora vamos trabalhar nesse novo acontecimento.
- Salomão, meu pai perdeu o emprego. Ele diz que vai arranjar uma fazenda, para não depender dos caprichos de algum patrão que prefere ter um filho irresponsável trabalhando para ele do que um adulto que vai cuidar certo dos negócios.
- Entendo – disse Salomão. – É natural para seu pai sentir-se amargo nessas condições. Mas sentir-se assim não ajuda. Só pode fazer piorar. E é perfeitamente natural para você sentir-se amargo sobre isso Seth, uma vez que está afetando sua vida também. E é natural para você sentir-se amarga sobre isso também Sara, porque agora está afetando sua vida.
- Mas o que nós podemos fazer, Salomão? Não há nada que possamos fazer?
- Sim, sem dúvida, Sara. Vocês tem muito mais poder para afetar positivamente as coisas do que se dão conta.
- Mas Salomão, somos apenas crianças, como podemos...

Salomão interrompeu Seth.
- Quem está conectado com a Fonte é mais poderoso que um milhão que não estão conectados.
Seth e Sara olharam-se fixamente.

- Quer dizer que nós podemos fazer alguém fazer algo que não quer fazer?
- Não exatamente. E não é trabalho seu descobrir o que será feito ou como precisa ser feito. Seu trabalho é imaginar um final feliz para todos, e a Lei da Atração providenciará isso.
- O que você quer dizer com para todos? Você diz para o velho mau Bergheim e seu filho?
- Seth, sua amargura pode ser natural nessas circunstâncias, mas não lhe ajuda em nada. Lembre, quando você se sente zangado ou amargo, você não está conectado à Fonte de Bem-Estar. E quando você não está conectado à Fonte, o seu poder de influência torna-se insignificante.

Seth ficou quieto. Ele sabia que Salomão falou sobre isso muitas vezes.

- Não tente descobrir o que vai acontecer. Apenas finja que esse trauma passou e que tudo está bem. Finja que você e Sara continuam se encontrando na casa da árvore, e que sua vida fica cada vez melhor. Encontre alguns pensamentos que sejam agradáveis e fáceis de achar, e mantenha-os em sua mente. E quando outros pensamentos vierem, e eles virão por um tempo, apenas relaxe e liberte-os. E foque novamente nos pensamentos que lhe fazem bem. E observe o que acontece.
- Salomão, você vai nos ajudar? – Sara perguntou.
- Ajuda virá de infinitos lugares e se mostrará de infinitas maneiras. Vocês ficarão impressionados de quanta assistência vão receber para ajuda-los com o seu desejo. Mas primeiro vocês precisam ser um equivalente ao seu desejo.

Sara e Seth olharam-se. Eles sabiam sobre equivalências vibratórias, eles lembraram do prisma na sala de artes, do gás de ovos podres e da sirene de incêndio... Ambos sentiram-se muito melhores.

- Nós podemos fazer isso! – ambos disseram ao mesmo tempo.
- Sem dúvida que podem – disse Salomão.
- Salomão – Sara perguntou – Sabe, como você tem falado para nós que o Universo responde nossa vibração? E que a Lei da Atração faz o trabalho? Bem, funciona mais rápido se é sobre algo que nós realmente nos importamos? Quero dizer, tipo, com a casa da árvore, parece que coisas mágicas começaram a acontecer bem rápido.
- Sempre acontece rápido, Sara, seja algo grande ou pequeno. É tão fácil um castelo quanto um botão. Divirtam-se com isso. Façam o melhor que puderem para imaginar um resultado feliz. Não tentem imaginar como vai acontecer. Pulem a parte de como vai acontecer, quem vai ajudar, quando vai acontecer, ou onde. Foquem no que vocês realmente desejam e porque desejam. E acima de tudo, busquem por um sentimento de alívio. Tudo está bem aqui.

Sara e Seth observaram Salomão levantar voo e desaparecer no céu. Eles ficaram quietos... pensando no seu futuro.
- Eu não sei por onde começar – Seth reclamou. – Toda vez que tento pensar em algo, penso em alguma coisa ruim.
- Eu sei, eu também – disse Sara. – Talvez se pensarmos em algo ruim que aconteceu, e então pensarmos o oposto.
- Como assim?

- Bem, podemos pensar como foi quando seu pai chegou em casa e disse que perdeu o emprego, e então podemos fingir o oposto.
- Entendi o que você quis dizer... Ok, estou sentado no meu quarto, e ouço a porta da frente bater, e posso ouvir a voz do meu pai na cozinha...
- Como ele parece? Está feliz?
- É – Seth sorriu. – Está. Ele está realmente feliz e agora posso ouvir a voz da minha mãe, e ela parece feliz também. Eu desço as escadas e vejo eles se abraçando, e minha mãe está limpando o rosto com o lenço.
- O que você acha que aconteceu? – disse Sara entrando na imaginação de Seth.
- Salomão disse que não temos que descobrir os detalhes, apenas o final feliz.
- Bem, isso parece bom.
- É.
- Eu desejo muito que isso funcione – disse Sara.
- Eu também. De qualquer forma, eu me sinto melhor agora.
- Eu também.
- Melhor eu ir andando.
- É, eu também.
- Seth! – Sara chamou quando já saía – Se seus pais não estiverem felizes esta noite, você pode lembrar nossa versão em vez da deles. Entende o que eu digo?
- Entendi. Acho que vou para a cama cedo. Será mais fácil de imaginá-los felizes se eu não estiver olhando seus rostos tristes.
- É boa ideia – Sara riu.
- Seth! – Sara chamou novamente. – Eu realmente acredito que ficará tudo bem. Tenho mesmo um bom pressentimento sobre tudo isso.
- É, vejo você depois.

Capítulo 32
Funciona

- Sara, telefone! – sua mãe chamou da cozinha.
Sara pôs a cabeça fora do quarto e perguntou:
- Quem é?
- É a Sra. Wilsenholm, Sara. Porque a Sra. Wilsenholm está chamando você?
- Oh, eu não sei. Pode ser porque a ajudei a encontrar sua gatinha.

Sara pegou o fone e esticou o longo fio o mais longe possível da sua mãe, sem que ficasse óbvio demais que ela não queria que sua mãe escutasse.

- Sara, eu tenho muito boas notícias para você. Meu marido decidiu não cortar as árvores. Mas ele diz que quer ver você. E seu amigo também. Pode passar aqui depois da escola?
- Ok – disse Sara, tentando manter a voz calma para não revelar seu entusiasmo.
Sara desligou o telefone e dirigiu-se para o seu quarto.
- Sara, era sobre o quê? – sua mãe parecia suspeita.

- Oh, nada. A Sra. Wilsenholm pediu-me para passar na casa dela hoje depois da escola. Tudo bem, não é?
- Bem, acho que sim.

Uma vez dentro do quarto, Sara subiu na cama. Ela saltou pra cima e pra baixo de excitação, segurando a mão na frente da boca para conter-se e não gritar.

"Funciona! Funciona! Funciona!" ela gritou mentalmente.

Sara mal podia se conter. Ela queria muito encontrar Seth e contar-lhe as boas novas sobre as árvores e o encontro deles marcado com a Sra. Wilsenholm.
Sara apressou-se no caminho para a escola. Ela sentou-se na parede de pedras ao lado do prédio da administração, de onde ela poderia ter uma boa visão da entrada e do mastro da bandeira e esperou por Seth. Ela observou muitos alunos chegando de carro, ônibus e a pé, mas nada de Seth.

"Onde ele está"? Sara começou a ficar preocupada. "E se sua família já estiver se mudado e ele estiver ajudando a carregar o caminhão"?
Sara estremeceu. Esse pensamento era realmente desagradável.
Enquanto esse forte sentimento de desconforto envolveu Sara, ela lembrou das palavras de Salomão: "Você não pode ter um final feliz em uma jornada triste. Preocupação e Bem-Estar são vibrações opostas; o Bem-Estar não pode vir quando você está com o sentimento de preocupação".

- Eu sei, eu sei – disse Sara em voz alta.
- Sabe o quê? – disse Seth vindo pro trás de Sara e surpreendendo-a.
- Caramba, Seth, você me mata de susto! Mas o que você está fazendo atrás do prédio?
- Ah, nem sei. Saí mais cedo e vim pelo caminho mais longo. Dando um tempo pra mim.

Sara pressentiu que Seth ia descrever a tensão em sua casa, mas ela sorriu ao perceber que ele estava deliberadamente evitando o assunto, ou como diria Salomão, não estava adicionando poder à situação negativa.

- Seth, tenho ótimas novidades. A Sra. Wilsenholm chamou-me ontem à noite e disse que seu marido decidiu não cortar nossas árvores, mas ele que me ver, e a você também. Ela pediu que fôssemos à casa dela depois da escola. Você pode?
- Sim, acho que posso. Sara, isso é demais!

O sinal tocou e eles sentiram-se desapontados por serem tirados da alegre conversa.
Eles andaram pelo gramado até a calçada.

- Por que será que ele quer nos ver? – ponderou Seth.
- Eu não sei.
- Bem, vejo você mais tarde. Na ponte de tronco?
- Sim. Imagine um resultado feliz! – sugeriu Sara.

- É, você também.

Capítulo 33
Casa na árvore de quem?

Sara lutou para manter sua mente no que acontecia na aula. Parecia um dia muito longo. Ela tentou imaginar o que o Sr. Wilsenholm queria conversar com eles, mas cada vez que ela pensava em encontra-lo seu coração disparava e ela perdia o foco nos pensamentos.
Ele era um homem grande, e mesmo que Sara o tivesse visto muitas vezes na cidade, nunca falou com ele. Ele era bem conhecido na comunidade e tinha uma das maiores fazendas; Sara não tinha certeza qual dos pastos no vale pertencia a ele, mas ela sabia que ele tinha muitas terras.
Finalmente, de novo e de novo, Sara voltou ao pensamento fácil de encontrar de balançar na árvore com Seth. Ela sempre gostava de relembrar sua primeira descida da corda e seu primeiro pouso perfeito.

"É incrível quanto prazer você pode ter apenas por lembrar o mesmo momento feliz várias vezes" pensou Sara, e sentiu arrepios por todo o corpo.

Quando o sinal tocou, ela saltou e correu da sala de aula; colocou todos os seus livros no armário e correu pelos portões da frente até a ponte de tronco.
Seth já estava lá aguardando quando ela chegou. Ambos estavam sem fôlego e sorrindo.
- Bem, aqui vamos. Vejamos o que acontece – disse Sara.

Eles caminharam pelo longo gramado até a porta da frente da casa dos Wilsenholm. Sara não deixou de notar como tudo parecia adorável dentro desse jardim. Grandes árvores sombreavam o caminho e grama delicada crescia entre as pedras planas que formavam o caminho.
Eles bateram a grande aldrava de bronze da porta e aguardaram.
A Sra. Wilsenholm veio até a porta com um sorriso de boas vindas.

- Sara, obrigada por ter vindo. E quem é esse belo jovem?
- Eu sou Seth. Seth Morris. Prazer em conhece-la.

Sara sorriu. Seth pareceu firme e formal. Ela pensou que se ele estivesse usando um chapéu, teria tirado nessa hora.

- Entrem e sentem-se. Eu fiz biscoitos para vocês. Suponho que suas mães não vão importar, certo?
- Não, muito gentil de sua parte.
- Fiquem confortáveis. Vou buscar os biscoitos. Meu marido deve chegar em instantes.

Sara e Seth sentaram-se desajeitadamente no grande sofá. Essa era a casa mais bonita que sara já tinha entrado, e ela pode perceber pelo modo como Seth olhava ao redor que essa era uma experiência incomum para ele também.

Eles ouviram uma porta de carro bater, e a Sra. Wilsenholm chegou com os biscoitos.

- Ah, aí está ele, bem na hora como sempre. Imagino que ele vá lavar as mãos e logo estará aqui. Vamos, comam alguns biscoitos. Voltarei logo.

Sara mordeu seu biscoito. Ela tinha certeza que estava delicioso, mas ela não estava com muita vontade de comê-lo. Sua mente estava girando e seu coração estava disparado.

- Eu nunca estive tão nervosa antes.
- Nem eu- disse Seth.

O Sr. Wilsenholm entrou na sala.

- Bem, aí estão. Você deve ser a famosa Sara, que escala árvores como se tivesse nascido nelas, e que resgata gatinhos.
Sara sorriu e disse:
- Sim senhor.
- E quem seria você? – disse o Sr. Wilsenholm pegando a mão de Seth e apertando-a vigorosamente.
- Seth, Seth Morris, senhor – disse Seth engolindo seco. Esse era um homem poderoso, talvez o homem mais poderoso que Seth jamais viu de perto.
- E se eu entendi corretamente, são vocês dois que andam invadindo até minhas árvores pelos últimos meses?
- Sim, senhor – Seth e Sara disseram juntos.
- Muito bem – o Sr. Wilsonholm sentou-se olhando para eles atentamente.
- Quem amarrou a corda na árvore?
- Fui eu, senhor.
- E quem construiu a casa na árvore?
- Fui eu, senhor.
- Hum... – o Sr. Wilsenholm inclinou-se para a frente e pegou um biscoito do prato na mesa. – Eu estive na sua casa na árvore, ou acho que eu deveria dizer minha casa na árvore, ontem. Olhei muito bem para ela. Devo dizer que fiquei impressionado com a firmeza da construção. Onde você conseguiu os materiais para isso?
- Bem, senhor – Seth engoliu – Eu consegui de alguns lugares. O professor de marcenaria deu-me algum material... sobras e coisas assim, que ele iria jogar fora. O professor de educação física deu-me a corda, porque é muito áspera para escalar e estava fazendo muitas bolhas nas mãos dos garotos. Meu pai trabalha... trabalhava na loja de ferragens e levou algumas sobras para casa, algumas aparas.
- Seu pai lhe ensinou como construir daquele jeito?
- Não realmente. Eu aprendi por conta própria. Gosto de trabalhar com madeira.

Sara sorriu. A conversa parecia estar confortável.

- Meu pai na verdade é fazendeiro. Pelo menos é o que ele mais tem feito. Mas ele poderia ensinar-me a construir, quero dizer, se eu pedisse. Ele é muito bom nisso. Quero dizer, ele pode fazer quase qualquer coisa.
- Bem, filho, eu queria encontrar a pessoa que fez aquele ótimo trabalho na casa da árvore. Meu capataz está para se aposentar. Seus filhos estão crescidos e eu acho que ele está cansado de trabalhar. Ele diz que vai ficar até que eu consiga alguém para substituí-lo, mas ele não quer mais trabalhar duro. Eu pensei que ele poderia ter alguém como você para ajuda-lo. Ele poderia lhe mostrar o que precisa, por um tempo, até que eu encontre um capataz que o substitua.

Uma ideia explodiu na cabeça de Seth, e a mesma ideia explodiu na cabeça de Sara ao mesmo tempo. Eles se olharam, sabendo o que cada um estava pensando.

E então a Sra. Wilsenholm falou:
- Stuart, talvez você possa contratar o pai do rapaz. Parece que ele é exatamente quem você está procurando.

O Sr. Wilsenholm ficou quieto por um longo instante... Sara e Seth estavam quietos... parecia até que ninguém estava respirando. Então o Sr. Wilsenholm falou:
- Você disse que seu pai trabalha na loja de ferragens?
- Sim, senhor.
- Homem alto? Magro? Cabelo da cor do seu?
- Sim, senhor.
- Creio que o encontrei outro dia. Ele me ajudou um bocado. Ficou até mais tarde. Não reclamou nada.

Sara e Seth olharam-se com satisfação. Eles mal podiam acreditar que a Sra. Wilsenholm tinha realmente dito o que eles haviam pensado. Tudo estava caminhando tão rápido.

- Você disse que seu pai está procurando trabalho?
- Sim, senhor. Quero dizer, acho que sim.

O Sr. Wilsenholm pegou sua carteira do bolso e tirou algo dela. Ele deu para Seth.
- Dê meu cartão para seu pai. Peça para ele me chamar se estiver interessado em dirigir meu rancho. Diga que eu gostaria de conversar a respeito. Pode ter um lugar para você também, Seth, se quiser.

A Sra. Wilsenholm ficou na porta, irradiando alegria.
- Sim, senhor! – Seth exclamou, olhando o cartão de visitas como se fosse de ouro brilhante. – Eu entregarei a ele imediatamente.

Sara alcançou um guardanapo que a Sra. Wilsenholm colocara na mesa na frente dela. Ela não havia notado, mas as pequenas gotas de chocolate do seu biscoito haviam derretido na sua mão. Ela enfiou o último pedaço do biscoito na boca e limpou as mãos no guardanapo.

- Bem, crianças, - disse o Sr. Wilsenholm – obrigado por terem vindo. Sara, obrigado por ajudar a Sra. Wilsenholm. E Seth, aguardarei o seu pai fazer contato. E se vocês crianças quiserem brincar na minha casa na árvore, bem, acho que está tudo bem para mim. Mas tenham cuidado, ouviram?

Sara e Seth ficaram fora no alpendre. Eles não sabiam se riam, se choravam ou gritavam. Eles fizeram o que podiam para se conter enquanto fingiam calma por todo o caminho até o fim do gramado, e só então saíram pulando e gritando de alegria por um quarteirão e meio.
- Ninguém acreditaria no que aconteceu, Sara. Nós conseguimos! Nós conseguimos! Nós conseguimos!

Capítulo 34
Não importa o que

- E o que no Morro Sam faz ele pensar que eu tenho o mínimo interesse em trabalhar no seu rancho extenuante? – o pai de Seth quando ele pôs o cartão do Sr. Wilsenholm sobre a mesa.

Seth ficou aturdido com a resposta do pai para o que ele considerava uma miraculosa boa nova.

- E em primeiro lugar, o que diabos estava você fazendo lá?

Seth ficou quieto. Ele sabia que jamais seria capaz de explicar para seu pai a longa lista de milagres que a Lei da Atração providenciou, que culminaram no encontro com o Sr. Wilsenholm. Seth aprendeu com muitas experiências passadas que quando seu pai estava nesse mau humor o melhor a fazer era ficar quieto. Quanto menos falasse, melhor. Seu pai parecia ter a mania de distorcer todas as boas intenções em algum ato de transgressão.
Seth sentiu os olhos enchendo-se de lágrimas. Como isso podia estar acontecendo? Como podia algo tão maravilhoso transformar-se em algo tão terrível? Seria realmente possível que seu pai fosse deixar essas oportunidade?

- Vai, saia daqui! – seu pai gritou.

Seth ficou feliz em sair dali antes que seu pai visse as lágrimas em seus olhos.
Ele lavou o rosto, penteou o cabelo, saiu pela porta da frente e correu o caminho todo até a escola. Ele cortou pelo campo de futebol, passou pelo vestiário dos meninos, subiu as escadas do ginásio, subiu na arquibancada e aguardou o sinal. Ele não queria encontrar-se com Sara naquela manhã. Ele não queria contar-lhe essa terrível notícia.

"Não há motivo para estragar o dia dela também" pensou Seth.

Sara procurou por Seth o dia todo. Ela mal podia esperar para saber o que aconteceu. Ela só sabia que o pai dele ficaria emocionado por ter essa oportunidade de um trabalho tão maravilhoso. O último sinal tocou. Sara ficou imaginando porque não viu Seth o dia todo, mas ela estava tão feliz por poder voltar à casa da árvore que ela não deu atenção à preocupação.

Seth já estava empoleirado na casa da árvore quando Sara chegou. Ela subiu a escada alegremente, mas no primeiro olhar para a face de Seth ela soube que algo estava muito errado.

- O que houve? – ela perguntou.
- Meu pai não quer o emprego.
- O quê? – espantou-se Sara. Ela não podia acreditar no que estava ouvindo. Sara sentiu raiva. – Como ele pode...?
Salomão chegou do alto.
- Boa tarde, meus bons amigos sem penas.
- Oi Salomão – Sara resmungou. Seth não levantou os olhos.
- Essa é uma parte muito importante da manifestação.
- Que manifestação? – retornou Seth com raiva. – Não está se manifestando. Acabou. Meu pai se encarregou disso.
- Bem, se fosse você eu não teria tanta certeza.
- Por quê? Você sabe algo que não sabemos? – perguntou Sara, esperançosa.
- Bem, eu sei como a Lei da Atração funciona. E eu sei que vocês ainda têm a sua visão para focar. E eu sei que se vocês continuarem a focar na sua versão do cenário, do seu estado de sentirem-se bem, a Lei da Atração pode confirmar a ajuda-los.
- Mas Salomão, meu pai disse que não quer o emprego.
- Eu sei como isso parece, mas a Lei da Atração é poderosa. Seu pai é um homem muito orgulhoso, Seth. E ele teve uma reação muito forte com essa oferta, sentindo-se rejeitado pelo Sr. Bergheim. Mas você não deve deixar a realidade atual fazer você perder a sua conexão. Lembre que seu poder de influência depende de você manter-se conectado à Fonte. Eu percebo que é sempre mais fácil permanecer conectado à Fonte quando as coisas vão bem, mas os criadores mais poderosos continuam conectados à Fonte não importa o que aconteça. Vejam, crianças, existem criadores de bom tempo e criadores de qualquer tempo. É fácil ser um criador de bom tempo, sendo feliz quando tudo está do jeito que você gosta, mas quando você é capaz de manter a sua vibração e sentir-se bem sob todas as condições, aí é que sua verdadeira habilidade criadora se mostra. E além do mais, sua visão e a Lei da Atração já trouxeram vocês tão longe! Eu não desistiria dessa visão tão cedo.

Sara estava sentindo-se muito melhor. Salomão já tinha conversado com ela em tantas crises. Seth também parecia mais iluminado.

- Bem, e o que você acha que eu devo dizer ao meu pai?
- Oh, eu não diria nada a ele. Não sobre esse assunto – respondeu Salomão. Eu apenas manteria a visão de um resultado feliz, e deixaria a Lei da Atração descobrir como realiza-lo. Você se preocupa muito, meu amigo. Tenha fé num resultado feliz.
- É que quando meu pai põe algo na cabeça...

Seth parou no meio da sentença, ciente de que estava adicionando à vibração do que ele não queria. Salomão sorriu.
- Veja, Seth, isso é que é fé: manter a visão daquilo que você realmente deseja mesmo quando as evidências apontam para o oposto. Fé é confiar na Lei da Atração e estar disposto a ser paciente enquanto ela faz seu trabalho.

- Gostaria que fosse logo.
- Seja paciente enquanto a Lei da Atração faz seu trabalho – repetiu Salomão.
Seth e Sara riram.
- Ok, Salomão, vou cuidar disso.
- Se eu estivesse em seu lugar, eu me aqueceria em apreciação ficando nessa casa da árvore. Eu reconheceria como as coisas estão indo bem para você. Eu lembraria que um dia vocês foram banidos deste glorioso ninho e no outro dia vocês ganharam a gloriosa posse de uma permissão de acesso ilimitado. Isso é algo incrível. Vocês concordam?
- Sim – responderam ao mesmo tempo.
- Eu notaria como vocês são poderosos e como o Universo alinhou uma sequência de circunstâncias e eventos perfeitos para ajudar vocês e então eu notaria que essa sequência de circunstâncias e eventos nunca termina. Boas coisas fluirão eternamente para vocês. Fiquem de olho nas evidências disso. Percebam que num primeiro instante, antes de tantas coisas maravilhosas acontecerem, vocês tiveram que cria-las em sua mente. Mas agora vocês tem o benefício de poder lembrar dessas coisas enquanto vocês continuam a criar coisas boas em sua mente. Por isso é que fica cada vez mais fácil. Divirtam-se com tudo isso.

E com essas últimas palavras poderosas, Salomão voou para longe.
- Essa é uma ave otimista – disse Seth, rindo enquanto Salomão ia embora.
Sara riu.
- Eu só queria ser como ele.
- Eu também.

Capítulo 35
É hora de uma soneca?

Sara não viu Seth na escola o dia todo. Ela não podia acreditar que seus caminhos não tivessem cruzado. Ela queria encontra-lo, assim se ele precisasse ela daria uma levantada em seu astral. Ela sabia que ele devia estar tendo dificuldade para manter-se sentindo-se bem com tanta coisa negativa em casa.
E então ela lembrou de Salomão ter ensinado a eles sobre ignorar o que é, se isso não lhe agrada, e no lugar por sua atenção no seu sonho ou visão. Ela e Seth praticaram isso com frequência, mas ela sabia que estava ainda longe de ser capaz de controlar seus pensamentos sempre, e ela não sabia se Seth estava conseguindo isso, porque ele estava vivendo no meio do problema todo.
Sara pensou como Seth tinha se tornado tão bom amigo, e por um momento ela sentiu um forte nó no estômago ao imaginar que Seth poderia mudar-se da cidade. O sentimento de vazio foi tão forte que quase lhe tirou o fôlego.

- Ufa! – ela disse alto – Acho que está claro que isso não combina com meu desejo.

Sara respirou fundo e tentou encontrar um pensamento melhor. Sua mente foi imediatamente para a casa da árvore e para os balanços na corda sobre o rio que Seth amarrou tão bem. Então ela pensou na plataforma e neles sendo proibidos de ir até lá, e como tudo se resolveu tão

maravilhosamente. Ela pensou na gentil Sra. Wilsenholm e sua gatinha, e no rude Sr. Wilsenholm com seu brilho no olhar.
Ela pensou no querido e doce Salomão e na amável orientação que ele sempre oferece. Ela lembrou como acreditou que seu coração fosse se partir quando ele morreu, como ela ainda sobreviveu quando a pior coisa possível aconteceu e como, de várias maneiras, as coisas na verdade ficaram melhores depois daquilo. Aquele ponto que parece ser o fim absoluto da alegria acabou tornando-se o ponto inicial de uma alegria ainda maior.

Um bando de gansos passou voando e grasnando sobre ela, e Sara sorriu ao lembrar os primeiros ensinamentos de Salomão sobre pássaros da mesma plumagem que voam juntos. E lembrou da sua primeira introdução às ideias da Lei da Atração.

- Cara, foi um longo caminho! – ela admirou-se.

Sara notou como em poucos minutos que ela deliberadamente ficou escolhendo pensamentos, desapareceu aquele aperto desagradável no estômago. Ela sorriu ao perceber que estava fazendo exatamente aquilo que Salomão lhe ensinou: definir sua própria vibração.
"Vou esperar mais dois minutos, e se Seth não aparecer, vou até a casa da árvore. Ele pode nem ter vindo à escola hoje. Provavelmente vai me encontrar lá" pensou Sara.
Dois minutos se passaram e ela dirigiu-se à casa da árvore.

Enquanto caminhava, suas preocupações retornaram. Esperar que Seth estivesse esperando por ela na casa da árvore, mas não ter certeza disso apenas lembrou a ela como era importante que ele estivesse lá.

"Bem, mesmo se ele não estiver lá isso não significa nada. Há milhões de coisas que poderiam impedi-lo de ir à escola ou à casa da árvore. Isso não faz a menor diferença" ela fingiu. Mas seu medo não mudou em nada. Na verdade, até piorou.
Quanto mais Sara lutava para livrar-se da ideia de Seth mudando-se da cidade, pior ela se sentia.

- Isso é ridículo – ela disse em voz alta – Eu sei que posso controlar como eu me sinto. Eu preciso de uma energia de apreciação – Sara lembrou do jogo de Salomão.
- Vamos ver, lembrar de algumas coisas que eu aprecio.
Eu aprecio como a Lei da Atração funciona para mim e para todos.
Eu aprecio como a Sra. Wilsenholm nos ajudou a ter a casa da árvore de volta.
Eu aprecio como a gatinha da Sra. Wilsenholm me apresentou a ela.
Eu aprecio como a Sra. Wilsenholm nos apresentou ao Sr. Wilsenholm.
Eu aprecio conhecer Seth...

Cada vez que ela pensava sobre Seth aquele sentimento triste e doente retornava em seu estômago. Uma lágrima rolou sua face.
- Oh Salomão – ela suspirou – O que farei se Seth se mudar? Como poderei encontrar outro amigo como ele?
Sara enxugou o rosto com a manga e estava brava consigo própria por estar ficando triste.

- Isso não está ajudando a ninguém – disse em vozalta.

As palavras de Salomão estavam se acumulando em sua mente: “Defina sua própria vibração... não preste atenção ao que é... mantenha sua atenção num resultado feliz... a Lei da Atração fará seu trabalho... não desista tão fácil... acalme-se... tudo esta bem aqui...” Essas palavras ajudaram.
Sara subiu a escada da árvore. Seth não estava lá, nem Salomão.
- Onde estão vocês? – Sara disse alto.
Sara tentou encontrar pensamentos felizes, mas a realidade do agora e a ausência de Seth eram muito fortes para ela superar.
- Uma longa soneca é uma boa ideia – disse Salomão descendo até o chão da casa da árvore.
- Salomão! Onde esteve?
- Em todo lugar – Salomão sorriu.
- Salomão – Sara começou.
E Salomão interrompeu:
- Sara, algumas vezes a melhor coisa a fazer é tirar sua mente de qualquer coisa que a esteja preocupando. A Lei da Atração está tomando conta das coisas. Vá para casa, doce menina, e vá dormir cedo.

Salomão foi até o galho onde a corda estava amarrada e dali voou para longe.
- Caramba, nem Salomão pode me levantar o astral... – choramingou.

Ela desceu da árvore e foi para a casa.
- Preciso dormir.

Capítulo 36
Lembre sua visão.

Esse foi o primeiro dia desde a chegada na cidade que Seth não foi à escola. Ele acordou com o barulho da mãe trazendo caixas para a sala, arrumando-a para que ficassem prontas para empacotar.

- Para que são todas essas caixas? – perguntou Seth, como se não soubesse. Ele pisou sobre elas e ao redor delas para chegar à cozinha.
- Para empacotar. Estamos nos mudando – disse sua mãe calmamente. Seth pode ouvir o descontentamento em sua voz. Apesar de sua mãe não comentar sobre nada, Seth sentiu que ela realmente começou a gostar dessa pequena cidade montanhosa. Ela parecia mais contente do que Seth jamais vira antes. E mesmo que ela estivesse sempre ocupada e trabalhasse duro, mais do que Seth achava necessário, essa estada nessa casa, com o marido ganhando bem na loja de ferragens, foi um alívio na dura vida de fazendeira que teve até hoje.

Seth sentiu-se triste ao ver sua mãe. Ele podia senti-la temendo o futuro desconhecido. (Ou talvez não fosse assim tão desconhecido, pensou Seth).

- Comece a se despedir, filho. Parece que não ficaremos aqui muito mais que uma semana.

Seth sentiu um grande aperto na garganta.

- Ahn – ele disse, saindo para a varanda.
- Salomão – ele murmurou.
- Lembre de sua visão – a voz de Salomão respondeu em sua cabeça.

Segurando na coluna da varanda, Seth fechou os olhos e se viu balançando na corda da árvore. Em sua mente ele pode ouvir a voz de Sara rindo, e ele pode sentir o vento em seu rosto. O aperto na garganta desapareceu, e ele sentiu-se melhor.

- Vá mais longe – disse a voz de Salomão – Veja sua mãe.

Seth manteve os olhos fechados com força. Ele imaginou sua mãe trabalhando alegremente pela casa, ele imaginou-a sentindo alívio. Ela estava sorrindo. Ele sentiu alívio imediato.

- Esse é um bom trabalho – disse a voz de Salomão em sua mente.

Seth abriu os olhos. Ele podia ouvir sua mãe movendo as caixas, mas ele lutou para manter sua atenção em alguma outra coisa. Ele não queria voltar à dolorosa realidade. Ele queria manter sua atenção em sua visão escolhida.

- Não sei onde você tem passado seu tempo, filho, mas seja onde for, é melhor que vá passar algum tempo lá. Enquanto pode.
Sua mãe estava realmente encorajando-o a ir até a casa da árvore? Parecia que sim.

Seth disparou pela varanda e correu pela trilha Thacker. Subiu, subiu, subiu em sua gloriosa árvore e sentou-se lá, sozinho, sem fôlego e exultante.

“Boas coisas fluirão até você. Fique de olho nas evidências disto”. Seth lembrou as palavras de Salomão.
Ele sorriu. Sua mãe acabara de dar-lhe evidência de que o Bem-Estar estava fluindo.

Seth fechou os olhos e em seu estado de conexão imaginou boas coisas: Ele fingiu que seu pai estava feliz. Ele não tentou descobrir porque ele estava feliz. Apenas imaginou-o feliz. Ele mentalmente imaginou sua mãe sorrindo. Ele viu Sara sorrindo. Aquilo era fácil.
Seth agarrou sua corda de balançar e com os olhos fechados ele saltou da árvore, balançando pra frente e pra trás com o vento em seu rosto, sentindo seu voo e sabendo – pelo menos neste breve momento – que tudo estava realmente bem.

Capítulo 37
O Bem-Estar é abundante.

Ao ouvir os sinos de vaca da porta da frente batendo indicando que alguém havia chegado, o pai de Seth veio da sala dos fundos da loja de ferragens.

- Posso ajuda-lo em algo?
- Preciso de parafusos mais longos para estas maçanetas. Elas ficam caindo desses parafusos pequenos.
- Deve ter aqui. Deixe ver, acho que estes servirão. Aqui. Tente este.

O velho homem lidou desajeitadamente com o parafuso e a maçaneta, certificando-se de que era a medida certa.

- Bem, acho que você está certo. Muito obrigado. O senhor facilitou esse serviço para mim. Vou precisar de 24 desses. Melhor eu levar 30, caso eu deixe cair alguns no estrado. São para os armários no celeiro dos cavalos, e o estrado é fundo ali. Meus dedos velhos e desajeitados ficam derrubando as coisas.

O pai de Seth riu. Esse era um homem adorável.
- Ah, eu não me preocuparia. O senhor me parece muito bem.
- Eu já estive melhor há tempo atrás. Estou me aposentando. Eu e minha senhora vamos viajar. Tenho prometido leva-la para visitar seus parentes no leste há anos. Agora finalmente estamos indo. Parecia que eu nunca ia arranjar tempo, você sabe. Mas agora estou pronto. E ela também, com certeza. Mulher paciente. Com certeza.
- O que o mantém assim tão ocupado que não pode ir?
- Sou o capataz do ranho dos Wilsenholm há anos. Um bom trabalho. Não tenho o que reclamar. Paga bem. Tem muitos homens confiáveis que fazem um bom trabalho. Tem que manter os olhos neles, você sabe. Mas são um grupo que trabalha duro e são honestos. O patrão diz que detesta ver eu ir embora. Diz que tenho mantido bem o lugar por anos, mas ele tem um bom palpite sobre a liderança de um homem que ele tem para me substituir. Diz que ele encontrou o homem e que se sente muito bem com o que viu. E diz que ele tem a melhor recomendação que alguém precisaria: a recomendação do filho do homem. Bem, melhor eu ir. A esposa fica triste se fica me esperando para o jantar. Grato por sua ajuda.

O pai de Seth ficou mudo. Era como se um grande peso fosse tirado dele. Ele puxou o cartão dobrado do seu bolso e alcançou o telefone...
Nesse mesmo momento na árvore do balanço arrepios de emoção percorreram todo o corpo de Seth. Ele abriu os olhos percebendo que a corda tinha parado de balançar e que ele estava pendurado bem no meio do rio.

- Cara, estou me deixando levar por essa coisa de sonhar – ele deixou-se cair na água e caminhou até a margem.
- O Bem-Estar é abundante – Seth ouviu a voz de Salomão em sua cabeça. – O Bem-Estar é abundante.

Capítulo 38
Nós fizemos isso!

Sara acordou sentindo-se muito melhor! A sensação ruim passou durante a noite, e enquanto descia a escada da frente sentia-se renovada e revigorada.
"Esse é um lindo dia" pensou Sara quando começou a caminhar para a escola.
Olhando à frente ela pode ver alguém em pé bem no meio do cruzamento. Ela abriu um largo sorriso quando reconheceu Seth. E quando ele viu Sara, foi correndo até ela.
Sara não podia entender o que ele dizia enquanto corria, mas o que quer que fosse eram boas notícias. Ele vinha meio correndo, meio saltando, e gritando. E então Sara começou a ouvir suas palavras:

- Sara, você não vai acreditar! Você não vai acreditar! Ele vai pegar o emprego! Ele vai pegar o emprego! Nós podemos ficar, Sara! É um milagre! Salomão estava certo, Sara. Nós fizemos isso! Nós fizemos isso!

Sara deixou cair sua mochila na calçada e ambos juntaram os antebraços e pularam juntos gritando:
- Nós fizemos isso! Nós fizemos isso! Nós fizemos isso!

Um vizinho saiu da garagem e dirigiu lentamente passando por eles de boca aberta, espantado e com um divertido interesse pela demonstração de alegria deles no meio da rua.
Eles riram.

- Acho que estamos parecendo esquisitos – disse Seth.
- Se ele soubesse! – Sara riu – Se ele soubesse!

Queem, queem... Grasnaram os gansos voando acima deles.
Sara e Seth olharam para cima. Um magnífico bando de gansos voava numa perfeita formação em V e quem acompanhara atrás era ninguém menos que Salomão.
Sara e Seth gritaram de prazer.
Salomão quebrou a formação e desceu espiralmente até Sara e Seth.

- Salomão, o que você estava fazendo com um bando de gansos?
- Bem, é um encontro mais provável do que eu com vocês, Sara e Seth, meus bons amigos sem penas.
Sara e Seth riram.
- Eu sempre quis saber como isso seria.
- O quê, Salomão?
- Voar em formação. Corujas não fazem isso, vocês sabem.
Eles riram novamente.
- Bem, vejo vocês mais tarde. Tenho muito que praticar – disse Salomão levantando voo. – Eles são muito rígidos, vocês sabem. Esses gansos, eles adoram precisão.
- Até mais, Salomão. Nos vemos na nossa casa da árvore?
- Estarei lá – retornou Salomão – Estarei lá.